

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

OFÍCIOS E MESTERES VIMARANENSES NOS SÉCULOS XV E XVI.

FERNANDES, Isabel Maria e OLIVEIRA, António José de

Ano: 2003, 2004 | Número: 113-114

Como citar este documento:

FERNANDES, Isabel Maria e OLIVEIRA, António José de, Ofícios e mesteres vimaranenses nos séculos XV e XVI. *Revista de Guimarães*, 113-114 Jan.-Dez. 2003-2004, p. 43-209.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

OFÍCIOS E MESTERES VIMARANENSES NOS SÉCULOS XV E XVI

*Isabel Maria Fernandes**

*António José de Oliveira***

1. Produzir, comprar e vender em Guimarães: antecedentes

A importância de uma vila, ou de uma cidade, na época medieval e moderna, pode «medir-se» através dos mesteres que aí se exerceram.

No caso concreto da actual cidade de Guimarães, vila até 22 de Junho de 1853, podemos mesmo afirmar que o rumo que hoje lhe conhecemos - forte componente industrial na área do têxtil, das cutelarias, dos curtumes e do calçado -, estava traçado desde a Idade Média.

O burgo vimaranense, nascido na centúria de Novecentos, quando a condessa Mumadona Dias aí decide construir um mosteiro (MIL ANOS, 2000: 16-17), foi fortalecido, no final do século XI, quando D. Henrique e sua mulher D. Teresa, aí se estabelecem como detentores do condado portugalense, e o velho cenóbio dá, mais tarde, origem a uma Colegiada. Seu filho, D. Henrique, conquista, em Guimarães, o direito ao trono do condado e do reino que haveria de ser Portugal (MIL ANOS, 2000: 20-27).

O burgo, nascido no século X sobre o culto divino a O Salvador e a Santa Maria, cedo elege como sua protectora Santa Maria de Guimarães, que, com o correr dos anos e a devoção dos homens, passa a designar-se Nossa Senhora da Oliveira.

O burgo vai crescendo em torno de dois pólos aglutinadores, o castelo e a colegiada (cuja origem se detecta no início da centúria de 1100), demonstrando vivacidade para ser auto-suficiente (MIL ANOS, 2000: 32-39).

Situada entre montes e vales, com linhas de água que lhe fertilizam o solo e lhe dão a força motriz necessária para fazer girar moinhos e atafonas*,

* Directora do Museu de Alberto Sampaio / Instituto Português de Museus. E-mail: masampaio@ipmuseus.pt. Tel. Museu - 253 423910.

** Professor. Colaborador do Museu de Alberto Sampaio.

cedo os seus habitantes se vão dedicar a trabalhar o que a terra lhes oferece - a pedra, o barro, os couros, o linho* e a lã. Povoada de igrejas e mosteiros de reconhecido jaez, sede de uma poderosa Colegiada e de uma Santa que recebe a veneração dos poderosos, cedo o burgo se povoa dos mesteiros necessários a abastecer quem nele vive e os que a ele se dirigem.

O reconhecimento da importância da vila de Guimarães é atestado pelo manancial de documentos concedidos pelos primeiros reis e seus sucessores os quais lhe outorgam privilégios, fazendo, por vezes, referência ao comércio que nela habita.

Já no primeiro foral vimaranense, concedido pelo Conde D. Henrique, algures entre os anos de 1095 e 1096, dá para perceber o intercâmbio de produtos, alguns dos quais sabemos serem produzidos em Guimarães, desde, pelo menos, a Idade Média. Neste foral se refere, por exemplo, curtumes - «peles de coelho», «coiro de boi ou de vaca» -, ou vestuário - manto*, capa*, saia*, bragal* (FORAL, 1996).

Mais tarde, em 1258, através da carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, ficamos a conhecer alguns dos produtos que, na época, se comercializavam no burgo: gado - bois, porcos, vacas, carneiros, ovelhas, cabras, cavalos, rocins, poldros, machos, burros, éguas, mulas ou burras; produtos alimentares e condimentos - vinho, grão, pimenta, sal, sardinha, congro seco, pescada fresca e seca, alhos; produtos têxteis - panos* de cor, picotes*, burel*, «segovianis» (panos de Segóvia?), manta galega, feltro*, panos de linho*, panos de bragal*; vestuário - zorame de homem, capa* de homem de cor ou de outro pano, saia* de homem, garnacha* de mulher, zorame de mulher, saia* de mulher; curtumes - peles, curtidas ou não, pele de cordeiro, de «avortonis», de cabrito, de coelho, de coelho trabalhada; couro de vaca curtido e por curtir; pele de cabra curtida e por curtir; couros vermelhos; metais - ferro, peças de ferro, aço; e, também, cera (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 174-176; VMH, 1931: 218-219).

Através de uma carta de D. Dinis enviada ao alcaide de Guimarães, em 1308, ficamos a saber que se proibia aos «regateiros ou regateiras» que vinham vender os seus produtos à vila ou ao Castelo de Guimarães, que os começassem a vender fora da Vila ou do Castelo «em os caminhos por onde os trouxeram» (ALMEIDA, 1923: 29-30).

No mesmo ano, uma outra carta de D. Dinis dá-nos conta dos abusos perpetrados pelo pretor do rei contra os habitantes de Guimarães, no período em que decorria a feira. Este obrigava a que os «[alfagemes?], não sangrem nem cerceiem, nem os ferreiros não ferrem as bestas*, nem os alfaiates, nem os sapateiros não cosam, nem as mulheres não fiem, nem teçam». Através deste documento, fica provado que, nesta época, tal como seria de esperar, já existiam, em Guimarães, alfagemes, ferreiros, alfaiates, sapateiros e tecelãs (ALMEIDA, 1923: 31; A.M.A.P, Pergaminho da Câmara, N.º 3).

Pela carta de privilégios concedida, em 1372, pelo rei D. Fernando aos habitantes da vila e do castelo de Guimarães, ficamos a saber que carnicheiros, padeiras e peixeiros não deviam ser constrangidos a talhar ou vender os seus produtos fora do castelo (VMH, 1931: 416).

O foral concedido por D. Manuel, em 20 de Novembro de 1517 (MEIRELES, 1994), é também um óptimo instrumento quer para se conhecer o que se comercializava naquela época na vila de Guimarães, quer pela referência a algumas profissões (carniceiros, padeiras), quer pela referência aos locais onde se vendia (a carne nos açougues; o pão alvo pela vila e termo; o pescado, na praça; e certos produtos, como, por exemplo, pão e fruta, também nos bancos da Praça).

Entre os produtos referidos no foral manuelino, citem-se alguns: Produtos alimentares - Carne: boi, vaca, carneiro, bode, ovelha, cordeiro, borrego, cabrito, porco ou porca, leitão, galinha, coelho, pato, adem*, pombo, lebre, perdiz, cervo, corço, gamo, toucinho, marrã*; Derivados da carne: ovos, leite, queijos secos, manteiga salgada; Pescado: pescado do mar; marisco; pescado de água doce (truta, bordalo*, boga); Cereais: trigo, cevada, centeio, milho painço, aveia, linhaça; Derivados dos cereais: farinha de linhaça, trigo, cevada, centeio, milho painço e aveia; farelos; pão cozido, biscoito; Doces e adoçantes: queijadas; mel; conservas de açúcar ou mel; Vinho e derivados: vinho e vinagre; Tempêros: sal, azeite, unto, vinagre; Hortaliça: alhos secos, cebolas, hortalica; Fruta verde: melões, laranjas, cidras, peras, cerejas, uvas, figos e castanhas verdes; Fruta e legumes secos: castanhas secas, nozes, ameixas, uvas* e figos passados*, amêndoas e pinhões por britar, avelãs, bolotas, favas secas, lentilhas e todos os legumes secos; Plantas e produtos medicinais - estoraque*, ruibarbo*, mostarda; Produtos cosméticos - estoraque*, águas estiladas*; Espe-

ciarias - pimenta, canela, mostarda; Matérias-primas - pedra, barro; Matérias orgânicas - grão anil* brasil e de todas coisas para tingir; cera, sebo, pez; resina; breu; alcatrão; sumagre* e casca de curtir*; Produtos têxteis - panos* finos de seda*, lã, linho* ou algodão; linho, lã e feltros* em cabelo, fiados ou por fiar que não sejam tecidos; burel*; mantas da terra; Vestuário - roupas; pelicas* e roupas feitas de peles; toucados de seda* ou algodão; Curtumes - couro de boi ou vaca, pele de cervo, corço, gamo, bode, cabras, carneiros ou ovelhas, curtidas ou por curtir; peles de cordeiras, raposas, martas e «toda a pelitaria* ou forros»; Calçado - sapatos* borzequins* e outra «calçadura de couro»; Metais - prata lavrada; aço; estanho; chumbo; latão; arame; cobre; ferro; Armas; Ferramentas; Pedra e derivados - pedra; mós de barbeiro; mós de moinhos ou atafonas*; mós de casca ou de azeite; mós de mão para pão ou mostarda; Madeira e derivados - tonéis, arcas, gamelas e «por toda outra obra e loiça de pau»; tabuado serrado ou por serrar; traves tirantes; madeira grossa lavrada ou por lavar; Palma, esparto e semelhantes - palma, esparto, junça ou junco seco «para fazer empreita»; alcofas, esteiras, seirões, açafates; Outros produtos - sabão, cal, vassouras, papel, vidro «e coisas dele que não tenham barro»; telha, tijolo, louça de barro que não seja vidrada; «málega* e de qualquer louça ou obra de barro vidrada do reino ou de fora dele» (MEIRELES, 1994).

Pelos elementos atrás aduzidos facilmente nos apercebemos de que o território vimaranense, fertilizado pela existência de diversas linhas de água e de alguma matéria-prima (por exemplo, barro e granito) é, desde o nascimento do burgo no século X, quer um espaço propício ao cultivo do linho, à extracção de pedra, ao trabalho do barro, do couro, da tecelagem, das cutelarias e da madeira, quer um espaço de comercialização de produtos - os que produzem, os que lhe chegam de fora e os que os seus mercadores vão fazer chegar a terras de além.

2. A documentação compulsada

Neste texto, procuraremos conhecer os ofícios e mesteres existentes no burgo vimaranense entre os séculos XV e XVI, tendo-se para o efeito compulsado um conjunto significativo de documentação manuscrita, principalmente a existente no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta:

Fontes Manuscritas

Arquivo Municipal Alfredo Pimenta:

- Estatutos antigos, prazos e doações da Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (1390 - 1454). Cota: C-593 (Cota antiga: A-2-3-39)
- Pergaminhos da Câmara (avulsos), N.º 3
- Pergaminhos da Colegiada (avulsos): N.º 278; N.º 300; N.º 334; N.º 346; N.º 357; N.º 363; N.º 372
- Livro da Fazenda do Cabido, N.º 1 (1440-1441). Cota: C-604
- Livro da Fazenda do Cabido, N.º 3 (1412-1413). Cota: C-606
- Livro da Fazenda do Cabido, N.º 4 (1453-1454). Cota: C-607
- Livro da Fazenda do Cabido, N.º 12 A (1515). Cota: C-617
- Livro da Fazenda do Cabido n.º 13 (1520). Cota: C-618
- doc. Avulso. Inventários da Colegiada. Cota: C-729
- 1 Maço (1428-1651). Cota: C-1365 (Cota antiga: A-5-4-89)
- 1 códice da Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães (1540). Cota: C-1367 (Cota antiga: A-5-4-109)
- Foros da Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães. C-1370
- Tombo dos Capões e das Galinhas (séc. XV). Cota: 9-1-70
- Nota antiga (livros N.ºs 10, 11 e 12). C-928
- Livro de notas do tabelião Manuel Gonçalves. Cota: N-10
- Livro de notas do tabelião Cristóvão de Azevedo. Cota: N-50
- Livro paroquial Misto N.º 1 da freguesia de S. Pedro de Azurém. Cota: P-54
- Livro paroquial Misto da freguesia de S. Miguel de Creixomil. Cota: P-231
- Livro paroquial Misto da freguesia de Oliveira do Castelo. Cota: P-359
- Livro paroquial Misto da freguesia de S. Sebastião. P-437
- Livro paroquial de Nascimentos da freguesia de S. Sebastião. Cota: P-441
- Vereações e Acórdãos da vila de Guimarães (1531). Cota: M-1797

Arquivo Nacional Torre Do Tombo:

- Tombo das Capelas e Hospitais da vila de Guimarães (1498). Cota: N-A-272 (Núcleo Antigo nº 272).

Sociedade Martins Sarmento:

- Carta porque apraz a Vossa Alteza que na vila de Guimarães haja mesteres na maneira acima declarada. Évora, 1535. Pública-forma. Cota: SMS, B.S. 13-3-5.
- Taxas da vila de Guimarães (1552). Cota: Arq. 15.

3. Ofícios e mesteres vimaranenses, séculos XV e XVI: delimitação do campo de estudo

Neste estudo, iremos conjugar as profissões encontradas na documentação arquivística compulsada e atrás referida com as «Taxas para a vila de Guimarães» e seu termo, concedidas por D. João III, no ano de 1552. A conjugação das profissões arroladas na documentação e das taxas quinhentistas vimaranenses permitiu ficar a conhecer-se melhor o que se produzia e quem produzia, o que se comercializava e quem comercializava, em Guimarães, nas centúrias de quatrocentos e quinhentos.

As «Taxas para a vila de Guimarães» e seu termo foram publicadas por Eduardo de Almeida, na Revista de Guimarães, com o título de «Regimento de Salários e Preços», datando-as, este autor, do ano 1522 (ALMEIDA, 1930), mas tal não corresponde à verdade. De facto, compulsado o original que se encontra no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento, podemos verificar que a data nele contida é 1552¹, e não 1522, como refere Eduardo de Almeida. Feito este reparo quanto à data, aconselha-se, no entanto, a utilização da restante transcrição, cuja leitura é de um modo geral correcta.

As «taxas para a vila de Guimarães» permitem ficar a conhecer-se o que se produzia e/ou comercializava em Guimarães quinhentista. Neste documento, encontramos referência:

- aos que exercem o seu ofício, vendendo o que fabricam e sendo o que produzem discriminado e taxado: albardeiro, alfaiate, atafoneiro, ataqueiro, banheiro, barbeiro, besteiro, cabouqueiro, carpinteiro de casas, carpinteiro de caixas, cerieiro, coronheiro, correeiro, curtidor, cutileiro, ferrador, ferreiro, oleiro, pedreiro, picheleiro, sapateiro, serrador, serralheiro, surrador, tanoeiro, tecelão, telheiro, tintureiro, torneiro, tosador;
- aos que prestam serviços a terceiros e que por tal são remunerados: almocreve, aluguer de bois, aluguer de odres e trebolhas, barqueiro, guias de bois;

- aos que trabalham por conta de outrem exercendo trabalho não especializado: jornaleiro, trabalhador;
- a produtos alimentares: pão, carne, bois, cabritos, coelhos, codornizes, carneiros, cabras, gado vacum, galinhas, leitões, lebres, manteiga, marrãs*, mel, ovos, ovelhas, perdizes, pombos, patos, queijos, rolas, sal, tordos, toucinho;
- a produtos diversos: burel*, casca para curtir, cal, sumagre*, carvão, cilhas, cabrestos*, cabos de cabrestos*, linhas, lenhas, louça vidrada, lã, linhaça, pergaminhos, sebo, vidro.

Neste documento, manda D. João III «que todos os oficiais mecânicos e pessoas outras que fizerem ou venderem algumas coisas das a que este regimento é posto taxa usem de seus *ofícios e mesteres* como até agora fizeram guardando inteiramente as suas taxas no que a seus *ofícios* pertencer» (ALMEIDA, 1930: 160).

Tal como já o constatou Franz Paul de Almeida Langhans² (LANGHANS, 1975: 282-283), também em Guimarães somos levados a considerar que, dentro das designações «*ofícios e mesteres*», se inclui tanto os mesterais - aqueles que exercem uma profissão ligada à indústria e que têm de ser examinados para serem considerados oficiais do seu *ofício* -, como aqueles que exercem profissões ligadas ao comércio e aos serviços - por exemplo, padeiras, almocreves, barqueiros, taberneiros e mercadores.

Tendo em consideração o documento atrás referido, decidimos utilizar os termos «*ofícios*» e «*mesteres*» de um modo abrangente, designando quer as profissões ligadas à actividade agrícola e industrial quer ao comércio e aos serviços, por haver, como o afirma Langhans, «certa analogia entre o trabalho braçal e o mecânico e entre este e o dos que praticam o comércio» (LANGHANS, 1975: 282-283). Excluímos, no entanto, a referência a cargos administrativos, ligados, por exemplo, à gestão autárquica.

¹ Agradecemos à Dr.ª Maria José Queirós Meireles que nos ajudou na leitura desta data.

² «Nas posturas de Évora dos fins do séc. XIV, ao serem compiladas, incluíam, nas que pertenciam aos mesterais, algumas que lhes não diziam respeito - as referentes aos trabalhadores da lavoura, aos vendilhões e regateiros, às carpideiras e até aos empregados da Câmara, naturalmente por haver certa analogia entre o trabalho braçal e o mecânico e entre este e o dos que praticam o comércio» (LANGHANS, 1975: 282-283).

Refira-se também que utilizamos os regimentos dos oficiais mecânicos da cidade de Lisboa de 1572, e em boa hora publicados por Virgílio Correia (CORREIA, 1926). Estes regimentos permitem ficar a conhecer o que deviam saber fazer os que queriam obter a carta de examinação de ofício de mester, ajudando também a conhecer melhor alguns dos produtos que cada profissional fazia.

O conjugar das profissões (que conseguimos arrolar em documentação manuscrita e impressa, em Guimarães, entre 1400 e 1600) com o que produzia cada mester e quanto custava (tal como vem assinalado nas «Taxas dadas à vila de Guimarães», em 1552), assim como com o que cada profissional de seu mester tinha de saber fazer para poder ser considerado oficial (tal como vem definido no regimento dos oficiais lisboenses de 1572), permitiu obter-se uma visão global do que faziam estes laboriosos antepassados quatrocentistas e quinhentistas.

Houve mesteirais cujo nome e profissão respigamos não da documentação manuscrita por nós compulsada, mas sim da bibliografia já publicada. Deste modo se alargou o âmbito das profissões arroladas e a sua quantificação³.

A unidade de estudo foi a vila de Guimarães, considerando-se a vila muralhada e os arrabaldes mais próximos. *Grosso modo*, foram respigados elementos respeitantes às freguesias de Oliveira do Castelo, S. Paio, S. Sebastião, S. Pedro de Azurém e S. Miguel de Creixomil.

Nunca será de mais salientar que o arrolamento das profissões encontradas e a sua quantificação é aquela que os documentos nos permitiram conhecer. Trata-se tão-só de uma parte da realidade, pois, como bem sabemos, muitos dos profissionais existentes na época nunca terão visto o seu nome apostado em nenhum documento. Por isso, a quantificação dos profissionais deve ser entendida como indicativa. Mesteres houve que se encontram pouco quantificados neste nosso estudo - como, por exemplo, padeiras, peixeiros e tendeiros -, mas que, seguramente, terão existido em maior número.

D. João III, ainda antes de outorgar as taxas a utilizar na vila de Guimarães, instituiu aqui, em 1535, a Casa dos Doze, que tinha como finalidade a eleição anual de 12 representantes dos diferentes mesteres vimaranenses, os

³ Entre os autores e estudos a que nos referimos, merecem destaque: Sousa Viterbo (VITERBO, 1896); João Lopes de Faria (FARIA, 1997); Alfredo Pimenta (PIMENTA, 1940); A. L. de Carvalho (CARVALHO, 1939-1951); Maria da Conceição Falcão Ferreira (FERREIRA, 1989).

quais deveriam participar, sempre que necessário, nas decisões camarárias. Assim reza a pública-forma do original que se encontra na Sociedade Martins Sarmento: os oficiais mecânicos eleitos «estarão [os dois procuradores dos Mesteres] na Câmara da dita vila de Guimarães, nas vereações e autos que nela se fizerem. E lhes será dado assento apartado da dita mesa, em frente dela, assim como estão os das outras vilas. E os juizes, vereadores e procurador da dita vila, havendo-se de dar alguns ofícios que por regimento e minhas ordenações a dita Câmara pode dar, sempre mandarão algumas pessoas honradas que hão-de andar nos ofícios da dita Câmara. E com eles os ditos dois procuradores dos ditos mesteres assim darão as mais vozes a quem sentirem que para isso é mais apto e suficiente. Os ditos dois procuradores serão presentes e darão vozes na outorga dos contratos dos aforamentos, emprazamentos e arrendamentos que por a dita vila forem feitos a alguma pessoa ou pessoas que seja que a dita vila possa fazer, e nas vendas e trespasses e na arrecadação das rendas e da dita vila pertencer e sem eles se não fará coisa do sobredito» (1535 - Livro da Chancelaria Régia, folha 101)⁴.

Tentamos também verificar se o tão propalado arruamento dos mesteres existiu em Guimarães, mas a qualidade e variedade das fontes compulsadas não nos permitiu ir muito longe. Quer-nos parecer que o arruamento não teria, no período em estudo, um peso expressivo na vila vimaranense, apesar de as ruas terem, em muitos casos, nomes de profissões - rua dos Mercadores, rua Sapateira, rua das Ferrarias, rua das Mostardeiras, rua da Forja. Sabemos, por exemplo, que as olarias se situaram em três áreas distintas da vila, todas fora de muros (FERNANDES, 2002: 301-303), e que alguns dos profissionais que os documentos nos permitem conhecer viviam nas ruas designadas com a sua profissão, mas também encontramos muitos profissionais que trabalhavam fora das ruas que, em princípio, lhes estavam destinadas⁵.

⁴ Deixamos para próxima ocasião a publicação integral deste importante documento quincentista outorgado por D. João III, à vila de Guimarães - «carta porque apraz a Vossa Alteza que na vila de Guimarães haja mesteres na maneira acima declarada» - e dado na cidade de Évora, no ano de 1535. Uma pública-forma desta carta encontra-se no Arquivo da Sociedade Martins Sarmento (SMS, B.S. 13-3-5).

⁵ Sobre os arruamentos profissionais, em Guimarães, diz Maria da Conceição Falcão Ferreira: «A concentração de ofícios, pautada pelo arruamento de diversas profissões, nem sempre se manteve ao longo de toda a Idade Média. Em Guimarães, e a mero título de exemplo, pudemos confirmar que entre 1453 e 1469, na rua Sapateira, viviam clérigos, um arneiro, um tanoeiro, um serralheiro, um contador e mercadores, embora cerca de metade dos moradores que detectamos fossem, realmente, sapateiros (AMAP - Livros da Fazenda do Cabido, N.º 5, 7, 9, 9-A, 10). Porém, já o mesmo se não verificava na rua das Ferrarias onde, entre os enfiteutas do Cabido, não encontramos nenhum a

A base de dados, com o nome dos profissionais encontrados e com outros elementos atinentes a cada um deles, poderia também ter sido utilizada para ajudar a conhecer a história de vida de alguns mesterais; mas tal não fizemos. O intuito deste estudo é tão-só ficar a conhecer quais as profissões (suas competências e obras produzidas) existentes em Guimarães, entre 1400 e 1600, e não a observação da história de vida de cada profissional.

Ao longo deste estudo, são referidos vocábulos hoje em dia pouco utilizados. De modo a facilitar a sua compreensão, decidimos criar um pequeno glossário, que vai como apêndice a este trabalho, contendo apenas os termos que nos pareceram mais complexos.

Termine-se, referindo que actualizamos a grafia e a pontuação dos documentos compulsados.

4. Ofícios e mesteres vimaranenses (1400-1600): profissões encontradas e sua quantificação

Para melhor compreender o pulsar da vida industrial e comercial no burgo vimaranense nos séculos XV e XVI, examinamos a documentação manuscrita e impressa atrás referida, o que nos permitiu, por um lado, detectar um conjunto significativo e diversificado de profissões, e, por outro, quantificá-lo.

Como seria de esperar, algumas das profissões encontradas na documentação compulsada são referidas nas «Taxas para a vila de Guimarães» e seu termo, sendo assim possível ficar a conhecer quais os produtos manufacturados por alguns dos mesterais vimaranenses e o seu preço de venda.

A documentação manuscrita compulsada entre 1400 e 1600 permitiu detectar sessenta e sete profissões diferentes. Através das «Taxas para a Vila de Guimarães» de 1552, arrolamos a existência de trinta e duas profissões, ficando a conhecer-se o que especificamente produziam alguns desses mesterais.

exercer qualquer actividade relacionada com o ferro (AMAP - Livros da Fazenda do Cabido, N.º 1 a 13). Na rua dos Mercadores, a presença de homens ligados ao comércio, entre 1440 e 1521, não ultrapassava, em certos momentos, os 12,5% dos moradores observados (Ibidem). No entanto vimos que na rua do Gado, proliferavam os camiceiros, como nas ruas das mostardeiras, os tendeiros marcavam uma presença significativa (Ibidem)» (FERREIRA, 1989: 42, nota 68).

Para Guimarães, desconhece-se qual o regimento a que os mestres estavam obrigados, ou seja, que provas tinham de fazer para poder alcançar a carta de examinação do seu ofício. Mas, como se conhece o regimento lisbonense dos oficiais mecânicos, datado de 1572, ao analisar individualmente cada uma das profissões vimaranenses, fazemos referência, quando ele existe, ao regimento dos mestres de Lisboa.

Pena é que não tenham chegado até nós as actas das vereações do período em estudo. As únicas actas de vereação conhecidas encontram-se no Arquivo Municipal Alfredo Pimenta e dizem respeito ao ano de 1531, tendo sido recentemente publicadas (FARIA, 1997; A.M.A.P, M-1797). Através delas, conseguimos respigar um número significativo de profissões e profissionais, demonstrando-se, deste modo, a importância da utilização deste tipo de fonte para conhecer o pulsar da vida dos mestres nestas épocas.

Tabela I

Ofícios e mestres vimaranenses (1400-1600) e sua comparação com os referidos nas taxas de Guimarães (1552) e nos Regimentos Lisbonenses (1572)

N.º	Profissões encontradas	N.º de Profissionais	Profissões detectadas Taxas de 1552	Profissões referidas nos regimentos lisbonenses de 1572
1.	Açagador	1		
2.	Albardeiro	2	Albardeiro	Albardeiro
3.	Alfaiate	28	Alfaiate	
4.	Almocreve	12	Almocreve	
5.	Almuineiro	3		
6.	Aparelhador	1		
7.	Armeiro	5		Armeiro
8.	Atafoneiro	1	Atafoneiro de casca	Atafoneiro
9.	Ataqueiro	5	Ataqueiro	Ataqueiro
10.	Bainheiro	5	Bainheiro	Bainheiro
11.	Barbeiro	22	Barbeiro	Barbeiro
12.	Barqueiro	0	Barqueiro	Barqueiro
13.	Besteiro	1	Besteiro	Besteiro
14.	Borzegueiro	2		
15.	Braceiro	1		

16.	Cabouqueiro	0	Cabouqueiro	Cabouqueiro
17.	Camareira	1		
18.	Carniceiro	7		(Cortadores de carne)
19.	Carpinteiro	14	Carpinteiro de casas e de caixas	Carpinteiro de casas e de tendas
20.	Cerieiro	1	Cerieiro	Cerieiro
21.	Colcheiro	1		Colchoeiro
22.	Coronheiro	3	Coronheiro	Coronheiro
23.	Correeiro	4	Correeiro	Correeiro
24.	Curtidor	2	Curtidor	Curtidor
25.	Cutileiro	11	Cutileiro	Cutileiro
26.	Estalajadeiro	6		Estalajadeiro
27.	Ferrador	7	Ferrador	Ferrador
28.	Ferreiro	29	Ferreiro	Ferreiro
29.	Forneiro	5		
30.	Imaginário	3		
31.	Jornaleiro	0	Jornaleiro	
32.	Lavrador	6		
33.	Marceiro	1		
34.	Mercador	71		
35.	Mestre dos órgãos	1		
36.	Moleiro	2		(Atafoneiro)
37.	Mostardeiro	3		
38.	Oleiro	12	Oleiro	Oleiro
39.	Olivezeiro	1		
40.	Ourives	9		Ourives de ouro e ourives da prata
41.	Padeira	1		
42.	Pasteteira/Pasteleiro	1		Pasteleiro
43.	Pedreiro	18	Pedreiro	Pedreiro
44.	Peixeiro	6		
45.	Peliteiro	1		Peliteiro
46.	Picheteiro	0	Picheteiro	Picheteiro
47.	Pintor	3		Pintor

48.	Saboeiro	1		
49.	Sapateiro	94	Sapateiro	
50.	Seleiro	5		Seleiro
51.	Serrador	0	Serrador	
52.	Serralheiro	8	Serralheiro	Serralheiro
53.	Sirgueiro	1		Sirgueiro
54.	Sombreireiro	3		Sombreireiro
55.	Soqueiro	2		
56.	Surrador	3	Surrador	Surrador
57.	Taberneiro	1		Taberneiro
58.	Tanoeiro	2	Tanoeiro	
59.	Tecedeira	1		
60.	Tecelã e tecelão	16	Tecelão	Tecelão
61.	Tendeira/Tendeiro	8		
62.	Telheiro	0	Telheiro	Telheiro
63.	Tintureiro	0	Tintureiro	Tintureiro
64.	Torneiro	2	Torneiro	Torneiro
65.	Tosador	5	Tosador	Tosador
66.	Trabalhador	1	Trabalhador	
67.	Vinhateiro	9		

Por outro lado, os documentos compulsados permitem-nos quantificar o número de trabalhadores detectados dentro de cada profissão (veja-se Tabela I). Convém referir que esta quantificação foi feita tendo como base o arrolamento das profissões encontradas na documentação compulsada e relativa ao período que medeia entre 1400 e 1600. Nos casos em que, para a mesma profissão, encontramos o mesmo nome repetido em documentos diferentes e com datas próximas (igual ou inferior a 25 anos), consideramos tratar-se da mesma pessoa e, por isso, só foi quantificada como 1 profissional.

Mais complexo será detectar se nome iguais, mas assinalados com profissões diferentes, correspondem a uma mesma pessoa, exercendo esta, ou duas

actividades em simultâneo, ou tendo abandonado uma profissão e passado a exercer outra. Estes casos, se sucederam, não os conseguimos discriminar. Maria da Conceição Falcão Ferreira detecta uma destas ocorrências - Vasco Domingues⁶, que «como se apurou, fora 'criado do almoxarife', como homem de negócios vira os seus lucros engrossarem, por certo, pois além de mercador, foi saboeiro, em certa fase da sua existência» (FERREIRA, 1989: 194).

Tabela II
1400-1600
Profissão / N.º de profissionais

Profissões	N.º de Profissionais
Sapateiro	94
Mercador	71
Ferreiro	29
Alfaiate	28
Barbeiro	22
Pedreiro	18
Tecelã e tecelão	16
Carpinteiro	14
Almocreve	12
Oleiro	12
Cutileiro	11
Vinhateiro	9
Ourives	9
Tendeira/Tendeiro	8
Serralheiro	8
Carniceiro	7
Ferrador	7
Estalajadeiro	6
Peixeiro	6

⁶ Também encontramos referência ao Vasco Domingues, saboeiro, que em documento de 1453-54, sabemos trazer emprazadas, do Cabido da Colegiada de Guimarães, umas casas sitas na rua das Mostardeiras (A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl. 21).

Lavrador	6
Armeiro	5
Ataqueiro	5
Bainheiro	5
Forneiro	5
Seleiro	5
Tosador	5
Correeiro	4
Almuinheiro	3
Coronheiro	3
Imaginário	3
Mostardeiro	3
Pintor	3
Sombreireiro	3
Surrador	3
Albardeiro	2
Borzegueiro	2
Curtidor	2
Moleiro	2
Soqueiro	2
Tanoeiro	2
Torneiro	2
Açagador	1
Aparelhador	1
Atafoneiro	1
Besteiro	1
Braceiro	1
Camareira	1
Cerieiro	1
Colcheiro	1
Marceiro	1
Mestre dos órgãos	1

Olivezeiro	1
Padeira	1
Pasteleira / Pasteleiro	1
Peliteiro	1
Saboeiro	1
Sirgueiro	1
Taberneiro	1
Tecedeira	1
Trabalhador	1

Tabela III
Profissões referidas nas taxas de 1552, que não aparecem nos
documentos compulsados

Barqueiro
Cabouqueiro
Jornaleiro
Picheleiro
Serrador
Telheiro
Tintureiro

Apesar de não termos encontrado menção concreta a nenhum dos profissionais acima referidos na documentação compulsada para a vila de Guimarães, iremos, no entanto, fazer-lhes referência no Capítulo 7, já que estas profissões são referidas nas taxas vimaranenses de 1552.

5. As profissões vimaranenses por sector de actividade

Através dos mesteres encontrados na documentação, é interessante verificar a sua distribuição por sectores de actividade. Algumas das profissões detectadas ainda hoje correspondem a actividades de forte implantação no concelho de Guimarães - sectores vitivinícola (vinhateiro), do calçado (sapateiro, borzegueiro), do têxtil (tosador, tintureiro, alfaiate, tecedeira, tecelão), dos curtumes (curtidor, surrador, peliteiro), e da cutelaria (cuti-

leiro). Há actividades que tiveram a sua importância em tempos anteriores e que, nos dias que correm, são residuais (oleiro, ferreiro, serralheiro), outras, ainda, apesar de terem subsistido até ao século XX, já desapareceram (saboeiro, sombreiro, correeiro).

Tabela IV
Profissões por sector de actividade

Sector	Profissão
Agricultura	Almuineiro
	Lavrador
	Olivezeiro
	Vinhateiro
Alimentação	Forneiro
	Moleiro
	Padeira
	Pasteleira e pasteleiro
	Carniceiro
	Mostardeiro
	Peixeiro
Armas	Açagador
	Armeiro
	Bainheiro
	Besteiro
	Coronheiro
Calçado	Borzegueiro
	Sapateiro
	Soqueiro
Comércio	Almocreve
	Marceiro
	Mercador
	Tendeira, tendeiro
Construção civil	Mestre-de-obras

	Cabouqueiro
	Pedreiro
	Carpinteiro
Moagem	Atafoneiro
	Moleiro
Profissões artísticas	Imaginário
	Pintor
Serviços	Barbeiro
	Camareira
	Estalajadeiro
	Taberneiro
Têxtil	Tosador
	Tintureiro
	Alfaiate
	Colcheiro
	Sirgueiro
	Sombreireiro
	Tecedeira
	Tecelã, tecelão
Trabalho da madeira	Carpinteiro de casas
	Carpinteiro de caixas
	Mestre dos órgãos (?)
	Serrador
	Tanoeiro
	Torneiro
Trabalho da pedra	Cabouqueiro
	Pedreiro

Trabalho do barro	Oleiro
	Telheiro
Trabalho do couro	Correeiro
	Curtidor
	Peliteiro
	Soqueiro
	Surrador
Trabalho dos metais	Cutileiro
	Ferrador
	Ferreiro
	Picheleiro
	Serralheiro
Trabalho dos metais preciosos	Ourives
Transportes	Barqueiro
Diversos	Albardeiro
	Ataqueiro
	Braceiro
	Cerieiro
	Jornaleiro
	Saboeiro
	Seleiro
	Trabalhador

6. Jornal diário de alguns trabalhadores

A partir das «Taxas da vila de Guimarães» e seu termo, de 1552, conseguimos saber quanto ganhavam, a diário, alguns dos trabalhadores vimaranenses.

Ficamos mesmo a conhecer a diferença de vencimento entre os que tinham direito a refeição e aqueles que faziam o seu trabalho «a seco», ou seja, sem direito a alimentação.

É também interessante verificar que, tal como se manteve quase até aos nossos dias, as mulheres, para as mesmas tarefas, tinham vencimento infe-

rior ao dos homens. Uma mulher, a sachar linho*, recebia apenas 8 reais, com direito a alimentação, enquanto que um homem, para a mesma tarefa, recebia 14 reais.

Tabela V

Preços da jornada diária em algumas profissões, em reais (1552)

Profissão	Jornal a seco	Jornal com comida	Notas
Cabouqueiro	40	20	E as pessoas com quem andarem lhe darão os picões aguçados e rebatidas as cunhas
Carpinteiro de casas: obreiro	30	20	
Carpinteiro de casas: oficiais	50	30	
Guia de bois	45	30	Os que acarretam, na freguesia, pedra ou outra coisa com carro. Levando carro, levará 15 rs por légua e de comer
Guia de bois	45	30	Os que andam com uma junta de bois a lavrar com arado ou grade
Guia de bois		15(légua)	Indo com carro, levará por cada légua, e de comer
Jornaleira		8	Mulher a sachar, maçar e espaldar linho, ou em qualquer outro serviço
Jornaleiro		12	Em qualquer serviço ou trabalho
Jornaleiro: maçar linho	25	14	
Pedreiro: obreiro	30	20	Aguçar-lhe-ão a ferramenta segundo costume
Pedreiro: oficiais	50	30	E mais aguçar-lhe-ão a ferramenta segundo o costume
Serrador	50	25	Levando este a sua serra
Trabalhador		15	A trabalhar com pedreiros e com outros oficiais em qualquer outro serviço

7. Mesteiros vimaranenses: análise de casos

Neste capítulo, iremos referir, individualmente, as profissões detectadas na documentação compulsada, analisando-as em pormenor e fazendo referên- cia a tudo o que conseguimos respigar sobre cada uma delas.

Sublinhe-se que há sectores de actividade que tiveram peso na época medieval e moderna e que ainda hoje são importantes na economia do concelho - a agricultura (com destaque para a vitivinicultura), o calçado, o têxtil (hoje, em Guimarães, predominam as grandes empresas do têxtil-lar, a par com o tradicional e artesanal bordado de Guimarães, feito sobre linho), a pedra (ainda hoje, no termo, se encontram em plena actividade as pedreiras de Gonça), os curtumes (apesar de as empresas que hoje ainda

subsistem serem uma pálida amostra da importância que esta arte aqui teve em tempos idos) e as cutelarias (actualmente, em Guimarães, situa-se uma das melhores fábricas mundiais de cutelarias). Julgamos que, para esta longa sobrevivência de determinadas indústrias em Guimarães, muito contribuiu a existência de vários cursos de água. Na época medieval e moderna, a água fez mover moinhos, atafonas* e pisões. Mais tarde, a água dos rios permitiu que as oficinas evoluíssem, substituindo a força hidráulica pela energia hidroeléctrica, tão necessária à nova maquinaria usada nas indústrias têxtil, cutelaria e curtumes.

Mas voltemos aos ofícios e mesteres vimaranense detectados, em Guimarães, entre 1400 e 1600. Podemos dizer que os mesteres vimaranenses de então se caracterizavam por uma forte interdependência profissional. Demos alguns exemplos. Os sapateiros, para fazer os sapatos, precisavam do couro que os curtidores e surradores preparavam. Estes, por seu turno, precisavam dos cutileiros, que lhes faziam os utensílios de trabalho, e dos lavradores, que apascentavam os gados - vacas, bois, carneiros, porcos - dos quais as peles eram tiradas. Os alfaiates, que faziam a roupa, precisavam: dos tecelões e tecedeiras, que teciam os panos que eles talhavam, dos tosadores, que tosavam os panos; dos tintureiros, que os tingiam; dos sirgueiros, que faziam os cordões e retroz usados para enfeitar as vestes; e dos cutileiros e barbeiros, que lhes faziam os utensílios de trabalho.

O burgo vimaranense, tal como sucedia nas outras vilas e cidades de então, procurou ter no seu seio um conjunto de profissões que garantisse à população o fácil abastecimento de bens e serviços de que necessitava no quotidiano - os agricultores, pastores, vinhateiros, moleiros, carneiros e peixeiros que lhe proporcionavam a alimentação; os oleiros e cutileiros, que faziam os recipientes e utensílios onde se armazenavam, preparavam e serviam os alimentos; os tecelões, alfaiates e sapateiros, que lhe garantiam as vestes e os sapatos para proteger e cobrir o corpo; os serradores, pedreiros, carpinteiros e ferreiros, que garantiam a feitura da habitação; os cerieiros, que lhe facultavam a iluminação; os albardeiros, ferreiros, correeiros, e seleiros que cuidavam das cavalgadas em que se deslocavam ou que utilizavam nos trabalhos agrícolas.

Detectámos um total de sessenta e sete profissões diferentes, a seguir discriminadas, e que iremos analisar individualmente ao longo deste capítulo: açagador, albardeiro, alfaiate, almocreve, almuinheiro, aparelhador, armeiro, atafoneiro, ataqueiro, banheiro, barbeiro, barqueiro, besteiro,

borzigueiro, braceiro, cabouqueiro, camareira, carneiro, carpinteiro, cerieiro, colcheiro, coronheiro, correeiro, curtidor, cutileiro, estalajadeiro, ferrador, ferreiro, forneiro, imaginário, jornaleiro, lavrador, marceiro, mercador, mestre dos órgãos, moleiro, mostardeiro, oleiro, olivezeiro, ourives, padeira, pasteleira, pedreiro, peixeiro, peliteiro, picheleiro, pintor, saboeiro, sapateiro, seleiro, serrador, serralheiro, sirgueiro, sombreireiro, soqueiro, surrador, taberneiro, tanoeiro, tecedeira, tecelã / tecelão, tendeira / tendeiro, telheiro, tintureiro, torneiro, tosador, trabalhador, vinhateiro.

7.1 Açagador

Apenas no século XV encontramos referência a 1 açagador. Açagador admite mais duas grafias, açagaador e açacalador.

N.º	Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1	1412	João Afonso ⁷	Guimarães, rua de Santa Maria	Açagador	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.27

Viterbo define do seguinte modo o termo açagaador «o que açacalava, polia, dava corte e afiava todo o género de ferramentas e armas (...). Açagaador (...) é uma forma divergente de açacalador (...). Açacalador é, por sua vez, derivado de *açacalar**, proveniente de um substantivo masculino *açacal* que nos proveio do árabe *aç-çaqâl*, *alfageme*, *brunidor de armas*, de *çaqala*: *pulir*. Variantes açagaador, açagador»: tem o mesmo significado que *açacalador*. (VITERBO, 1966, I: 161. Ver também 163). O certo é que o termo *açacalar** aparece referido no regimento dos barbeiros lisboenses (1572): «Item há-de saber amolar e *açacalar** ferros de lanças e quaisquer armas e assim mesmo todas as ferramentas de cortar que lhe demandarem e lhe derem que amole» (CORREIA, 1926: 61-63).

Digamos que seria um ofício similar ao de bainheiro. Açagador ou açacalador não nos aparece como profissão: nem nos regimentos lisboenses de 1572, nem é referida, em 1551, por Cristóvão Rodrigues de Oliveira (OLIVEIRA, 1987), nem, em 1552, por João Brandão (BRANDÃO, 1990). Será que

⁷ Trazia emprazadas umas casas “junto com a Igreja” na rua de Santa Maria, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

se trata de uma profissão de cariz medieval que deu origem à profissão de banheiro ou de barbeiro?

7.2 Albardeiro

Nos séculos XV e XVI apenas encontramos referência a 2 albardeiros. Albardeiro é quem faz albardas*, ou seja, «sela grosseira, cheia de palha, usada principalmente no lombo dos animais de carga» (DICIONÁRIO, 2001, I: 149).

N.º	Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1	1411.07.22	Gonçalo Afonso	Guimarães	Albardeiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.20
2	1540	Rodrigo Afonso ⁸		Albardeiro	A. M. A. P., A.5.4.109

Através das taxas de 1552 ficamos a saber o que faziam os albardeiros vimaranenses (ALMEIDA, 1923: 52)).

Tabela VI
Albardeiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Tamanhos	Custo (reais)
albarda*	de burel* ou liteiro*, para azémola*		130
		meã	100
		pequena	70
albardilha*	de andilhas*		180

7.3 Alfaiate

Em Guimarães, encontramos referência a vinte e oito alfaiates, que produziam roupa para homens e mulheres. Note-se que havia ainda um outro tipo de distinção na roupa produzida - a feitura de trajes para mulheres de servir. No trajar, como em outros aspectos da vida em sociedade, era evidente a distinção de sexos e de classes.

⁸ Mordomo da cera, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.5.4.109).

Entre os mesterais enumerados, sobressai um, que a documentação designa como *Mestre Tomás*. Devia ser um alfaiate com qualidades acima da média e, por isso, designado como *Mestre*.

N.º	Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1.	1412-13	João Eanes ⁹	Guimarães, rua de Santa Maria	Alfaiate	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.37v
2.	1412-13	Lourenço Domingues ¹⁰	Guimarães, rua de Donães	Alfaiate	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.33v
3.	1412-13	Martim Godim ¹¹	Guimarães, Castelo	Alfaiate	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.36v
4.	1427.04.05; 1427.04.05	Tomás ¹² (Mestre)	Guimarães	Alfaiate	A. M. A. P., A.2.3.39, 235, fl.31v; 236, fl.31v
5.	1444.09.05	Afonso Lourenço	Guimarães	Alfaiate	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.13
6.	1453-54	Álvaro Afonso ¹³	Guimarães, rua Escura	Alfaiate	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.19
7.	1453-54	Vasco Eanes ¹⁴	Guimarães, rua das Mostardeiras	Alfaiate	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.21
8.	1453.01.10; 1456.11.22	Luis Eanes	Guimarães	Alfaiate	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.28v; fl.34v
9.	1453-54; 1465.09.24	Diogo Vasques	Guimarães, rua do Postigo ¹⁵	Alfaiate	A. M. A. P., Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.17; C-928 (nota antiga: livro 11), fl.6; C-607
10.	1464.11.28	Afonso Gonçalves	Guimarães, hortas da Igreja de Santa Maria	Alfaiate	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.4
11.	1464.07.18	Martim Vasques	Guimarães	Alfaiate	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.2v
12.	1466.10.28	Vasco Afonso	Guimarães	Alfaiate	(MARQUES: 1981: 281)
13.	1498; 1515	João Gonçalves	Guimarães, rua de Alcobaça ¹⁶	Alfaiate	A.N.T.T., N-A-272, fl. 159v-160; A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido n.º 12 A, fl.25v
14.	1531.06.23	Afonso Vaz		Alfaiate	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)
15.	1532.11.15	Fabricio Fernandes	Guimarães	Alfaiate	(PIMENTA, 1940: 32)

⁹ Tinham-lhe sido emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Santa Maria.

¹⁰ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Donães.

¹¹ Réditos a favor do Cabido da Colegiada de Guimarães sobre umas casas de Martim Godim, alfaiate, sitas no castelo (mês de Julho).

¹² Casado com Beatriz Gonçalves (A. M. A. P., A.2.3.39, 235, fl.31v); casado com Beatriz Gonçalves, confrade, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 236, fl.31v).

¹³ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na "rua Escura".

¹⁴ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na rua das Mostardeiras, que tinham sido emprazadas a Diogo Lourenço, tendeiro "que era".

¹⁵ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na "Rua do Postigo até Santa Maria".

¹⁶ Trazia emprazado o lugar da Aldeia (tinha dentro uma vinha) na freguesia de Urgeses, pertencente à Confraria do Serviço de Santa Maria. Tinha as seguintes dimensões: Comprido 134 varas e de ancho 70 varas (A.N.T.T., N-A-272, fl. 159v-160); trazia emprazadas umas casas na rua da Alcobaça do Cabido da Colegiada. Anteriormente, tinham sido emprazadas a Pêro Alvares, o Sapo (A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido n.º 12 A, fl.25v).

16.	1576.08.24	Francisco Álvares ¹⁷	Guimarães, Cano	Alfaiate	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº 1 de S. Pedro de Azurém, fl.8
17.	1591.09.06	Antão Francisco ¹⁸	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.2
18.	1592.10.22	Bastião da Costa ¹⁹	Guimarães	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.4v
19.	1592.03.23; 1594.12.16	Luis Gonçalves ²⁰	Guimarães, rua dos Mercadores	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.3; fl.13v
20.	1592.04.20; 1594.01.16	Manuel Fernandes ²¹	Guimarães, Campo da Feira	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.3v; fl.9
21.	1592.09.02; 1596.05.09	Leonel André ²²	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.4v; fl.17v
22.	1593.02.03; 1595.01.12; 1596.04.07	Baltasar Soares ²³	Guimarães, Oliveira do Castelo	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.5v; fl.13v; fl.17
23.	1593.06.19; 1594.06.18	Belchior Gonçalves ²⁴	Guimarães, Cano	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v; fl.10

¹⁷ Padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

¹⁸ A 6 de Setembro de 1591, foi baptizada sua filha Ana, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Lopes. Foi madrinha a mulher de Salvador Pires, mercador.

¹⁹ A 22 de Outubro de 1592, foi padrinho de baptismo de António, filho de Joana, escrava de Valentim de Barros. Madrinha foi Isabel, escrava de Gaspar Gomes. Baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

²⁰ A 23 de Março de 1592, foi baptizada sua filha Maria, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Jerónima Dinis (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.3); a 16 de Dezembro de 1594, foi baptizado seu filho João, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Jerónima Dinis. Foram padrinhos Jerónimo Gonçalves e Catarina Espinhosa, mulher de Gonçalo Vieira, mercador (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.13v).

²¹ A 20 de Abril de 1592, foi padrinho de baptismo de Maria, filha de Lucrécia, solteira, moradora no Cano (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.3v); a 16 de Janeiro de 1594, foi padrinho de baptismo de Maria, filha de António Gonçalves da Granja e de Maria Gonçalves. Cerimónia realizada na freguesia de Oliveira do Castelo (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.9).

²² A 2 de Setembro de 1592, foi baptizada sua filha Susana, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Ana Francisca. Foi padrinho Francisco Loreto, mercador, e madrinha a mulher de Gonçalo Mendes, sapateiro (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.4v); a 9 de Maio de 1596, foi baptizado seu filho José, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Ana Francisca (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.17v).

²³ A 3 de Fevereiro de 1593, foi baptizada sua filha Ana, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria de Morgade (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.5v); a 12 de Janeiro de 1595, foi padrinho de Maria, filha de Francisco Ribeiro da Praça e de Maria Almeida (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.13v); a 7 de Abril de 1596, foi baptizado seu filho Manuel, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria de Morgade (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.17).

²⁴ A 19 de Junho de 1593, foi padrinho de Catarina, filha de António Gonçalves, trabalhador das casas de Manuel Antunes. Baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v); a 18 de Junho de 1594, foi padrinho de António, filho de Femão Gonçalves, alfaiate, e de Catarina Cepeda. Baptizado efectuado na freguesia de Oliveira do Castelo (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v).

24.	1593.05.30	Baltasar Luis ²⁵	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v
25.	1594.06.18	Fernão Gonçalves ²⁶	Guimarães, Oliveira do Castelo	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.10
26.	1595.02.17	António Ribeiro ²⁷	Guimarães, Santa Luzia	Alfaiate	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto, nº 1 de S. Pedro de Azurém, fl.19v
27.	1595.10.17	Marcos Fernandes ²⁸	Guimarães, rua Nova	Alfaiate	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.16
28.	1598.05.11	Baltasar Gonçalves ²⁹	Guimarães, rua das Oliveiras	Alfaiate	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.96

No primeiro foral vimaranense, outorgado pelo Conde D. Henrique, algures entre os anos de 1095 e 1096, fica a conhecer-se o vestuário que então se vendia no burgo - manto*, capa*, saia* (FORAL, 1996). Também na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, se referem peças de vestuário - zorame de homem, capa* de homem de cor ou de outro pano, saia* de homem, garnacha* de mulher, zorame de mulher, saia* de mulher (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 174-176; VMH, 1931: 218-219).

As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem conhecer quais as peças de roupa talhadas pelos alfaiates vimaranenses e quais os seus preços. Faziam estes: capa*de raia, com capelo* e mangas; capa lombarda* ou mantéu*; capa* aberta, de capelo*; capuz* comprido; tabardo* com mangas; loba* e gabão atabardado*. Para homem; executavam: pelote*, jórnea*, gibão*, jaqueta* com mangas, roupão* e calças*; para mulher: saio alto*, manto*, mantilha*, cota de rabo*, vasquinha*, cós* e sainho*; e para mulheres e

²⁵ A 30 de Maio de 1593, baptizou seu filho João, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Domingas Francisca.

²⁶ A 18 de Junho de 1594, foi baptizado seu filho António, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Cepeda. Foram padrinhos Belchior Gonçalves, alfaiate, do Cano, e Helena Mendes.

²⁷ A 17 de Fevereiro de 1592, foi baptizado seu filho Francisco, na freguesia de S. Pedro de Azurém.

²⁸ A 17 de Outubro de 1595, foi baptizado seu filho Pedro, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Isabel Fernandes.

²⁹ A 11 de Maio de 1598 foi baptizado seu filho Custódio, na freguesia de S. Sebastião.

moças de servir: fraldilha*, sainho* e cota*. Faziam ainda cobertores* (ALMEIDA, 1930: 50-52).

Os materiais utilizados eram: solia*, chamalote*, seda*, fustão* e pano*.

A. L. de Carvalho, no seu livro «Os mesteres de Guimarães», tem um capítulo dedicado aos alfaiates (CARVALHO, 1939-1951, V: 125-165).

Tabela VII
Alfaiates: taxa de preços (1552)

Sexo	Designação	Material e características	Acabamentos	Custo (reais)
Mulher	Capa*	de raia, com capelo* e mangas	chã*	30
			debruada	40
		lombarda* ou mantéu*	sem debrum	20
			debruada	25
	Capa*	aberta de capelo*	chã*, sem bainha nem debrum	25
			com bainha por baixo	30
			com um debrum	35
			por cada debrum que lhe mais puserem, de cada um	5
	Capuz*	comprido		40
	Tabardo*	com mangas		50
	Loba*			35
Gabão	atabardado	debruado	40	
		sem debrum	30	
Homem	Pelote*	de homem	forrado dos quartos	30
			todo forrado	40
		de moço, de 10 anos para baixo		15
			todo forrado	20
			chão*	50
			todo forrado	60
	de solia ou de chamalote*	debruado e forrado	70	
Jórnea*	de chamalote* ou solia		40	
		debruada	50	

			debruada e forrada	60	
Gibão*	de solia ou chamalote*			40	
		de seda		50	
		de fustão* ou pano*		30	
Jaqueta*	de pano com mangas			15	
	de pano sem mangas			10	
Roução*	de pano	debruado		40	
	de seda, solia ou chamalote*			80	
Calças*	com suas barras direitas	chãs*		30	
	de pear* e cortadas	fornadas do mesmo pano		70	
	apestanadas e cortadas			80	
	De todas as obras atrás, sendo feitas a pessoas de catorze anos para abaixo, levarão de feito por cada peça menos dez rs				-10
Mulher	Saio alto*			40	
		de chamalote* ou solia	chão*	60	
			debruado		70
	Manto*	de solia	chão*		30
			debruado		40
		de pano			20
	Mantilhinha*		chã*		8
			debruada		10
		de fustão*			8
		de chamalote* ou de solia	chã*		15
			debruada		20
	Cota de rabo*		fornada e debruada		40
			chã*		20
	Vasquinha*		debruada		30
		chã*		15	
Cós*	de seda, chamalote* ou solia, com mangas			30	
	de seda, chamalote* ou solia, sem mangas			15	
	de pano, com mangas			15	
	sem mangas			10	

	Sainho*	de chamalote* ou solia	com debrum	30
		de pano	com debrum	20
		de fustão*		20
	Fraldiha* de mulher de servir			15
	Sainho* de mulher de servir			12
	Cota* [de mulher de servir?]	de chamalote*		20
	Cota* de moças de servir	de doze anos para baixo		12
	Sainho* [de moças de servir?]			10
de chamalote*			15	
Cobertor*			chão*	20
			debruado de um debrum	30
			de dois debruns	40
	de marca pequena	chã*		15
			de um debrum	20
			de dois debruns	30

7.4 Almocreve

Nos séculos XV e XVI, encontramos referência a doze almocreves. Segundo Jorge Borges de Macedo, esta profissão «é referenciável em Portugal desde o conde D. Henrique, citada em vários forais e que, juntamente com o barqueiro, o caminheiro e o carreteiro, cada um na sua função, constituíam os elementos sociais especializados no transporte de mercadorias no interior do País, para a costa e vice-versa. (...) Sem diminuir a importância dos outros, assentava nos almocreves, pela sua mobilidade e número, a coluna vertebral dos transportes internos» (DICIONÁRIO, 1975, I: 119-120).

	Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1.	1440-41	Afonso Domingues ³⁰	Guimarães, rua de Santa Maria	Almo-creve	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido n.º 1, fl.4
2.	1440-41; 1441(?) - 1451 (?); 1453-54	Pêro Lourenço ³¹	Guimarães, rua de Santa Maria	Almo-creve	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.4; 9-1-70; Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.2v; C-607; Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.4v
3.	1453-54	João Gonçalves ³²	Guimarães, almuinha* e horta na rua da Caldeiroa	Almo-creve	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.24v
4.	1498	Nicolau Afonso	Guimarães	Almo-creve	(MARQUES, 1984: 35)
5.	1515	Lúis Eanes ³³	Guimarães, rua de Santa Luzia	Almo-creve	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.50v
6.	1515	Vasco Afonso ³⁴	Guimarães, rua das Mostardeiras	Almo-creve	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.38
	1531.01.16	Pedro Afonso		Almo-creve	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 20)
	1531.02.17	Pêro Gonçalves		Almo-creve	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 32)
	1531.03.21	António Rodrigues		Almo-creve	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 47)
	1580.09.02	Francisco Gonçalves ³⁵	Guimarães, Santa Luzia	Almo-creve	A. M. A. P., P-54 - Livro paróquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.9v
	1592.10.11	Domingos Gonçalves ³⁶	Guimarães, Santa Luzia	Almo-creve	A. M. A. P., P-54 - Livro paróquial Misto nº 1 de S. Pedro de Azurém, fl.17v

³⁰ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas “da rua de Santa Maria até o Sabugal”. Segundo Maria da Conceição F. Ferreira, tinha como apelido “O Gago”, sendo residente na rua de Santa Maria, entre 1440-1460. Foi pai de Pedro Afonso, cônego da Colegiada de Guimarães, desde 1459 (FERREIRA, 1999: 315).

³¹ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas “da rua de Santa Maria até o Sabugal” (A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.4); pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Santa Maria (A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.2v); trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas “da rua de Santa Maria até o Sabugal” (A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.4v).

³² Trazia emprazada uma almuinha e horta do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua da Caldeiroa.

³³ Trazia emprazadas umas casas na rua de Santa Luzia que pertenciam ao Cabido da Colegiada.

³⁴ Tinha residido na rua das Mostardeiras, numas casas do Cabido da Colegiada. Nessa data, estavam emprazadas a João Eanes, mercador.

³⁵ Foi padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁶ A 11 de Outubro de 1592, foi baptizado seu filho António, na freguesia de S. Pedro de Azurém. Casado com Isabel Fernandes.

	1593.09.03	Ambrósio Gonçalves ³⁷	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo, Eirado	Almocreve	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.7
--	------------	----------------------------------	---	-----------	---

Através das taxas vimaranenses de 1552 ficamos a saber que um almocreve, pelo aluguer de uma besta*, levava dez reais por cada légua (ALMEIDA, 1930: 52).

Os almocreves eram mercadores itinerantes que transportavam a mercadoria em bestas* de carga e que asseguravam o comércio entre localidades. Veja-se a diferença entre almocreves e mercadores no sub-capítulo dedicado a estes últimos. João de Brandão dá conta da existência, em Lisboa, em 1552, de mais de «150 almocreves, que andam com suas bestas*, ganhando dinheiro na cidade» (BRANDÃO, 1990: 204).

A. L. de Carvalho em «Os mesteres de Guimarães», dedica algumas páginas aos almocreves (CARVALHO, 1939-1951, VI: 113-116).

7.5 Almuinheiro

Só encontramos referência, no século XV, a três almuinheiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1454.11.27; 1456.10.22	Gonçalo Afonso	Guimarães; hortas da igreja de Santa Maria	Almuinheiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.28; (nota antiga: livro 10), fl.35
1440-41	João Pires	Guimarães, rua de Vale de Donas até a Judiaria	Almuinheiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.11v
1440-41; 1453-54	João Vasques ³⁸	S. Miguel de Creixomil, vinha da Perdiz	Almuinheiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.39v; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.33

Almuinheiros são os que trabalham ou são detentores de almuinhas*, sendo almuinha* uma «horta fechada sobre si, terra de pomar, parreiras, e hortaliças, frutos, ervas e árvores que servem de matar a fome. Vem do latim

³⁷ A 3 de Setembro de 1593, foi baptizado o seu filho Miguel, na freguesia de Oliveira do Castelo. A criança já tinha sido anteriormente baptizada pelo padre "por estar em perigo". Casado com Leonor Gonçalves. Foi padrinho Francisco Ribeiro, sapateiro.

³⁸ Trazia emprazada a vinha da Perdiz, na freguesia de S. Miguel de Creixomil, do Cabido da Colegiada de Guimarães (A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.39v); trazia emprazada a vinha da Perdiz, da freguesia de S. Miguel de Creixomil, do Cabido da Colegiada de Guimarães (A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.33).

alimonia, mantimento, ou de *alimon*, uma erva contra a fome» (VITERBO, 1966, I: 423). Algumas das almuinhas referidas nos documentos que compilamos situavam-se dentro de muros.

Para além dos almuinheiros, os documentos fazem também referência a vinhateiros, ou seja, aqueles que cuidam ou detêm vinhas, e a lavradores, ou seja, aqueles que possuem terras agrícolas que lavram.

7.6 Aparelhador

Não sabemos o que significa este termo, que apenas nos aparece referido num único documento.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1410.07.15	Pêro Domingos ³⁹	Guimarães	Aparelhador	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl. 34v

7.7 Armeiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a cinco armeiros. Segundo Rafael Bluteau, armeiro é o «oficial que faz e concerta armas» (BLUTEAU, 1789, I: 113).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1453-54	Afonso Lourenço ⁴⁰	Guimarães, rua Escura	Armeiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl. 19v
1483.09.23	Pêro Vicente ⁴¹	Guimarães	Armeiro	(VITERBO, 1896: 188-189)
1515	Garcia Martins	Guimarães ⁴²	Armeiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl. 22
1552.07.20	João Afonso ⁴³	Guimarães, termo de Guimarães, freguesia de Vila Boa	Armeiro	(VITERBO, 1896: 175-176)

³⁹ Tinha um filho.

⁴⁰ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na "rua Escura".

⁴¹ A 23 de Setembro de 1483, o rei D. João II nomeou-o seu armeiro para ter o cargo de limpar e prover as armas que estivessem na vila de Guimarães. D. Fernando, que fora duque de Bragança, já lhe tinha passado carta idêntica.

⁴² Trazia emprazadas umas casas na rua Sapateira, pertencentes ao Cabido da Colegiada.

1553.02.14	Gonçalo Afonso ⁴⁴	Guimarães, termo da vila, freguesia de Vila Boa	Armeiro	(VITERBO, 1896: 175)
------------	------------------------------	---	---------	----------------------

Os regimentos lisboenses de 1572 referem o «regimento dos armeiros de armas brancas e couraceiros», explicitando que «todo o oficial que tenda de armas brancas houver de ter, há-de saber desguarnecer um arnês branco de alto a baixo, e sabê-lo molhar e limpar, e torná-lo mui bem a guarnecer, e assim há-de saber limpar e guarnecer qualquer peça de armas brancas que lhe for dada»; e que «nenhum armeiro usará malha de ferrete para a deitar em saia*, nem em jaco, nem em faldra, salvo em mangas, luvas e em calças*. E o mesmo se fará na prata malha» (CORREIA, 1926: 58-59).

7.8 Atafoneiro

No século XVI, encontramos referência a um atafoneiro.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1590	Pêro Gonçalves ⁴⁵	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Atafoneiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.7

Normalmente, define-se atafoneiro como «o que dirige a atafona» e atafona* como «engenho ou máquina de moer trigo, posta em movimento» (BLUTEAU, 1789, I: 136). Isto se confirma pela leitura do regimento dos atafoneiros lisboenses de 1572, no qual se explicita que o atafoneiro, entre vários conhecimentos específicos da sua profissão, tinha de «conhecer os trigos para os lançar a moer» (CORREIA, 1926: 178).

Ora, no caso vimaranense, quando as taxas assinalam «atafoneiros de casca» estão a referir-se aos oficiais que moem a casca de carvalho destinada a ser utilizada na curtimenta dos couros, e não aos atafoneiros que moem trigo (ALMEIDA, 1930: 52).

A atafona* destinada a moer a casca de carvalho é um engenho semelhante ao moinho de moer a azeitona (PINTO, 2002a, I; PROVIDÊNCIA, 2002, II: N.º

⁴³ A sua carta de privilégio data de 20 de Julho de 1552. Irmão ou parente de Gonçalo Afonso, armeiro, de Vila Boa.

⁴⁴ A sua carta de privilégio data de 14 de Fevereiro de 1553. Era irmão ou parente de João Afonso, armeiro, morador na freguesia de Vila Boa.

⁴⁵ Nessa data, casou com Maria Gonçalves, ambos da freguesia de S. Sebastião.

16). Estes engenhos eram essenciais para produzir o tanino necessário à curtimenta dos couros. O tanino era fundamental para a indústria dos curtumes que, como se sabe, era uma das principais actividades vimaranenses (PINTO, 2002, I).

Os atafoneiros, no seu dia-a-dia, usavam mós para moer a casca de carvalho, sendo estas referidas no foral manuelino dado à vila, em 1517. Aí se diz quanto se deve pagar de portagem por «mós de casca» (MEIRELES, 1994: 63).

A profissão de atafoneiro estava intimamente ligada à dos curtidores, pois, a casca de carvalho moída era essencial para curtir os couros. Pela taxa vimaranense de 1552, ficamos a saber quanto levava um atafoneiro por moer um carro de casca, sem direito «a outra pitança» - quarenta reais -, e quanto custava um carro de «casqueira» para curtir - cento e quarenta reais (ALMEIDA, 1930: 52 e 57). O atafoneiro Pêro Gonçalves, que nos aparece referido na documentação, em 1590, poderá ser um atafoneiro de casca. De facto, este reside e casa na freguesia de S. Sebastião, freguesia onde se situavam os tanques de curtir o couro, e onde a casca moída era usada na curtimenta.

7.9 Ataquiario

Nos séculos XV e XVI, encontramos referência a cinco ataqueiros. Ataquiarios são aqueles que fazem ou vendem atacas. Entendendo-se por ataca «liga, correia, ligadura de atar uma coisa à outra» (BLUTEAU, 1789, I: 136-137).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1498	Jorge Dias ⁴⁶	Guimarães, rua de Gatos	Ataqueiro	(MARQUES, 1984: 37)
1498	Pêro Gonçalves	Guimarães, rua Sapateira	Ataqueiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 153
1498; 1515 ⁴⁷	João Luís	Guimarães, Praça	Ataqueiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 160v; C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.48v
1515	João Gonçalves ⁴⁶	Guimarães, Rua Nova do Muro	Ataqueiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.26

⁴⁶ À data, já falecido. Casa pertencente à Confraria de S. Domingos.

⁴⁷ Trazia emprazadas umas casas e almuinha do Cabido da Colegiada na rua Caldeiroa.

1531. 05.12	Francisco Pires	Guimarães	Ataqueiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
----------------	--------------------	-----------	-----------	----------------------------------

Pelo regimentos dos ataqueiros lisboenses de 1572, ficamos a saber que as fitas ou atacas feitas por estes mesterais tanto podiam ser em latão, seda, ouro ou couro (CORREIA, 1926: 71-73).

Os ataqueiros vimaranenses produziam, para além das atacas propriamente ditas, bolsas brancas de carneiro e luvas (ALMEIDA, 1930: 52).

Tabela VIII

Ataqueiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características / Tananho	Quantidade	Custo (reais)
Atacas	de armar, sendo bem encravadas e as pontas compridas	dúzia	8
	de armar, pequenas		4
	de estopa* de cores		8
bolsa	branca de carneiro, grande		8
	branca de carneiro, pequena		4
luvas	de cabrito		20
	de carneira boa		15
	de bezerro		30

7.10 Banheiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a cinco banheiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1451.10.25	Afonso Gonçalves ⁴⁹	Guimarães	Banheiro	(VITERBO, 1896: 178-179)

⁴⁸ Trazia emprazadas umas casas na rua Nova do Muro, nas quais morava. Casas pertencentes ao Cabido da Colegiada.

⁴⁹ A 25 de Outubro de 1451, o rei D. Afonso V, a pedido do Duque de Bragança, seu tio, deu-lhe carta de "aposentamento" (VITERBO, 1896: 178-179).

1498	Pêro Eanes		Bainheiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 152v
1531.05.12	Gonçalo Pires	Guimarães	Bainheiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.03.03	Heitor Pires		Bainheiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 36)
1598.12.31	Gonçalo Gonçal- ves ⁵⁰	Guimarães	Bainheiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.94

Através do regimento dos bainheiros lisboenses de 1572, ficamos a saber o que estes oficiais tinham de saber fazer. «uma caixa de barbeiro e um estojo de cirurgião e uma escrivaninha* tudo com suas formas»; «um faqueiro e uma bainha de punhal e uma caixa de óculos com suas formas»; «um barril para tinta com sua pregadura». Para além disto, os bainheiros que se quisessem «examinar de obras douradas», tinham de «saber assentar o ouro sobre o couro e lavrá-lo de folhas e meter azul ou outra qualquer cor». Para além destes trabalhos os bainheiros, se o pretendessem podiam também fazer obra de cutelaria tal como os cutileiros (CORREIA, 1926: 74-76).

Os bainheiros vimaranenses faziam: faqueiros; bainhas de punhal, de facas e de manchis; canos de escrivaninha*; caixa para cálice; caixa de cor* de 1 e 2 ordens; caixa para saleiro, caixa para copo de pé e caixa para albarrada* (ALMEIDA, 1930: 54).

Note-se que também os cutileiros vimaranenses podiam fazer faqueiros.

Tabela IX

Bainheiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Tamanhos	Custo (reais)
faqueiros	de 10 a 15 peças		150
	de 15 a 20 peças		250
bainha	de punhal com sua faca		15

⁵⁰ A 31 de Dezembro de 1598, foi baptizado seu filho Estêvão na freguesia de S. Sebastião. Casado com Catarina Carneiro.

	de facas serradas		20
	para uma só faca		4
	de adaga* com sua faca		20
	de manchil, dobrada		30
	de manchil, singela		15
Cano	de escrivantina*	grande	30
		meão	20
caixa	para cálice		200
	de color de 2 ordens		15
	de color de 1 ordem		8
	para saleiro e copo de pé		80
	para albarrada*	maior	180

7.11 Barbeiro

Em Guimarães, na documentação compulsada encontramos referência a vinte e dois barbeiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1440-41	Afonso Eanes ⁵¹	Guimarães, Rua de Trespão	Barbeiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl. 21
1440.05.20; 1440-41 ⁵² ; 1441(?) -1451 (?) ⁵³ ; 1446.03.26; 1453-54 ⁵⁴	Afonso Pires	Guimarães, rua do Postigo	Barbeiro	(MORENO, 1982: 181); A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.20; 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3; C-928 (nota antiga: livro 11), fl.19v; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.17v

⁵¹ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua de Trespão".

⁵² Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua do Postigo até Santa Maria".

⁵³ Pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua do Postigo.

⁵⁴ Trazia estas casas emprazadas do Cabido da Colegiada de Guimarães.

1440.05.20; 1441-1451(?); 1446.07.22	Pêro Gonçalves	Guimarães, rua de Santa Maria ⁵⁵	Barbeiro	(MORENO, 1982: 181); A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.2v; C-928 (nota antiga: livro 11), fl.15
1440-41; 1453-54	Vasco Martins	Guimarães, rua de Santa Maria ⁵⁶	Barbeiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.5; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.5
1448.05.06	Gomes Fernandes ⁵⁷		Barbeiro	(MARQUES, 1981: 296)
1448.08.15	Mendo Afonso ⁵⁸		Barbeiro	A. M. A. P., A.2.3.39,272, fl. 16v
1456.10.22	Álvaro Gonçalves	Guimarães	Barbeiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl. 34v
1462.11.04	Álvaro Vasques	Guimarães	Barbeiro	(MARQUES, 1981: 280)
1465.05.21	Gomes Martins	Guimarães	Barbeiro	(MARQUES, 1981: 315)
1498	Gomes Rodrigues	Guimarães	Barbeiro	(MARQUES, 1984: 37)
1500.12.07	Afonso Eanes ⁵⁹		Barbeiro	A. M. A. P., Perg. Col. 357
1500.12.07; 1503.02.09	Afonso Gonçalves ⁶⁰ , o Colaço		Barbeiro	A. M. A. P., Perg. Col. 357; 363
1515 ⁶¹ ; 1515.07.13 ⁶² ; 1515 ⁶³	João Gonçalves	Guimarães, rua Sapateira, rua da Arrochela	Barbeiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.22v; (PEREIRA, 1981: 184); A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.25
1515	Lopo Gil	Guimarães, rua Sapateira ⁶⁴	Barbeiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl. 22v

⁵⁵ Pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Santa Maria; pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Santa Maria.

⁵⁶ Trazia emprazadas umas casas e exido do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas “da rua de Santa Maria até o Sabugal” (A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.5); trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas “da rua de Santa Maria até o Sabugal” (A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.5).

⁵⁷ Contrato celebrado na freguesia de S. João de Ponte.

⁵⁸ Confrade, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39,272,fl.16v).

⁵⁹ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., Perg. Col. 357).

⁶⁰ Mordomo, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., Perg. Col. 357; 363).

⁶¹ Trazia nessa data emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada sitas na rua Sapateira, que anteriormente tinham sido emprazadas ao seu genro Gonçalo Gonçalves, seleiro.

⁶² A Colegiada de Guimarães emprazou-lhe umas casas na rua da Arrochela por 100 reais e uma galinha.

⁶³ Trazia emprazadas umas casas na rua da Arrochela do Cabido da Colegiada. Anteriormente tinham sido emprazadas a Fernão Cameiro.

1526.10 ⁶⁵ ; 1532.11.13	Francisco Dantas	Guimarães	Barbeiro	(PIMENTA, 1940: 20-21)
1531.06.23	Francisco Pires		Barbeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 103)
1531.01.23	Francisco Rodrigues		Barbeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 23)
1531.06.23	Pêro Álvares		Barbeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)
1531.05.12	Pêro Eanes	Guimarães	Barbeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1532.12.03	João Fernandes	Guimarães	Barbeiro	(PIMENTA, 1940: 43)
1541.02.06	Álvares Pires ⁶⁶		Barbeiro	A. M. A. P., A.5.4.109
1595.03.15	Domingos Fernandes ⁶⁷	Guimarães	Barbeiro	A. M. A. P., P-441 Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl. 79v

Segundo o regimento dos barbeiros lisboenses (1572):

«E o oficial que do dito ofício tenda houver de ter há-de saber amolar mui bem uma navalha nova e afiá-la e uma lanceta; Item há-de saber bem amolar e afiar uma tesoura nova; Item há-de saber amolar e açacalar* ferros de lanças e quaisquer armas e assim mesmo todas as ferramentas de cortar que lhe demandarem e lhe derem que amole; Item há-de saber molhar uma barba e rapá-la e cortar com uma tesoura e fazer com ela um cabelo bem feito e assim uma tosquia; Item há-de saber guarnecer uma espada nova e lavar-lhe as tábuas e assentar-lhe sua bainha, bocal e punho e tudo o mais que for necessário; Item há-de de saber guarnecer uma espada mourisca de maneira que lhe requererem» (CORREIA, 1926: 61).

Através das taxas vimaranenses, ficamos a saber que os barbeiros daquela época, para além de barbear, cortar cabelos e fazer sangrias, também guarneciam espadas, limpavam lanças e chuças*, amolavam machados, foices, cutelos, facas, enxós e outros utensílios. Através destas taxas ficamos ainda a saber que as espadas costumavam ser compradas no Porto e em Valença (ALMEIDA, 1930: 53).

⁶⁴ Morou na rua Sapateira, em casas do Cabido da Colegiada que nesta data estavam emprazadas a Brás Lopes.

⁶⁵ Na viagem da ilha de S. Miguel para Viana da Foz do Lima foram atacados por uma nau francesa junto à costa em Baiona (Galiza). Levaram-lhe 9500 reais em dinheiro de contado, vestidos, camisas, uma touca, um manto branco.

⁶⁶ Mordomo da cera, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.5.4.109).

⁶⁷ Foi padrinho de baptizado realizado na freguesia de S. Sebastião.

Interessante é verificar que fazer a barba e o cabelo a «pessoas honradas» custava mais do que fazer o mesmo serviço a «um homem trabalhador». E, «se as ditas pessoas honradas lhe quiserem dar mais podê-lo-ão fazer» (ALMEIDA, 1930: 53).

A inter-relação entre mesteres é também evidente nesta profissão - os barbeiros amolavam os utensílios de trabalho dos lavradores (machado, foice, podão, enxós), dos pescadores e vendedoras de pescado (cutelo de pescador), dos sapateiros (tesoura, cutelo, sovela), dos alfaiates (tesoura), competindo-lhes também a manutenção - guarnecer, limpar, envernizar, endireitar -, das armas utilizadas na época como espadas, lanças e chuças*.

Os barbeiros no seu dia-a-dia usavam mós para limpar e amolar as peças, sendo estas referidas no foral manuelino dado à vila, em 1517. Aí se diz quanto se deve pagar de portagem por «mós de barbeiro» (MEIRELES, 1994: 63).

A. L. de Carvalho, no seu livro «Os mesteres de Guimarães», tem um capítulo dedicado aos barbeiros (CARVALHO, 1939-1951, V: 169-188).

Tabela X

Barbeiros: taxa de preços (1552)

Designação	Características	Acabamentos	Custo (reais)
fazer a barba	a homem trabalhador	à navalha	2
	a homem trabalhador	à tesoura	4
	a pessoas honradas	à tesoura, com seu cabelo e tosquia	10
	a pessoas honradas	à navalha, com seu cabelo	10
fazer o cabelo			2
rapar	um moço	à navalha	2
tosquiar	um moço	sobre pente	4
guarnecer	uma espada	limpá-la, envernizá-la, e bainha de novo com punho de couro	40
Espada	nova, boa, do Porto ou de Valença	guarnecida de cinto	50
guarnecer uma bainha	de veludo e limpar a espada dando-lhe o veludo e o punho		50
feitio de uma bainha	sómente para a espada		25
limpar uma espada	e envernizar os cabos		10
limpar o ferro de uma lança			5

limpar o ferro de uma chuça*			10
de uma sangria	sendo na vila		10
	sendo fora, 20 rs por cada légua, além da sangria		20
limpar uma haste de lança de ferro	e endireitá-la		10
haste de lança	de 2 hastes compridas de 20 palmos para riba		100
haste de chuça*			60
haste de arremesso			50
amolar	um machado ou fouce		4
	um cutelo de pescador e regateira		2
	um podão		2
	um cutelo de mesa		1 ½
	uma faca grande		1
	uma qualquer faca		½
	uma enxó de mão		4
	uma enxó de ambas as mãos		5
	uma tesoura de alfaiate ou sapateiro		4
	tesoura meã		2
	tesoura pequena		1
	um cutelo de sapateiro ou trinchante		2
	uma sovela		2 ceitis

7.12 Barqueiro

Nos séculos XV e XVI não encontramos referência a barqueiros no burgo vimaranense.

É natural que se não encontrem barqueiros dentro da vila. As linhas de água que aqui correm são diminutas sendo possíveis de atravessar sem recurso a barqueiro. A inclusão das taxas destinadas aos barqueiros no documento de 1552 justifica-se porque as taxas se aplicavam não só na vila de Guimarães mas também no seu termo. No concelho existiam rios que obrigavam a recorrer a barqueiros. Por exemplo, o rio Ave, que atravessa o termo vimaranense tinha vários locais que se atravessavam através de barco. Os barcos eram usados para o transporte de pessoas e de mercadorias.

Pelas taxas vimaranenses de 1552 ficamos a conhecer os preços que praticavam (ALMEIDA, 1930: 53).

Tabela XI
Barqueiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Tarefa	Custo (reais)
De passar uma pessoa	½
Levando a pessoa e a sua besta*, por si e por ela	1
Levando a pessoa a besta* carregada, por esta e seu dono	1 ½

7.13 Besteiro

Apenas encontramos referência a 1 besteiro, em 1531. Besteiro era o oficial que fazia bestas*, ou seja, arma de atirar setas, pelouros. Segundo o regimento lisbonense de 1572, o besteiro tinha de saber «mui bem conhecer o aço que pertence para fazer uma besta*, e caldeá-lo, e reparti-lo. E saberá fazer um arco de qualquer feição que lhe for requerido e assim as guarnições para as coronhas - chaves, arricaves, fuisis, chapas e calços» (CORREIA, 1926: 68).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1531.05.19	Diogo Fernandes	Guimarães, vila de	Besteiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 94)

Os besteiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, levavam, por cada arrátel de aço lavrado para arco de besta*, 80 reais, e, sendo-lhes dado o aço para fazer a vara do arco levavam, de feitio, 50 reais (ALMEIDA, 1930: 54).

7.14 Borzegueiro

Apenas encontramos referência, no século XVI, a dois borzegueiros.

Borzegueiro é o que faz borzeguins* (um tipo específico de sapatos). Os borzegueiros pertenciam ao mester dos sapateiros (veja-se neste texto o sub-capítulo sobre os sapateiros).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1531.05.12	Diogo Afonso	Guimarães	Borzegueiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531	Gaspar Rodrigues	Guimarães	Borzegueiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 150-151)

7.15 Braceiro

Só temos referência a um braceiro, João Gonçalves, que a documentação nos dá a conhecer no ano de 1420. Braceiro é o que faz trabalho braçal, podemos considerar o mesmo que trabalhador, jornaleiro. Veja-se, neste texto os sub-capítulos dedicados aos jornaleiros e aos trabalhadores.

	Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
	1440-41	João Gonçalves	Guimarães	Braceiro	A. M. A. P., C 604, Livro da Fazenda do Cabido, fl. 36v

7.16 Cabouqueiro

Nos séculos XV e XVI não encontramos nenhuma referência a cabouqueiros no burgo vimaranense. O cabouqueiro é aquele que faz caboucos, sendo cabouco ou cavouco «o buraco, que o cavouqueiro faz com uma espécie de alavanca, o qual se enche de pólvora, para rebentar a pedra» (BLUTEAU, 1789, I: 249).

É natural que se não encontrem cabouqueiros dentro da vila. As principais pedreiras, ainda hoje activas, situam-se em Gonça, ou seja numa freguesia afastada da vila (ALMEIDA, 1930: 56).

Tabela XII

Cabouqueiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Tarefa	Medida	Custo (reais)
De quebrar um carro de pedra na pedreira	carro	5
De trazer um carro de pedra dos arredores da vila, onde a costumam quebrar, sendo pedra de galho	carro	8
De quebrar um carro de pedra de Gonça, de selharia e desgastar	carro	12
De quebrar e desgastar um carro de peças de agulhas e tranqueiros	carro	15
De quebrar uma padieira	7 a 8 palmos	30
	9 a 10 palmos	35
De trazer um carro de pedra de Gonça, de selharia, rebatos e agulhas	carro	20
De trazer um carro de padieiras e peitoris	carro	30
E levará um cabouqueiro de jornal, por um dia, a seco. (E as pessoas com quem andarem lhes darão os picões aguçados e rebatidas as cunhas)		40
E levará um cabouqueiro de jornal, por um dia, a comer. (E as pessoas com quem andarem lhes darão os picões aguçados e rebatidas as cunhas)		20
De quebrar e desgastar os peitoris para janelas levará, por dia		25

7.17 Camareira

Encontramos referência, em 1440-1441, a Inês Pires, camareira do Conde, que habitava o paço ducal, na zona alta da vila, junto ao Castelo.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1440-41	Inês Pires ⁶⁸		Camareira do Conde	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl. 21v

⁶⁸ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua Escura".

Segundo Bluteau, camareiro é um «criado de câmara», e camareira uma «senhora que serve na Câmara de S. Majestade, há uma camareira-mor» (BLUTEAU, 1789, I: 219). Por câmara entenda-se «alcova de dormir» (BLUTEAU, 1789, I: 219).

7.18 Carniceiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a sete carneiros. Bluteau define carneiro como «o que mata e vende carne no talho do açougue» (BLUTEAU, 1789, I: 236).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1498	João Luís ⁶⁹	Gulpilhares, vinha	Carniceiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 158-158v
1515	Álvaro Gonçalves	Guimarães, rua do Gado ⁷⁰	Carniceiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl. 18
1531.03.16	Gonçalo Fernandes	Guimarães, Santa Luzia	Carniceiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 45)
1531.05.19	João Luís		Carniceiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 94)
1585.11.30	Francisco Rodrigues ⁷¹	Guimarães, freguesia de S. Pedro de Azurém	Carniceiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.11v
1585.12.03	Gonçalo Ribeiro ⁷²	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Carniceiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.24v
1596.07.29	Manuel Fernandes ⁷³	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Carniceiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.18

Nos regimentos lisboenses de 1572, não nos aparece a referência a carneiros, mas sim a «cortadores de carne». Estes tinham de saber desfazer carne de boi, de carneiro e de porco (CORREIA, 1926: 204-205).

Pela carta de privilégios concedida, em 1372, pelo rei D. Fernando aos habitantes da vila e do castelo de Guimarães, ficamos a saber que carnei-

⁶⁹ Trazia emprazada a vinha de Gulpilhares juntamente com Pêro Eanes, sapateiro. Pagavam de censo à Confraria do Serviço de Santa Maria, 20 reais.

⁷⁰ Morou na rua do Gado. Casas do Cabido da Colegiada que nessa data estavam emprazadas a João de Freitas.

⁷¹ A 30 de Novembro de 1585, foi baptizada sua filha Francisca na igreja de S. Pedro de Azurém. Casado com Maria Lagarta.

⁷² Testemunha de um baptizado realizado na freguesia de S. Sebastião.

⁷³ A 29 de Julho de 1596, foi baptizado "em casa por necessidade" seu filho José. Casado com Isabel Robela.

ros, padeiras e peixeiros não deviam ser constrangidos a talhar ou vender os seus produtos fora do castelo (VMH, 1931: 416).

No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, define-se o que «os carneiros e quaisquer outras pessoas que no açougue da dita vila cortarem carne» têm de pagar taxa. Mais à frente informa-se que a carne era «vendida a peso ou a olho», e que se comprava «de talho ou enxerca*», toucinho e marrã* (MEIRELES, 1994: 50, 55 e 58).

Nas taxas vimaranenses de 1552 define-se que «a carne fresca se venderá nesta vila e seu termo pela taxa geral que a essa comarca tenho enviada» (ALMEIDA, 1930: 50). A. L. de Carvalho refere a existência de um talho, nos açougues vimaranenses, que servia apenas os «oficiais mecânicos e pessoas outras do povo», benefício obtido por provisão régia, em 1535 (CARVALHO, 1939-1951, I: 31-34).

Em vereação, corria o ano de 1531, acordou-se no conserto dos açougues e talhos «e que estes estejam continuamente varridos e limpos e cobertos os talhos com camisas: sob pena de pagar, por cada vez, cada carneiro a que for achado o talho descoberto, quarenta réis, cada vez, e se estiver o açougue por varrer pagarão todos os carneiros» multa (FARIA, 1997: 112-113).

7.19 Carpinteiro

Ligados à faina construtiva verificada em Guimarães durante os séculos XV e XVI estavam também os carpinteiros, encontrando-se na documentação compulsada a referência a catorze carpinteiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412.06.22	Afonso Eanes	Guimarães	Carpinteiro do Conde	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.28v-29
1484.08.14	João Dias ⁷⁴	Guimarães	Carpinteiro	(VITERBO, 1896: 178)
1490.12.20	Afonso Eanes ⁷⁵	Guimarães	Carpinteiro dos Paços da vila de	(VITERBO, 1896: 176-177)

⁷⁴ A 14 de Agosto de 1484, o rei D. João II nomeou-o seu carpinteiro na vila de Guimarães recebendo de mantimento 20 alqueires de centeio, 30 alqueires de milho e 30 almudes de vinho (VITERBO, 1896: 178). Renunciou ao cargo em 1488. Seu genro Afonso Eanes vai-lhe suceder no cargo em 1490 (VITERBO, 1896: 176-177).

			Guimarães	
1515	Fernão Rodrigues ⁷⁶	Guimarães, rua de Santa Maria	Carpinteiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.10v
1515	João Eanes ⁷⁷	Guimarães, rua de Santa Maria	Carpinteiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.15v
1515; 1531.03.10; 1531.09.26 ⁷⁸ 1531.12.01 ⁷⁹	João Gonçalves	Guimarães, rua das Molianas ⁸⁰	Carpinteiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.50; Vereações 1531 (FARIA, 1997: 40, 135 e 154)
1531.03.10	João Pires		Carpinteiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 40)
1531	Pêro Gonçalves		Carpinteiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 40)
1531.05.19	António Afonso		Carpinteiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 95)
1564.09.30	Domingos Fernandes	Guimarães, rua Nova do Muro	Carpinteiro	A. M. A. P., C-1370, fl.28v
1589.09.21	Belchior Pires ⁸¹	Guimarães, rua de Gatos	Carpinteiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.24
1592.08.24	Francisco Ferreira ⁸²	Guimarães, Oliveira do Castelo	Carpinteiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.4v
1594.11.11; 1596.05.03	Domingos Pires ⁸³	Guimarães, Cano	Carpinteiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.12v; P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.17v
1595.08.23	Jerónimo Eanes ⁸⁴	Guimarães, Praça	Carpinteiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.82v

Em Lisboa, em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira dá conta da existência de 18 mestres de carpintaria, 492 carpinteiros de casas e 93 carpinteiros de caixas (OLIVEIRA, 1987: 95). E, para a mesma cidade e ano de 1552, João Brandão fala em «mais de 300 tendas de carpinteiros. E cada um tem um, dois obreiros. Que serão por todo seiscentos homens» (BRANDÃO, 1990: 193), e, em «50 tendas de

⁷⁵ A 20 de Dezembro de 1490, o rei D. João II, nomeou-o carpinteiro dos seus Paços da vila de Guimarães. Receberia por ano de mantimento: 30 alqueires de centeio, 30 alqueires de milho e 30 almudes de vinho. Era genro de João Dias que fora também carpinteiro dos Paços da vila de Guimarães (VITERBO, 1896: 176-178). Este último renunciara ao cargo em 22 Abril de 1488.

⁷⁶ Trazia emprazadas umas casas na rua de Santa Maria pertencentes ao Cabido da Colegiada.

⁷⁷ Casas pertencentes ao Convento de S. Domingos das quais João Eanes pagava uma renda de censo ao Cabido da Colegiada.

⁷⁸ Arrematou pelo lanço de 12 mil réis a obra de restauro da ponte de S. João.

⁷⁹ Após os vereadores, juiz e procurador do concelho terem visto a obra do corta-mar da ponte de S. João, o carpinteiro recebeu a quantia estipulada anteriormente.

⁸⁰ Trazia emprazadas umas casas e almuinha nas Molianas, pertencentes ao Cabido da Colegiada.

⁸¹ Nessa data sua filha Maria foi baptizada em Creixomil. Casado com Ana Gonçalves.

⁸² A 24 de Agosto de 15 de 1592, foi baptizado seu filho Roque na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Francisca Fragosa.

⁸³ A 11 de Novembro de 1594, foi baptizada sua filha Maria, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Sodre (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.12v); a 3 de Maio de 1596, foi baptizada sua filha Ana, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Sodre (A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.17v).

⁸⁴ Padrinho de baptizado de Salvador, filho de Gonçalo Gonçalves, tecelão, morador no Campo da Feira.

carpinteiros de caixas e mesas e tabuleiros e outras coisas desta qualidade. Em cada tenda 3, 4 pessoas. São por todo cento e cinquenta» (BRANDÃO, 1990: 188). Por ele ficamos também a saber que as caixas produzidas serviam para guardar principalmente marmelada e açúcar rosado (BRANDÃO, 1990: 71).

No regimento dos carpinteiros lisboenses de 1572 encontramos referência a dois tipos específicos de carpinteiros - os carpinteiros de casas, que sabiam executar tudo o que tinha a ver com a obra de carpintaria de uma casa (CORREIA, 1926: 105-109) e os carpinteiros com tenda aberta e que se dedicavam ao fabrico de caixas (de várias formas, feitos e usos), mesas, arcas, cadeiras, medidas de capacidade, escritórios, caixas para marmelada, caixões de ourives e tabuleiros de xadrez (CORREIA, 1926: 155-109).

No que respeita a Guimarães, infelizmente são poucos os elementos de que dispomos para descortinar o que faziam os carpinteiros de casas, apenas ficamos a saber qual o salário de que usufruíam os oficiais - 50 reais diários «a seco», ou seja, sem comerem, ou então, 30 reais incluindo alimentação -, e os obreiros, que como é lógico, auferiam menos, respectivamente, 30 ou 20 reais. Quanto aos «carpinteiros de caixas» sabemos o que produziam - caixas, arcas e cadeiras - e quanto estas custavam (ALMEIDA, 1030: 59-60).

Tabela XIII

Carpinteiros de caixas: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Custo (reais)
Arca	5 palmos de comprido e 2 de alto	120
	8 ou 10 palmos de comprido e 3 de alto	550
Cadeira rasa* (dos paus)		30
Cadeira de espaldar* (dos paus)	lavrados	170

Talvez os «carpinteiros de caixas» fossem também os executores das «coisas de pau», referidas no foral manuelino dado a Guimarães, em 1517 - «tonéis, arcas, gamelas e por todas outra obra e loiça de pau» (MEIRELES, 1994: 64).

Através das taxas de 1552 ficamos também a saber o preço da madeira (tabuado): «não valerá mais uma dúzia de tabuado de palmo, palmo e meio ou dois palmos, cortado por terços e são, e de dez palmos para doze, com-prido, posto nesta vila, de 190 reais a dúzia» (ALMEIDA, 1030: 156).

7.20 Cerieiro

Só encontramos referência um cerieiro, João Lopes, em 1515.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1515	João Lopes ⁸⁵	Guimarães, rua de Santa Maria	Cerieiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.10

Os cerieiros, segundo o regimento lisbonense de 1572, ao serem examinados tinham de saber fazer quer tochas*, círios* e brandões* brancos de Confraria, quer arcadas de círios* verdes torcidos ou de círios* amarelos. Tinham também de saber «embicar» um «círio* de três arrobas para cima e acrescentar-lhe-ão um palmo de boca» (CORREIA, 1926: 218).

No Livro da Vereação de 1531, determina-se que «os candeeiros de cera façam onde os têm cheios os pavios de cera e tão grossos que possam alumiar deles luz e dizer as missas porquanto os fazem tão delgados que não podem dizer com eles as missas» (FARIA, 1997: 47).

Através das taxas de Guimarães para 1552 ficamos a saber que um cerieiro levava 4 reais por fazer uma libra de cera de dois arráteis. E que uma libra de cera (ou seja, dois arráteis), por lavar, custava 80 reais. E sendo já queimada, 70 reais (ALMEIDA, 1930: 59). Os cerieiros também utilizavam sebo cuja arroba custava 200 reais (ALMEIDA, 1930: 154).

A. L. de Carvalho, em «Os mesteres de Guimarães» tem um capítulo dedicado aos cerieiros (CARVALHO, 1939-1951, V: 47-57).

⁸⁵ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada sitas na rua de Santa Maria onde morava Jerónimo Lopes, capelão.

7.21 Colcheiro

Apenas encontramos referência a um colcheiro, Vasco Martins, no início do século XV.

Colcheiro é aquele que faz colchas. Colchoeiro é aquele «que faz colchões» (BLUTEAU, 1789, I: 284).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412-1413	Vasco Martins ⁸⁶	Guimarães	Colcheiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl. 16

Em Lisboa, em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira refere a existência, de 27 «colchoeiros de colchas» e 100 colchoeiras (OLIVEIRA, 1987: 95 e 99). Por seu turno, para a mesma cidade, no ano de 1552, refere João Brandão, a existência de «10 tendas em que se fazem colchas», «12 tendas de colchoeiros», que fazem «esparavéis*», e de «20 homens e mulheres que andam pela cidade fazendo e consertando colchões» (BRANDÃO, 1990: 188, 196 e 197).

Lembremos que os correieiros vimaranenses tinham de saber fazer uma «guarnição de almofreixe*» (ALMEIDA, 1930: 60), sendo almofreixe* «mala grande para colchões e camas de jornada» (BLUTEAU, 1789, I: 64). No inventário da Infanta D. Beatriz, mãe de D. Manuel, são referidos «três colchões de lenço naval, dos seis pequenos que eram ordenados para a cama da Duquesa» e «seis colchões de lenço de bretanha e naval» (FREIRE, 1914: 96).

7.22 Coronheiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a três coronheiros. Coronheiro é aquele que faz coronhas ou cronhas, ou seja, «peça de pau a que está fixa a espingarda, pistola, bacamarte, clavina, etc.» (BLUTEAU, 1789, I: 350).

⁸⁶ Em 1371, surge um colchoeiro chamado João André (FERREIRA, 1993: 322).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1498	Fernão Eanes de Seixas	Guimarães	Coronheiro	(MARQUES, 1984: 35)
1585.11.29	Heitor Diz ⁸⁷	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Coronheiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.130
1592.12.17	Jerónimo Pires ⁸⁸	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Coronheiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.92v

Através do regimento dos coronheiros lisboenses de 1572, ficamos a saber o que os coronheiros deviam executar (CORREIA, 1926: 70-71).

Os coronheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam tabuleiros, limpavam-nos e envernizavam-nos; faziam nozes* de veado ou de baleia; assentavam bestas*, faziam chaves estanhadas, fuzis, garras (que também envernizavam) e cordas para besta* (ALMEIDA, 1930: 56).

Tabela XIV

Coronheiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Custo (reais)
tabuleiro	bom	250
	oitavado, bom	300
	limpar e envernizar o tabuleiro	30
noz*	de veado	50
	de baleia	40
de assentar uma besta*	que outro fizer	15
	já velha	10
chave	estanhada	30
fuzis	para assentar a vara ⁸⁹	10

⁸⁷ Nessa data faleceu sua mulher Isabel Fernandes.

⁸⁸ Padrinho de baptismo de uma criança da freguesia de S. Sebastião.

⁸⁹ Nota: Eduardo Almeida leu no manuscrito «veira», quer-nos parecer que se deve ler «vara».

garras	de fazer umas garras boas	80
	de limpar umas garras	10
corda para besta*, de feitio	dando-lhe o fio	4
	dando do seu fio de roda	8
	dando do seu fio de novelo	12

7.23 Correeiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a quatro correeiros. Correeiro é aquele que faz ou vende cintos, correias e arreios para animais. De um modo geral a obra executada pelo correeiro é em couro mas também pode ser noutros materiais.

Data	Nome do Interventente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1463.11.10	Afonso Eanes	Guimarães, rua Sapateira	Correeiro	(MARQUES, 1981: 280)
1531.08.27	António Gonçalves	Guimarães	Correeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 129)
1515	João Rodrigues ⁹⁰	Guimarães, rua das Ferrarias	Correeiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.28v
1453-54	Martim Eanes ⁹¹	Guimarães, pelames da rua de Couros	Correeiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.23v

Segundo o regimento dos correeiros lisboenses de 1572, havia correeiros de obra grossa e delgada. Os correeiros de obra grossa tinham de saber fazer uma guarnição de cavalo e de mula; uma cadeira de espaldas*, um almofreixe*, uma caixa de couro curtido, um peitoral de cavalo; um cabresto* e umas andilhas* guarnecidas. Os correeiros de obra delgada deviam saber fazer um cinto, bolsa francesa, barjoleta de cavalgar* e uma aljava* (CORREIA, 1926: 87-88).

⁹⁰ Morava numas casas sitas na rua das Ferrarias pertencentes ao Cabido da Colegiada. Anteriormente tinham sido emprazadas a seu sogro Pêro Álvares, sapateiro.

⁹¹ Trazia emprazados os pelames da Figueira pertencentes ao Cabido da Colegiada de Guimarães sitos na rua de Couros.

Os correeiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: guarnições de cavalo e de mula, loros* e peitoral de brida*, rédeas* e rédeas de gine-ta*, cabeçadas e peitoral de gineta*, guarnição de mula, guarnições de almofreixe*, guarnições para cadeiras de espaldas* e rasas, talabartes* e aljavas* (ALMEIDA, 1930: 60-61).

Tabela XV

Correeiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Custo (reais)
guarnição de cavalo	de brida* perfeita, com rédeas*, retrancas, cilhas, loros*, correias para as esporas e cabeçadas	500
	de correias compridas, singelas	300
loros* de brida*	dobrados	50
	singelos	30
peitoral de brida*		40
rédeas*		25
guarnição de mula	toda perfeita	450
rédeas de gineta*	de cores	30
	pretas	25
de pôr umas correias e esporas de gineta*	de cores	15
	pretas	12
cabeçadas de gineta*	de couro	30
	pretas	25
peitoral de gineta*	com sua caixa, envernizado	60
	preto	50
guarnição de almofreixe*	de um encarga	600
	de dois encarga	400
de guarnecer	uma cadeira de espaldas*	140
	uma cadeira rasa*	80

talabartes*	de cordovão* dobrados e pespontados com sua guarnição de ferro e tachões	130
	largos, comuns de dúzia, valerá cada um	25
	mais somenos	20
	do feitto de uns talabartes*, de veludo, forrados e pespontados, dando-se-lhe o veludo, de suas mãos e couro	40
aljaba*	lavrada e guarnecida de seda de cores, para vinte tiros ⁹²	600
	chã*	300

7.24 Curtidor

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a dois curtidores.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1441-1451(?)	João Afonso ⁹³	Guimarães, almuinha* sita na Ramada	Curtidor	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.4
1589.12.02	Luís Abreu ⁹⁴	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Curtidor	A. M. A. P., P-441 Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.31

Através do regimento lisbonense dos curtidores (1572) ficamos a saber que a estes competia «grosar couros brancos de peça e cochar, lavar, curtir e empalamar cordovão* e atestados», bem como saber «remeter cordovão* marroquil», e que se lhes proibia vender solaria «molhada nem coberta com casca, senão enxuta e fora da dita casca» (CORREIA, 1926: 81).

No primeiro foral vimaranense, outorgado pelo Conde D. Henrique, algures entre os anos de 1095 e 1096, é referida a venda de «peles de coelho», «coiro de boi ou de vaca» (FORAL, 1996). Mais tarde, através da carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, ficamos a saber que aqui se comercializava - peles, curtidas ou não, pele de cordeiro, de

⁹² Nota: Eduardo Almeida leu no manuscrito «tiras», parece-nos que a leitura correcta é «tiros». Não esquecer que aljaba é a bolsa destinada a conter as setas que se atiravam.

⁹³ Pagava quatro galinhas de renda por uma almuinha que trazia emprazada ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sita na Ramada.

⁹⁴ A 2 de Dezembro de 1589, foi baptizada, na freguesia de S. Sebastião, a sua filha Maria. Casado com Maria Lopes.

«avortonis», de cabrito, de coelho, de coelho trabalhada; couro de vaca curtido e por curtir; pele de cabra curtida e por curtir; couros vermelhos (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 174-176; VMH, 1931: 218-219). Os curtidores vimaranenses curtiavam, em 1552, couros de boi, de cabra e de carneiro (ALMEIDA, 1930: 55).

Na curtimenta do couro, para além da casca de carvalho que os curtidores compravam aos atafoneiros de casca usava-se também sumagre*, valendo em 1552, cada arroba, 60 reais (ALMEIDA, 1930: 61). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, vem referida a comercialização de «sumagre* e casca de curtir* (MEIRELES, 1994: 62). Através dele ficamos também a saber que aqui se transaccionava «todo o couro de boi ou vaca, ou de pele de cervo, corço, gamo, bode, cabras, carneiros ou ovelhas, curtidas ou por curtir», e peles «de cordeiras, raposas, martas e de toda a pelitaria* ou forros», bem como «pelicas* e roupas feitas de peles» (MEIRELES, 1994: 59-60).

Tabela XVI

Curtidores: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Custo (reais)
Curtir um couro de boi	De 15 arrobas para cima, pondo todos os custos	100
	De dez até 15 arrobas	90
Curtir peles de cordovão*	Cada dúzia	300
	Por miúdo, cada pele	30
Curtir peles de carneiro	Cada dúzia	200
	Por miúdo, cada pele	20

Pelas taxas vimaranenses de 1552 ficamos também a saber quanto custavam os couros (ALMEIDA, 1930: 61).

Tabela XVII

Couros e courama de toda a sorte: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Custo (reais)
Couro de boi ou vaca	de 6 a 7 arrobas	250
	de 8 a 10 arrobas	340
	de 11 a 14 arrobas	450
	de 15 a 20 arrobas	550
Pele em cabelo	de machos de 3 anos para cima, para botas* ou borzequins*, a dúzia	950
	de machos meãos, a dúzia	600
Peles de cabra	a dúzia	400
Peles de carneiras	a dúzia	180

Nesta época o couro era matéria utilizada para fazer diversas peças, desde roupa, a sapatos, a adereços, a arreios para animais, a peças de mobiliário.

Pode parecer estranha a quase inexistência de curtidores, apenas dois, e de surradores, apenas três, num burgo onde o trabalho do couro tinha fama. Veja-se a este propósito o sub-capítulo sobre os sapateiros.

7.25 Cutileiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a onze cutileiros. A arte da cutelaria tem uma forte tradição em Guimarães. Ainda hoje, algumas das empresas de cutelaria existentes no concelho de Guimarães, são das mais importantes no mercado nacional e internacional.

Data	Nome do Interviente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412-13	Gil Vasques ⁹⁵	Guimarães, rua da Arrochela	Cutileiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido n.º 3, fl.32v
1423.06.17	João do	Guimarães, rua de	Cutileiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 217, fl.30v

⁹⁵ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na rua da Arrochela.

	Souto ⁹⁶	Gatos		
1453.08.06	Álvaro Eanes	Guimarães	Cutileiro	(MARQUES, 1981: 298-299)
1453.08.06	João Alves	Guimarães	Cutileiro	(MARQUES, 1981: 298-299)
1462.09.09 ⁹⁷	Gomes Ferrão	Guimarães	Cutileiro	(MARQUES, 1981: 307)
1531.01.27	Amador Gonçalves ⁹⁸		Cutileiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 23)
1531.05.12	João Gonçalves	Guimarães	Cutileiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12	Vasco Afonso	Guimarães	Cutileiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1589.10.22	Brás João ⁹⁹	Guimarães, rua de Gatos	Cutileiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.24
1594.11.27	António Fernandes ¹⁰⁰	Guimarães	Cutileiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl. 78
1596.12.31	Francisco Teixeira ¹⁰¹	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Cutileiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl. 78v

Segundo o regimento dos cutileiros lisboenses de 1572, os oficiais de cutelaria tinham de «mui bem esmerar o aço» e de saber fazer um «punhal buído», «ferramenta para uma escrivanhina*», uma «mesa de cutelos», um «manchil», um «par de facas de pares», «obra latoada», uma «adaga*», «tesouras» de alfaiate e de sapateiro, um «navalhão» e um «trinchante de sapateiro» (CORREIA, 1926: 73-74).

Os cutileiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: manchil com sua faca, facas e garfos para faqueiro, faca de mesa, cutelo para cozinha, canivetes, tesouras, trinchantes, podões, navalhões e punhais (ALMEIDA, 1930: 55).

Tal como já verificámos no caso dos barbeiros, também os cutileiros faziam utensílios que serviam a outros mesteres - tesouras para alfaiates, alfaiatas e barbeiros, tesouras e trinchantes para sapateiros, podões para carpinteiros e para lavradores e navalhões para carneiros.

Não podemos também deixar de chamar a atenção para a feitura, já nesta época, de faqueiros compostos de faca e garfo. A quantidade produzida -

⁹⁶Casado com Catarina Esteves.

⁹⁷ Trata-se de uma pública forma de um documento datado de 22 de Fevereiro de 1459. Era Juiz da Confraria dos Sapateiros (MARQUES, 1981: 307).

⁹⁸ Vendeu um terreno a Francisco da Silva, meirinho do Duque de Bragança, sito abaixo de Santo André.

⁹⁹ Nessa data seu filho António foi baptizado na igreja de Creixomil. Casado.

¹⁰⁰ Foi padrinho de uma criança baptizada na igreja de S. Sebastião. Foi madrinha a mulher de Gonçalo Pires, sapateiro, morador na rua Travessa.

¹⁰¹ A 31 de Dezembro de 1596, foi baptizada sua filha Catarina, na freguesia de S. Sebastião. Casado com Beatriz Mendes.

ou seja, não se compravam individualmente mas em faqueiros de 12 ou 15 peças de facas e garfos - leva a supor que se usariam já com certa regularidade. Note-se também que os cutileiros nesta época não faziam colheres. Estas eram produzidas em madeira. No Inventário de bens da Infanta D. Beatriz (1507), mãe de D. Manuel, constam: 160 colheres de pau e 36 colheres grandes de cozinha; colheres de prata, umas de cabos vãos e outras da feição de vaqueiro, de cabo estreito; um garfo torcido e 5 garfinhos de prata (FREIRE, 1914). Note-se que, em Guimarães, também os banheiros faziam faqueiros.

Tabela XVIII

Cutileiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Tamanhos	Custo (reais)
manchil	com sua faca, chão*	maior	60
	com sua faca, 3 olhos		90
	com sua faca, 2 olhos		80
Facas e garfos	para faqueiro	2 x 12 ¹⁰²	240
		2 x 15	300
cutelo	para cozinha		40
faca	de mesa		15
canivete	de cabo de ferro		8
	com tachão		12
tesouras	de escrivantina*, boas		20
	de alfaiatas		30
	para barbear		40
	de alfaiate		100
	de sapateiro		90
trinchante	de sapateiro		25

¹⁰² No documento refere-se «item doze peças de facas com seu garfo para faqueiro» e «de quinze peças para o dito faqueiro». Somos levados a pensar que se trata, respectivamente de 12 e 15 facas e de 12 e 15 garfos. Pois, caso contrário o faqueiro de 15 peças teria um número impar de facas ou de garfos.

		dúzia	240
podão	bom		25
	para madeira e podar uveiras	grande	35
navalhão	de carniceiro		20
		mais pequeno	15
punhal	boito		60

7.26 Estalajadeiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a seis estalajadeiros. As estalagens são casas onde os viandantes podiam, pagando, dormir, comer e conseguir estada para os animais que os transportavam. Nas estalagens também se podia alugar «bestas* de sela» (CORREIA, 1926: 190). Os preços da dormida, da alimentação e da estadia dos animais eram tabelados e deviam ser afixados em local visível.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1453-54 ¹⁰³	Pedro Afonso	Guimarães, rua de Gatos	Estalajadeiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl. 23
1498; 1515 ¹⁰⁴	Gonçalo Afonso	Guimarães, rua de Gatos	Estalajadeiro	(MARQUES, 1984: 37)
1515	Álvaro Afonso ¹⁰⁵	Guimarães, rua Escura	Estalajadeiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl. 35v
1515 ¹⁰⁶	Pedro Afonso	Guimarães, rua de Gatos	Estalajadeiro	A. M. A. P., Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl. 41v
1531.08.18	João Vaz		Estalajadeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 123)

¹⁰³ Trazia umas casas emprazadas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “rua de Gatos até à porta de S. Domingos”.

¹⁰⁴ Pedro Afonso morou nestas casas do Cabido da Colegiada. À data essas casas estavam emprazadas a seu genro Gonçalo Afonso.

¹⁰⁵ Tinha trazido emprazadas umas casas na rua Escura do Cabido da Colegiada. Estavam nessa data emprazadas a um cônego.

¹⁰⁶ À data essas casas do Cabido da Colegiada estavam emprazadas a seu genro Gonçalo Afonso.

1591.08.27	Jerónimo Gonçalves ¹⁰⁷	Guimarães, Toural	Estalajadeiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.133
------------	-----------------------------------	-------------------	---------------	--

Segundo o regimento lisbonense de 1572, os estalajadeiros eram obrigados a ter camas disponíveis, obedecendo a certas regras: por exemplo a cama de um escudeiro deveria ser composta por «um almadraque* e um colchão* e dois lençóis e um cobertor de papa* e um travesseiro enfronhado», e, a cama de um «homem de pé» deveria ter «um almadraque* e dois lençóis e uma manta do Alentejo e cabeçal*». Na cama era permitido dormir «nela três pessoas ou mais» (CORREIA, 1926: 189-190).

É interessante que no regimento lisbonense se proíbe aos estalajadeiros ter «em sua estalagem e casa mulher solteira que ganhe dinheiro por seu corpo» (CORREIA, 1926: 191).

A. L. de Carvalho considera uma e a mesma coisa a profissão de estalajadeiro e de pasteleiro, mas tal não corresponde à verdade (CARVALHO, 1939-1951, VII: 121-125). Trata-se, de facto, de profissões diferentes. Veja-se neste texto o sub-capítulo sobre os pasteleiros.

7.27 Ferrador

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a sete ferradores. Os ferradores eram responsáveis por ferrar os animais e por curar algumas das suas maleitas.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empra- zamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1448.05.06	Afonso Gonçalves ¹⁰⁸		Ferrador	(MARQUES, 1981: 296)
1450.09.06	Gonçalo Martins	Guimarães, rua de Gatos	Ferrador	(ROSÁRIO, 1981: 97)
1453-54	Afonso Lourenço ¹⁰⁹	Guimarães, rua Caldeiroa	Ferrador	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl. 22v

¹⁰⁷ Nessa data faleceu sua sogra, Margarida Álvares, na freguesia de S. Sebastião.

¹⁰⁸ Contrato celebrado na freguesia de S. João de Ponte.

¹⁰⁹ Trazia empraçadas umas casas e exido do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na rua Caldeiroa.

1453-54; 1476.08.16	Gonçalo Martins	Guimarães, rua de Santa Maria ¹¹⁰	Ferrador	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.4v; C-928 (nota antiga: livro 12), fl.23
1498	João Eanes	Guimarães	Ferrador	(MARQUES, 1984: 38)
1498	João Vaz	Guimarães, Rua Nova do Muro	Ferrador	A.N.T.T., N-A-272, fl. 154v
1531.01.05; 1531.03.03; 1531.03.10; 1531.12.22	Pêro Eanes	Guimarães	Ferrador	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 15, 36, 38, 160)

Através do regimento lisbonense de 1572, ficamos a saber que os ferradores eram examinados sobre a «arte do ferrar e qualidade dos cascos das bestas*, e pelos remédios para curar as encravaduras, como pelo que toca à arte da alveitaria*». De facto, os ferradores para além de ferrarem os animais tinham de «saber conhecer as dores que vêm às bestas* pelos sinais que em elas vêm, se lhes procedem de sangue, se de frio, se de inchamento ou de muito trabalho, e saber-lhe dar as mezinhas segundo o caso for» e de «sangrar uma besta* aguada ou resfriada e dar-lhe os remédios convenientes ao caso» (CORREIA, 1926: 65-66).

Como noutras profissões já aqui referidas também os ferradores podiam ser examinados «somente na arte de ferrar e não na da alveitaria*», devendo constar à porta da sua tenda aquilo para o que tinham sido examinados, bem como os preços dos serviços que prestavam (CORREIA, 1926: 66).

As taxas vimaranenses para os ferradores não referem se também exerciam a arte da alveitaria* (ALMEIDA, 1930: 62-63).

Tabela XIX

Ferradores: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Custo (reais)
ferradura	lançada	8

¹¹⁰ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “rua de Santa Maria até ao Sabugal”.

	feitiça de cavalo	10
	de azémola* grande	8
	de mulatos ou rocins	7
	de asno	5

A. L de Carvalho dedica um capítulo do seu estudo sobre «Os mesteres de Guimarães», aos ferradores (CARVALHO, 1939-1951, VII: 141-155).

7.28 Ferreiro

Em Guimarães, encontramos referência a vinte e nove ferreiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412-13	Pêro Domingues ¹¹¹	Guimarães, vila do castelo	Ferreiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl. 35
1412-13	João Geraldes ¹¹²	Guimarães, rua de Santa Maria	Ferreiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl. 29
1412-13	Afonso Martins ¹¹³	Guimarães, rua Nova do Muro	Ferreiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl. 38v
1440-41	Pêro Martins ¹¹⁴	freguesia de São Martinho de Conde, Casal da Costa	Ferreiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl. 61v
1440-41	João de Braga ¹¹⁵	Guimarães, rua Caldeiroa	Ferreiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl. 24v
1440-41	João Afonso ¹¹⁶	Guimarães, rua de Infesta	Ferreiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl. 10
1440-41 ¹¹⁷ ;	Lourenço	Guimarães, rua da	Ferreiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Faz-

¹¹¹ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na “vila do castelo”.

¹¹² Trazia umas casas com seu exido do cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Santa Maria.

¹¹³ Réditos a favor do Cabido da Colegiada de Guimarães sobre umas casas de João Eanes, tabelião, em que morava Afonso Martins, ferreiro, sitas na rua Nova do Muro (mês de Agosto).

¹¹⁴ Trazia emprazado o Casal da Costa, da freguesia de São Martinho de Conde, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

¹¹⁵ Trazia emprazadas umas casas e lata [=latada] do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “rua Caldeiroa”.

¹¹⁶ Trazia emprazado um exido do Cabido da Colegiada de Guimarães sito na “rua da Infesta até ao Castelo”.

1440-41 ¹¹⁸ , 1440-41 ¹¹⁹	Pires	Arrochela; rua de Gatos; S. Miguel de Creixomil, vinha do Pombal		da do Cabido, n.º 1, fl.15, fl.25 e fl.38v
1441-1451(?)	Gomes Martins ¹²⁰	S. Miguel de Creixomil, vinha e devesa	Ferreiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl. 4v
1446.06.16; séc. XV, 1ª metade	Vasco Martins ¹²¹	Guimarães, rua de Santiago	Ferreiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 269, fls. 15v.16v; A.2.3.39, fl.26
1464.07.18	Luís Eanes	Guimarães	Ferreiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.2v
1465.01.25	Diogo Eanes	Guimarães	Ferreiro	(MARQUES, 1981: 313)
1498	Pêro Fernandes ¹²²	Guimarães, rua de Gatos	Ferreiro	(MARQUES, 1984: 36)
1498	Fernando Afonso	Guimarães	Ferreiro	(MARQUES, 1984: 36)
1531.05.12	João Pires	Guimarães	Ferreiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12	João Vieira	Guimarães	Ferreiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.06.23	João Álvares		Ferreiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)
1531.07.21	Vasco Pires		Ferreiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 116)
1531.11.20	Afonso Pires	Guimarães, vila de	Ferreiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 152)
1531.05.12; 1531.06.23; 1531.06.23	Gonçalo Eanes	Guimarães	Ferreiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78, 104, 105)
1570.01.25	Gonçalo Pires ¹²³		Ferreiro	A. M. A. P., C.1365
1582.02.15 ¹²⁴ , 1593.06.29 ¹²⁵	Gonçalo Álvares	Guimarães, Cano	Ferreiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.10; P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.7

¹¹⁷ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua da Arrochela".

¹¹⁸ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua de Gatos até à Porta de São Domingos".

¹¹⁹ Trazia emprazadas a vinha dos Pombais, da freguesia de S. Miguel de Creixomil, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

¹²⁰ Pagava duas galinhas de renda por uma vinha e devesa que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na freguesia de S. Miguel de Creixomil.

¹²¹ Confrade da Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26).

¹²² Trazia emprazadas umas casas da Confraria de S. Domingos, sitas na rua de Gatos.

¹²³ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., C.1365).

¹²⁴ Foi padrinho de baptismo de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

¹²⁵ Foi padrinho de baptismo de Maria, enjeitada. Baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

1585.01.15	Manuel Gonçalves ¹²⁶	Guimarães, Madroa	Ferreiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.11
1589.12.04	Salvador Gonçalves ¹²⁷	Guimarães, rua de Gatos	Ferreiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.7
1592.06.22	Pedro Luís ¹²⁸	Guimarães, rua das Molianas	Ferreiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.92v
1593.02.06	Pedro Fernandes ¹²⁹	Guimarães, Cano	Ferreiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.5v
1593.10.03	Diogo Fernandes ¹³⁰	Guimarães, Cano	Ferreiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.7v
1594.10.12 131; 1598.12.25 132	Pedro Álvares	Guimarães, rua das Molianas	Ferreiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.77 e fl.99
1595.11.13	Brás Fernandes ¹³³	Guimarães, rua de Santa Luzia	Ferreiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº 1 de S. Pedro de Azurém, fl.131
1598.11.08	Baltasar Gonçalves ¹³⁴	Guimarães, rua das Oliveiras	Ferreiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.98v

Segundo o regimento dos ferreiros lisboenses (1572), «o oficial que se quiser examinar de obra de terra há-de saber mui bem caldear o ferro e aço para aquelas obras que dele houver de fazer e conhecer a natureza dele se é agro se doce para que conhecendo-o lhe dê a calda segundo for necessário. Item saberá fazer mui bem toda a ferragem para bestas* e cravo para

¹²⁶ Nessa data foi baptizada, sua filha Isabel na freguesia de S. Miguel de Creixomil. Casado com Maria Coelho.

¹²⁷ Casou nessa data na freguesia de S. Sebastião com Isabel Gonçalves, criada que foi de Gomes Gonçalves "que de presente vive nesta freguesia".

¹²⁸ A 22 de Junho de 1592, foi baptizada sua filha Catarina na freguesia de S. Sebastião. Casado com Margarida Carvalhais.

¹²⁹ A 6 de Fevereiro de 1593, foi baptizada sua filha Maria na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Gonçalves. Foram padrinhos Francisco Pires, sapateiro, seu vizinho, e Catarina, filha do Frade do Cano.

¹³⁰ A 3 de Outubro de 1593, foi baptizado seu filho Miguel, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Fernandes.

¹³¹ A 12 de Outubro de 1594, foi baptizado seu filho Francisco, na igreja de S. Sebastião. Casado com Margarida Carvalhais.

¹³² Foi padrinho de um baptizado efectuado na freguesia de S. Sebastião.

¹³³ A 13 de Novembro faleceu na freguesia de S. Pedro de Azurém. Mandaram-lhe dizer três missas no dia do seu enterro.

¹³⁴ A 8 de Novembro de 1598, foi baptizada sua filha Ângela na freguesia de S. Sebastião. Casado com Catarina do Vale. Foi padrinho Jerónimo Nogueira, licenciado.

ela, e esta será a primeira peça do seu exame. Item saberá fazer um machado alto de carpinteiro da ribeira e um machado frageiro. Item saberá fazer uma enxó e um martelo de carpinteiro. Item saberá fazer um podão e uma foice e uma enxada e um ferro de arado» (CORREIA, 1926: 51).

É interessante verificar que, ao contrário do sucedido com quase todos os mesteres, neste caso o regimento permitia que, em situações especiais, houvesse pessoas a exercer o mester sem possuir carta de examinação. Assim reza o documento: «Hão por bem que nos lugares do termo desta cidade onde não houver ferrador examinado possa ferrar qualquer ferreiro que aí morar, porquanto se houve por informação que era mui necessário fazer-se assim para comodidade dos caminhantes e de outras pessoas dos ditos lugares para não irem a outras partes alongadas buscar ferradores o que seria prejuízo do povo» (CORREIA, 1926: 53-54).

Através do foral manuelino, dado a Guimarães, em 1517, ficamos a conhecer quais os metais que à vila chegavam: «o aço, estanho, chumbo, latão, arame, cobre» e o ferro lavrado, bem como o «ferro em barra ou em maço» (MEIRELES, 1994: 61).

As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem-nos conhecer quais as peças executadas pelos ferreiros vimaranenses e quais os seus preços. Executavam estes: machados de mato, machados de carpintaria, machados de mão, foices de mão, foices de ambas as mãos, foicinhas de segar ervas, foicinhas de segar pão, enxadas, ferros de arado de mão, ferros de arado de vessadoiro, segas, marrãs* e cunhas de quebrar pedra, picões de monte, picões de lavrar e escodar o camartelo, trempes de pé com toda a outra ferramenta de cozinha, serras biscainha de serrar madeira, pregos caibrais, pregos tanoares, pregos faiares, pregos cortares (ALMEIDA, 1930: 62-63).

Ao atentarmos nas peças fabricadas pelos ferreiros constatamos a importância desta profissão (mas o mesmo se verifica noutras) para a comunidade em que se inseriam. Os ferreiros faziam peças para os lavradores (machado de mato, machado de mão, foice de mão, foice de ambas as mãos, foicinha de segar ervas, foicinha de segar pão, enxada, ferro de arado de mão, ferro de arado de vessadoiro, sega, sacho), para os cabouqueiros (marrã* e cunhas de quebrar pedra, picão de monte), para os carpinteiros (machado de carpintaria, pregos caibrais, pregos faiares, pregos cortares), para os pedreiros (picão de lavrar e escodar o camartelo), para os serradores (serra

biscainha de serrar madeira), para os tanoeiros (pregos tanoares), bem como peças para serem usadas na cozinha (trempe de pé com toda a outra ferramenta de cozinha).

Nestas centúrias, como nas anteriores, as populações procuravam a auto-suficiência local, interligando-se as profissões - era vulgar que uns satisfizessem as necessidades dos outros: os pedreiros abasteciam os mestres-de-obras, os carpinteiros trabalhavam na feitura das casas ao lado dos pedreiros, os ferreiros produziam utensílios para os pedreiros, carpinteiros, tanoeiros e lavradores...

Tabela XX

Ferreiros: taxa de preços (1552)

Designação	Material e características	Medida / Peso / Unidade	Custo (reais)
machado	de mato		80
	de carpintaria		120
	de os calçarem e cabrunharem		40
foice	de mão		25
	de ambas as mãos		40
	de a calçarem		20
foicinha	de segar ervas		10
	de segar pão		20
enxada	grande		60
	de a calçarem		30
	de meio calço		15
ferro de arado	de mão	sendo grande se venderá por peso a dez rs o arrâtel, isto quer o ferro seja grande quer pequeno	10
		vendo-se-lhe o olho não valerá mais um ferro de arado	20
	vessadoiro		40
sega	de bom pé	grande	60
marrã* e cunhas	de quebrar pedra	o arrâtel a dez rs	10
picão	de monte, bem calçado com o maço	grande	70
	de lavar e escodar o camartelo	pequeno	70

trempe de pé	com toda a outra ferramenta de cozinha	não valerá o arrátel mais de dez rs lavrado	10
sacho			7
serra biscaíña	de serrar madeira	grande	180
pregos	caibrais	1 cento	50
	tanoares	1 cento	28
	faiares	1 cento	20
	cortares	1 cento	60

7.29 Forneiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a cinco forneiros¹³⁵. Segundo Bluteau, forneira ou forneiro é, respectivamente, mulher ou homem que cozem o pão no forno (BLUTEAU, 1789, I: 629).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412-13	Vasco Lourenço ¹³⁶	Guimarães, rua de Santa Maria	Forneiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl. 29
1572.05.22	João de Avelar	Guimarães	Forneiro	A. M. A. P., N-10, Fis. 200-203
1591.05.23	Bastião Gonçalves ¹³⁷	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Forneiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl. 1
1594.06.12	Miguel Fernandes ¹³⁸	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Forneiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl. 74v
1597.12.21	Francisco Luís ¹³⁹	Guimarães	Forneiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl. 16

Provavelmente os forneiros referidos na documentação são aqueles que coziavam o pão, no entanto, se compulsarmos o «enumeramento» de João

¹³⁵ Sobre as forneiras do Porto quinhentista veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 143-144).

¹³⁶ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua de Santa Maria.

¹³⁷ A 23 de Maio de 1591 foi baptizado seu filho Manuel na freguesia de Oliveira do Castelo.

¹³⁸ A 12 de Junho de 1594, foi baptizada sua filha Ana na freguesia de S. Sebastião. Casado com Margarida Mendes.

¹³⁹ Nessa data casou com Antónia Francisca. Casamento celebrado na igreja de S. Sebastião.

Brandão, para Lisboa, em 1552, encontramos referência a outros tipos de fornos que não só os de pão. Diz o autor: «quis saber quantos fornos havia nesta cidade de cozer pão, e achei que eram 500; e de cal, 19; e de tijolo, 10; e 60 de louça de barro vermelho e vidrado; e de biscoitar biscoito, 5; e de pastéis, 8; e de vidro, 2. Os quais do vidro gastam, sós, mais lenha que dez dos outros. E 2 de sabão; e 1 de refinar açúcares» (BRANDÃO, 1990: 87).

Os forneiros vimaranenses deviam ser os que coziavam o pão. Em Guimarães medieval e moderna existiu uma rua denominada rua dos Fornos.

Provavelmente a diferença entre forneiros e padeiras, é que os primeiros coziavam o seu pão e vendiam-no à porta bem como poderiam cozer o pão de quem lhe solicitasse, enquanto que as padeiras seriam principalmente responsáveis pela sua comercialização na vila vimaranense.

7.30 Imaginário

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a três imaginários. Segundo Rafael Bluteau, imaginário é «o que faz imagens de vulto, estatuário» (BLUTEAU, 1789, I: 694).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1593.03.23 ¹⁴⁰ ; 1598.02.02; 1598.02.04 ¹⁴¹	Adão Francisco	Guimarães, rua do Gado	Imaginário	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6; N-50, livro de notas do tabelião Cristóvão de Azevedo, fls.129-130
1593.08.05	João Moreira ¹⁴²	Guimarães	Imaginário	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.7
1596.07.30 ¹⁴³ ; 1597.03.16 ¹⁴⁴	Pedro Afonso	Guimarães, rua Caldeiroa	Imaginário	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.95v; P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.16

¹⁴⁰ A 23 de Março de 1593, foi baptizado seu filho Domingos, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Antunes. Foram padrinhos o Cônego Jerónimo Carvalho e Isabel da Fonseca, mulher de António Madureira.

¹⁴¹ Era casado.

¹⁴² Foi padrinho de baptismo de Maria, filha de Domingos Diz, tosador e de sua mulher Catarina Gonçalves. Baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

É interessante verificar a existência desta profissão artística, em Guimarães. Provavelmente estes imaginários trabalhariam para as igrejas e mosteiros do aro vimaranense.

Refira-se que, ao contrário do que diz Bluteau, o termo imaginário é utilizado para designar os que faziam obra escultórica de vulto, independentemente do material utilizado - pedra, madeira, barro, e quer esta fosse peça individual ou peça escultórica inserida em edifício. De facto, em Guimarães, os pedreiros que bem trabalhavam a pedra fazendo obra de entalhe, eram por vezes designados pedreiros e imaginários. Gonçalo Lopes, que a documentação nos permite conhecer, é nomeado, num contrato e obrigação para execução das obras de pedraria do claustro da Igreja de S. Francisco, em Guimarães, como «Gonçalo Lopes, imaginário, mestre de pedraria, morador na dita vila» (CARVALHO, 1939-1951, VII: 68). Mais tarde, em 1603, no registo de casamento de sua filha, Mónica Barbosa, volta a aparecer, desta feita apenas designado como «maginário». Também seu genro, João Lopes é nomeado na documentação quer como arquitecto, quer como mestre de pedraria, quer como imaginário. A. L de Carvalho explicita «O 'maginário', que o mesmo é dizer, o canteiro que trabalha em imagens, algumas vezes se substitui pelo de 'mestre de pedraria', ou simplesmente 'mestre'» (CARVALHO, 1939-1951, VII: 71-72).

7.31 Jornaleiro

Nos séculos XV e XVI não encontramos referência a jornaleiros no burgo vimaranense.

Não conseguimos perceber exactamente qual a distinção feita entre trabalhador e jornaleiro. Talvez o termo trabalhador seja utilizado para quem, não fazendo trabalho especializado, colabora com mesteiros, e jornaleiro seja utilizado para aqueles que colaboram em actividades ligadas à agricultura.

Nas taxas vimaranenses de 1552 são referidos jornaleiros que maçam linho e auferem respectivamente 25 ou 14 reais por dia, consoante trabalham a

¹⁴³ A 30 de Julho de 1597 foi baptizado seu filho Diogo, na freguesia de S. Sebastião. Casado com Francisca Barbosa.

¹⁴⁴ Testemunha de um casamento realizado nessa data na Igreja de S. Sebastião.

seco ou com direito a comida. Os jornaleiros, «em qualquer serviço ou trabalho», auferiam apenas 12 reais com comer (ALMEIDA, 1930: 63).

Já referimos também o termo *braceiro*, usado para designar o que faz trabalho braçal não qualificado (ver sub-capítulos sobre *braceiro* e *jornaleiro*).

As mulheres, ocupadas «a sachar, maçar e espadelar linho, ou em qualquer outro serviço, dando-lhe de comer» auferiam jornal inferior ao dos homens recebendo apenas 8 reais (ALMEIDA, 1930: 63).

7.32 Lavrador

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a seis lavradores. Segundo Bluteau, lavrador é «o que lavra e cultiva as terras» (BLUTEAU, 1789, II: 11). Como já referimos na documentação encontramos também referência a *almuinheiros* e a *vinhateiros*.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412-13	Afonso Martins ¹⁴⁵		Lavrador	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido n.º 3, fl.54
1460.01.23	João Fernandes	Guimarães, freguesia de S. Miguel de Cerzedo	Lavrador	(MARQUES, 1981: 279)
1463.01.12	Luís Gonçalves	Guimarães	Lavrador e mercador	(MARQUES, 1981: 280)
1528.09	Fernão Vicente ¹⁴⁶	Guimarães, freguesia de S. Torcato, lugar da Formiga	Lavrador	(PIMENTA, 1940: 21)
1531.03.03	João Eanes		Lavrador	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 36)
1532.11.13	Fernão Vicente	Guimarães, freguesia de S. Torcato, lugar da Formiga	Lavrador	(PIMENTA, 1940: 21)

É interessante verificar que um destes lavradores, Luís Gonçalves, é também mercador.

¹⁴⁵ Pelos ofícios de Gomes Lourenço o Cabido da Colegiada de Guimarães recebia réditos por um casal em Monte Longo emprazado a Afonso Martins, lavrador.

¹⁴⁶ Viajando da Madeira para Viana da Foz de Lima, junto às Berlengas, o navio foi tomado por cinco navios de Bretões e Franceses. Roubaram-lhe vestidos; camisas e cama.

Em Lisboa, em 1551, existiam 187 «hortelãos e lavradores que vivem pega-com os muros e arrabaldes» (OLIVEIRA, 1987: 99).

7.33 Marceiro

Apenas encontramos referência a um marceiro, de seu nome Diogo Gonçalves. Segundo Bluteau, marceiro é «o que tem loja de marceria», definindo como marceria «o trato ou efeitos do comércio dos marceiros» (BLUTEAU, 1789, II: 57-58). Mais concreto é Viterbo que, grafando «marçaria», e explicita: «loja de marçaria era, no século XV, o que hoje dizemos loja de mercearia, em que se vendem coisas miúdas, como fitas, navalhas, quinquilharias, etc. *Mercéeria* é casa, igreja ou hospital, onde há merceiras ou merceiros» (VITERBO, 1966, II: 391).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1449.03.09; 1452.06.15; 1465.06.10	Diogo Gonçalves ¹⁴⁷	Guimarães, morador na Praça	Marceiro	A. M. A. P., A.2.3.39,274,fl.17; A.2.3.39, 282, fl.20v; (MARQUES, 1981: 317)

No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «merçaria e semelhantes», sendo aí arrolados os seguintes produtos: «De grão anil* brasil e de todas coisas para tingir; e por papel e toucados de seda ou algodão; e por pimenta e canela e por toda a especiaria; e por ruibarbo* e todas as coisas de botica; e por açúcar e por todas as conservas dele ou de mel; e por vidro e coisas dele que não tenham barro; e por estoraque* e por todos os perfumes ou cheiros, ou águas estiladas*» (MEIRELES, 1994: 60).

Refere João de Brandão a existência, em Lisboa, em 1552, de «300 tendas de marceria, delas homens muito abastados» (BRANDÃO, 1990: 205).

A. L. de Carvalho em «Os mesteres de Guimarães» arrola diversos elementos interessantes sobre marceiros (CARVALHO, 1939-1951, VI: 101-103).

¹⁴⁷ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39,274,fl.17; A. M. A. P., A.2.3.39, 282, fl.20v).

7.34 Mercador

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a setenta e um mercadores. É um número significativo, quando comparado com outras profissões o que parece denotar a importância desta classe.

Segundo Bluteau, mercador é «o que compra para vender por grosso ou a retalho» (BLUTEAU, 1789, II: 75). A diferença entre mercador e almocreve é que o primeiro negocia em quantidade, tendo um mercado em maior escala, quer monetária quer geograficamente, enquanto que o segundo negociava pequenas quantidades, numa área geográfica provavelmente mais reduzida, dedicando-se ao comércio itinerante.

Em Lisboa, em 1551, existiam mercadores «banqueiros», mercadores «de sedas caixeiros», mercadores «grossos que compram por junto», mercadores «de panos* que têm lojas», mercadores «de toda a mercadoria» (OLIVEIRA, 1987: 94).

A. L. de Carvalho em «Os mesteres de Guimarães», dedica várias páginas aos mercadores, enumerando diferentes categorias: «mercadores de grosso trato, mercadores de panos de cor, mercadores linheiros, mercadores de nação, mercadores tendeiros, mercadores de além do mar e mercadores mesteirais» (CARVALHO, 1939-1951, VI: 87).

Data	Nome do Interventente	Localização (residência, oficina, empra-zamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
Séc. XV, 1ª metade	Luis Álvares ¹⁴⁸		Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26
Séc. XV, 1ª metade	Rodrigues Eanes ¹⁴⁹		Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26
Séc. XV, 1ª metade	Salvador Pires ¹⁵⁰	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl. 99
1410.07.22	Fernão Lourenço	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.20
1411.03.04	Álvaro Eanes		Mercador	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.15v
1412.04.07; 1415.03.25;	Vasco do Souto (ou Vasco		Mercador	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.33;

¹⁴⁸ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26).

¹⁴⁹ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26).

¹⁵⁰ «O cigano mercador». Foi padrinho de baptizado efectuado na freguesia de S. Sebastião.

1426.09.02	Gonçalves do Souto) ¹⁵¹			A.2.3.39, 203, fl.6v; A.2.3.39, 234, fl.25v
1412-13	Afonso Vasques ¹⁵²	Gominhães, casal de Gominhães	Mercador	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido n.º 3, fl.23v
1412-13	Geraldo Eanes ¹⁵³	Guimarães, rua de Santa Maria	Mercador	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.52
1424.11.06	Luís Martins ¹⁵⁴	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 221, fl.25.
1426.05.20; 1426.09.02; 1427.04.05; 1430.07.09	Afonso Gonçalves ¹⁵⁵		Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 229, fl.31; 234, fl.25v; 236, fl.31v; 244, fl.32
1426.09.02	Gil Peres	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 234, fl.25v
1426.09.02	Luís da Mala	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 234, fl.25v
1440.02.10; 1440.05.20; séc. XV, 1ª metade; 1450.01.24; 1453-54; 1457.04.23	Pêro Álvares ¹⁵⁶	Guimarães, rua dos Mercadores	Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 262, fl.13v; (MORENO, 1982: 181); A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26; A.2.3.39, 276, fl.19v; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.16v; C-928 (nota antiga: livro 11), fl.31v
1448.05.06	Vasco Lourenço ¹⁵⁷		Mercador	(MARQUES, 1981: 296)
1448.08.15	Gonçalo Eanes ¹⁵⁸		Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39,272,fl.16v
1450.01.24; 1457.06.17	João Gonçalves das Maranhas ¹⁵⁹	Guimarães, Hortas da Igreja de Santa Maria	Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39,276,fl.19v; C-928 (nota antiga: livro 11), fl.33v
1450.07.11;	João Peres ¹⁶⁰		Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 277,

¹⁵¹ Mordomo, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 203, fl.6v).

¹⁵² Trazia emprazado o casal de Gominhães, na freguesia de Gominhães, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

¹⁵³ Trazia emprazadas umas casas na rua de Santa Maria que pagavam réditos ao cabido da Colegiada de Guimarães.

¹⁵⁴ Casado com Aldonça Roiz. Lopo Afonso era seu criado.

¹⁵⁵ "genro que foi de mestre Mateus morador na dita vila" (A. M. A. P., A.2.3.39, 234, fl.25v); Mordomo da Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 236, fl.31v; P., A.2.3.39, 244, fl.32).

¹⁵⁶ Pagava dois maravedis de censo ao Cabido da Colegiada de Guimarães (A. M. A. P., Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.16v); Confrade (A. M. A. P., A.2.3.39, 262, fl.13v; A.2.3.39, 276, fl.19v) e prebendeiro (A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.31v) da Confraria do Serviço de Santa Maria.

¹⁵⁷ Contrato celebrado na freguesia de S. João de Ponte.

¹⁵⁸ É irmão de João Eanes que surge como testemunha neste contrato; Confrade, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39,272,fl.16v).

¹⁵⁹ Confrade, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 277, fl.18).

séc. XV, 1ª metade				fl.18; A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26
1452.01.03	Vasco do Souto ¹⁶¹		Mercador	A. M. A. P., A.2.3.39, 281, fl.19
1453.08.06	Lopo Dias	Guimarães	Mercador	(MARQUES, 1981: 298-299)
1453-54	Pêro Gonçalves ¹⁶²	Guimarães, Rua de Santa Maria	Mercador	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.4v
1459.09.22; 1465.01.25	Afonso Rodrigues ¹⁶³		Mercador	A. M. A. P., Perg. Col. 278; (MARQUES, 1981: 313)
1459.12.14	Afonso Lourenço	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 12), fl.7
1462.09.09 ¹⁶⁴	Afonso Gil	Guimarães	Mercador, criado de Vasco do Souto	(MARQUES, 1981: 307)
1463.01.12	Luís Gonçalves	Guimarães	Mercador e Lavrador	(MARQUES, 1981: 280)
1465.01.25	Diogo Gonçalves de Neiva	Guimarães	Mercador	(MARQUES, 1981: 313)
1465.01.25; 1476.12.11	João Afonso	Guimarães	Mercador	(MARQUES, 1981: 313); A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 12), fl.24v
1466.03.(?)	Afonso Vasques	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.6v
1498	João Martins	Guimarães, rua Sapateira; Guimarães, Toural	Mercador	A.N.T.T., N-A-272, fl. 153; A.N.T.T., N-A-272, fl. 158v; (MARQUES, 1984: 39)
1500.12.07	Bartolomeu Afonso ¹⁶⁵		Mercador	A. M. A. P., Perg.Col.357
1500.12.07	Diogo Vasques ¹⁶⁶		Mercador	A. M. A. P., Perg. Col. 357
1513 ¹⁶⁷ ; 1515.01 ¹⁶⁸ , 1532.12.7 ¹⁶⁹	Álvaro Gonçalves	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 48)

¹⁶⁰ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 277, fl.18; A. M. A. P., A.2.3.39, fl.26).

¹⁶¹ Mordomo, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 281, fl.19).

¹⁶² Trazia estas casas empozadas do Cabido da Colegiada de Guimarães.

¹⁶³ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., Perg. Col. 278).

¹⁶⁴ Trata-se de uma pública forma de um documento datado de 22 de Fevereiro de 1459; Confrade, Confraria dos Sapateiros (MARQUES, 1981: 307).

¹⁶⁵ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., Perg.Col.357).

¹⁶⁶ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria A. M. A. P., Perg. Col. 357).

1513 ¹⁷⁰ ; 1525.04 ¹⁷¹ ; 1532.12.15	Gregório Pires	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 15, 60-61)
1515 ¹⁷² ;	João Eanes	Guimarães, rua das Mostardeiras	Mercador	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.38
1515.01	Salvador Lopes	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 2)
1515.01 ¹⁷³ ; 1532.11.08	João Álvares	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 1 e 7)
1523 ¹⁷⁴ ; 1523 ¹⁷⁵ ; 1525.04 ¹⁷⁶	Marcos Pires	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 2-27)
1524.09 ¹⁷⁷ ; 1532.12.03; 1540 ¹⁷⁸	Brás Fernandes	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 44- 45); A. M. A. P., A.5.4.109
1524.09 ¹⁷⁹ ; 1525.04 ¹⁸⁰ ; 1532.11.15	Estêvão Luís	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 29-30)

- ¹⁶⁷ Casado com Violante Lopes. Na viagem de Vila de Conde para a Madeira, que fizera num navio latino, este, perto das Berlengas foi tomado por três navios franceses. Roubaram-lhe: 16 mil reais em dinheiro de contado; vestidos; camisas dele e de um seu filho que o acompanhava.
- ¹⁶⁸ Noutra viagem da Madeira para a Flandres foi de novo assaltado por uma nau e um navio francês. Roubaram-lhe: 40 caixas e um barril de açúcar; 5 caixões de confeitos e marmelada; 12 barris de conserva; 4 pipas de melaço; 50 libras de sangue de dragão; taça de prata; e uma arca com vestidos, camisas, roupa, calçado e roupa de cama.
- ¹⁶⁹ Falecido nessa data.
- ¹⁷⁰ Viajando de Vila de Conde para a Madeira. O barco foi assaltado junto das Berlengas por três navios franceses. Tomaram-lhe: 12 covados de “mery” e de “preluu”; 2 dúzias de barretes de Toledo; 2 dúzias de barretes vermelhos; 8 espadas guamecidas; 6 adagas guamecidas; uma arca com vestidos, camisas, calçado e roupa de cama.
- ¹⁷¹ Dera a João Fernandes, mercador, morador em Guimarães, muito pano de linho e estopa para vender nas Canárias. No entanto, João Fernandes foi assaltado durante a viagem.
- ¹⁷² Trazia emprazadas umas casas na rua das Mostardeiras, do Cabido da Colegiada. Nessas casas tinha vivido Vasco Afonso, almocreve.
- ¹⁷³ Seu irmão Simão Álvares que navegava da ilha da Madeira para a Flandres foi assaltado por uma nau e um navio franceses. Nessa abordagem o mercador João Álvares perdera 80 arrobas de açúcar, 1700 reais em “dinheiro de contado” e vestidos, camisas e roupa de cama.
- ¹⁷⁴ Navegava da ilha de S. Miguel para Lisboa no navio “A vaquinha” de Vila de Conde, tendo sido assaltado por um navio francês. Nesse roubo João Álvares perdera 42300 reais em dinheiro que lhe trazia Marcos Pires. Em 1532 era falecido.
- ¹⁷⁵ Navegava da ilha de S. Miguel para Lisboa no navio “A vaquinha” de Vila de Conde, tendo sido assaltado por um navio francês. Nesse roubo João Álvares perdera 85 mil reais em dinheiro de contado; uma arca com vestidos e camisa; e cama. Casado com Isabel Dias.
- ¹⁷⁶ Na viagem de Vila de Conde para Tenerife foi assaltado, junto das Berlengas, por uma nau de Bretões. Levaram-lhe muito pano de linho e estopa; liteiros; burel; camisas; muitas beatilhas; muita “soma de negalhos” de linhas; muitas espadas guamecidas.
- ¹⁷⁷ Viajava da Madeira para Viana da Foz de Lima, quando o navio foi assaltado por 4 naus e 1 galeão. Levaram-lhe: 3000 reais em dinheiro de contado; 2 caixões de confeitos e amêndoas; 20 arrãteis de marmelada de açúcar; 5 porções de conserva; 1 arroba de açúcar; cama de roupa; 3 camisas; uma touca; e um manto “berneo”.
- ¹⁷⁸ Mordomo do dinheiro, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.5.4.109).
- ¹⁷⁹ Na viagem de regresso entre Tenerife e Flandres, foi assaltado nas Berlengas. Ia acompanhado por várias embarcações de Viana que foram assaltadas por quatro naus e um galeão franceses. Roubaram-lhe uma caixa cheia de açúcar (12 arrobas).

1524.09 ¹⁸¹ ; 1532.11.21	Antônio Nunes	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 36)
1525.04 ¹⁸² ; 1524.05 ¹⁸³ ; 1524.09 ¹⁸⁴ ; 1532.11.09	Francisco Eanes	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 16-18)
1525.04 ¹⁸⁵ ; 1527.07 ¹⁸⁶	João Fernandes	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 15)
1525.04 ¹⁸⁷ ; 1532.11.13	João Afonso	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 19-20)
1525.04 ¹⁸⁸ ; 1532.11.09	Nicolau Pires	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 9-10)
1526.10 ¹⁸⁹ ; 153	Jordão Pires	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 39-40)
1526.10 ¹⁹⁰ ; 1532.12.15	Manuel Rodrigues	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 61-62)
1526.10 ¹⁹¹ ;	Gonçalo Dias	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 47)

- ¹⁸⁰ Na viagem de Vila de Conde para Tenerife foi o navio tomado por uma nau de Bretões. Levaram-lhe muito pano de linho e estopa; muitas beatilhas; linhas; espadas; roupa de linho; arca com vestidos e camisas e roupa de cama.
- ¹⁸¹ Perdera sete arrobas e meia de açúcar que os franceses lhe roubaram aquando da tomada de um barco que viajava entre Madeira para a Flandres. Este mercador não ia no navio.
- ¹⁸² Numa viagem que empreendeu entre Vila de Conde e Tenerife foi assaltado o barco em que viajava por uma embarcação de Bretões. Foi-lhe roubado o seguinte: 1700 varas de pano de linho e estopa; 4000 negalhos de linhas; 150 beatilhas de linho; 50 varas de burel; 300 varas de liteiro; vestidos; camisas; cama; um pedaço de pano de Castela e outras miudezas.
- ¹⁸³ Entre Palma e Tenerife, o navio em que viajava foi assaltado por duas naus francesas, que lhe roubaram dois fardos de liteiro. Enviava esses fardos a João Pires, seu criado, para Palma.
- ¹⁸⁴ Na viagem de regresso entre Tenerife e Flandres, foi de novo assaltado nas Berlengas. Desta vez ia acompanhado por várias embarcações de Viana que foram assaltadas por quatro naus e um galeão franceses. Roubaram-lhe 260 arrobas de açúcar, uma arca com vestidos e camisas, e uma cama.
- ¹⁸⁵ Viajava de Vila de Conde para Tenerife quando o navio foi tomado por uma nau de Bretões que lhe roubaram o seguinte: 939 varas de pano de linho e estopa; 5000 "negalhos" de linhas; 80 beatilhas de linho; 2 pedaços de burel; 1 anel de ouro com uma pedra gravada; 1 cinta de prata; vestidos e camisas; 1 cama; 12 espadas guarnecidas e muito pano de linho e estopa que Gregório Pires, mercador, morador em Guimarães, lhe deu para vender nas Canárias.
- ¹⁸⁶ Viajava de Tenerife para a Madeira, quando foi de novo assaltado por um navio francês que lhe tomara o seguinte: 120 fangas de trigo; 1 quintal de queijos; 6000 reais em dinheiro; vestidos, camisas e cama.
- ¹⁸⁷ Indo seu filho António Afonso num navio de Vila de Conde para Tenerife, foi o navio tomado nas Berlengas por uma nau de Bretões. Roubaram-lhe o seguinte: 420 varas de pano de linho; 130 varas de toalhas largas; 150 varas de toalhas de mão; 500 varas de pano de linho grosso; 400 varas de estopa; 350 varas de burel. Ao seu filho levaram-lhe uma arca com vestidos e camisas e uma roupa de cama.
- ¹⁸⁸ Viajava num navio que seguia de Vila de Conde para Tenerife quando junto das ilhas Berlengas foi assaltado por uma nau de Bretões. Roubaram-lhe o seguinte: panos da Irlanda; pano de linho e estopa; pano da Covilhã; beatilhas; linhas; burel; feltro; mantas; liteiro; sombreros; espadas; alforges; uma arca com vestidos, camisas e atavios "de sua pessoa"; e uma cama de roupa.
- ¹⁸⁹ Na viagem de S. Miguel para Viana, o navio foi assaltado junto à costa de Baiona por uma nau francesa. Roubaram-lhe: 75800 reais em dinheiro de contato; vestidos; roupa de cama; calçado e outras coisas.
- ¹⁹⁰ Viajava da Ilha de S. Miguel para Viana Foz de Lima quando, próximo de Baiona, a embarcação foi tomada por uma nau francesa. Roubaram-lhe: 20 mil reais em dinheiro de contato; vestidos, camisas; calçado; espada; uma caixa e uma cama de roupa.

1532.12.07 ¹⁹²				
1527.07	Gonçalo Rodrigues ¹⁹³	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 35)
1528.03	Diogo Gil ¹⁹⁴	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 8)
1528.03 ¹⁹⁵ ; 1532.11.09	João da Silva	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 7-8)
1528.09 ¹⁹⁶ ; 1532.11.09	Bastião Luis	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 12-13)
1528.09 ¹⁹⁷ ; 1532.11.09	Pantaleão Pires	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 11-12)
1529.07 ¹⁹⁸ ; 1532.11.13	Nuno Álvares	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 22-23)
1530.04 ¹⁹⁹ ; 1532.11.13	João Barroso	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 21-22)

¹⁹¹ Casado com Maria Álvares. Na viagem de S. Miguel para Viana de Foz de Lima, junto a Baiona foram assaltados por uma nau francesa. Roubaram-lhe: 61200 reais em dinheiro de contado; prata; vestidos; camisas; calçado e uma cama de roupa.

¹⁹² Nessa data encontrava-se nos Açores.

¹⁹³ O seu feitor Baltazar Pires viajava de Tenerife para a Madeira no navio "Santa Maria", quando foi tomado por uma embarcação francesa. Roubaram-lhe 20 mil reais em dinheiro de contado em dobrões de ouro que o seu feitor lhe trazia.

¹⁹⁴ Casado com Isabel Gonçalves. Viajava da ilha de S. Tomé para a Flandres quando a embarcação em que seguia foi assaltada por um navio francês entre as ilhas de Baiona e o Cabo Finisterra. Nesse roubo perdeu: 350 arrobas de açúcar, uma arca com vestidos e camisas, cama e conservas. Na Santa embarcação viajava igualmente João da Silva, mercador, residente em Guimarães.

¹⁹⁵ Viajava da ilha de S. Tomé para a Flandres quando, entre as ilhas de Baiona e o Cabo Finisterra, o navio em que viajava foi tomado por um navio francês. Nesse roubo perdera 300 arrobas de açúcar, uma arca com vestidos e camisas e "outras cousas e cama". Neste barco viajava também Diogo Gil, mercador, morador em Guimarães.

¹⁹⁶ Viajava da ilha da Madeira para Viana da Foz do Lima, quando o navio foi atacado por cinco navios Bretões e franceses. Nesse Assalto os franceses roubaram-lhe 3 arrobas de açúcar e confeitos, 7 covados de "ahull", queijos e mel, uma caixa de mantimentos, uma "bueta" e uma cama de roupa. Viajava nesta embarcação Pantaleão Pires, mercador, morador em Guimarães.

¹⁹⁷ Viajava da ilha da Madeira para Viana da Foz do Lima, quando o navio foi atacado por cinco navios Bretões e franceses. Nesse assalto os franceses roubaram-lhe 4 arrobas de açúcar; 2 arrobas de conservas; uma arca com vestidos, camisas e calçado; e uma cama. Viajava nesta embarcação Bastião Luis, mercador, morador em Guimarães.

¹⁹⁸ Num navio carregado de cevada e centeio que fazia a viagem das Canárias para Lisboa, foi tomado por uma nau francesa no Cabo de S. Vicente. Roubaram-lhe: vestidos, camisas, cama, breu e os mantimentos.

¹⁹⁹ No mês de Março de 1530, embarcou no porto de Ruão a sua mercadoria com destino a Vila de Conde. Entre Viana e Vila de Conde foi o barco tomado por um navio francês. Roubaram-lhe a seguinte mercadoria: 20 resmas de papel; 40 milheiros de alfinetes de 4 libras; 7 matas; uma dúzia de escovas; 1 milheiro de "corchetes"; 6 dúzias de estampas; 2 grossas de jóias de chumbo; 6 dúzias de espelhos de cestinho; 22 dúzias de contas vermelhas; 5 arráteis de incenso; 23 rolos de latão; 11 pregos tabuares; 19 castiçais; 2 grossas e meia de óculos; 6 grossas de folha de estanho; certos livros e outras coisas de "marçaria".

1532.11.09	João Fernandes	Guimarães	Mercador	(PIMENTA, 1940: 16)
1572.09.19	Silvestre Gonçalves ²⁰⁰	Guimarães, rua das Molianas	Mercador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.4v
1575.02.19	António Luis ²⁰¹	Guimarães, Cano	Mercador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.7v
1576.08.20	Francisco Lopes ²⁰²	Guimarães, morador em Sampaio	Mercador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.8
1585.06.24	Manuel Gonçalves ²⁰³	Guimarães, Santa Luzia	Mercador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.
1588.08.15	Salvador Pires ²⁰⁴	Guimarães, rua dos Mercadores	Mercador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº 1 de S. Pedro de Azurém, fl.14v
1592.09.02 ²⁰⁵ ; 1594.04.14 ²⁰⁶ ; 1595.12.24 ²⁰⁷	António Vaz	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.4v, fl.9v; fl.16v
1593. 01.13 ²⁰⁸ ; 1594.07.01 ²⁰⁹ ; 1596.05.17 ²¹⁰	Bastião Fernandes	Guimarães, rua Escura	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.5, fl.10v, fl.18
1593.01.20 ²¹¹ ; 1593.10.19 ²¹²	Jacome Fernandes	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.5 e fl.7v

²⁰⁰ Padrinho de baptismo de uma criança baptizada na freguesia de S. Pedro de Azurém.

²⁰¹ Padrinho de baptismo de uma criança da freguesia de Azurém.

²⁰² Sua filha foi madrinha de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

²⁰³ Padrinho de baptismo de uma criança baptizada na freguesia de Azurém.

²⁰⁴ Padrinho de baptismo de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

²⁰⁵ A 2 de Setembro de 1592, foi baptizada sua filha Isabel, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Vaz. Foram padrinhos Jerónimo Nogueira, Juiz dos Órfãos, e Isabel Francisca, viúva, da rua dos Mercadores.

²⁰⁶ A 14 de Abril, foi baptizada sua filha Ana, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Vaz.

²⁰⁷ A 24 de Dezembro de 1595, foi baptizado seu filho Diogo, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Vaz. Foram padrinhos António de Freitas do Amaral e Maria Vaz, mulher do Licenciado Pedro Francisco.

²⁰⁸ A 13 de Janeiro de 1593, foi baptizado seu filho Pedro na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Isabel Fernandes.

²⁰⁹ A 1 de Julho de 1594, foi baptizado em casa "por necessidade" a sua filha Leonor. Casado com Isabel Fernandes. Foram padrinhos António Fernandes, mercador e Isabel Gomes.

²¹⁰ A 17 de Maio de 1596, foi baptizado seu filho Domingos, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Isabel Fernandes. Foram padrinhos António Vaz e Violante Rodrigues, mulher de André Rodrigues, mercador.

²¹¹ A 20 de Janeiro de 1593, a sua filha Susana Barrosa foi madrinha de baptismo de um baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

1593.04.09 ²¹³ ; 1594.11.27 ²¹⁴ ; 1596.09.26 ²¹⁵ ;	Manuel Vaz	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6, fl.13, fl.18v
1593.06.22 ²¹⁶ ; 1595.10.02 ²¹⁷	António Nogueira	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v e 16
1593.06.27	Duarte Rodrigues ²¹⁸	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v
1594.04.12	António Gonçalves ²¹⁹	Guimarães, rua das Motianas	Mercador	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.94v
1594.07.11 ²²⁰ ; 1596.07.28 ²²¹	Domingos Coelho	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.10v, fl.18
1594.10.16	Pedro Lopes ²²²	Guimarães	Mercador	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.78
1594.12.16 ²²³ ; 1596.09.19 ²²⁴	Gonçalo Vieira		Mercador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.13v e fl.18v

²¹² A 19 de Outubro de 1593, sua mulher Catarina Mendes foi madrinha de baptismo de um baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

²¹³ A 9 de Abril de 1593, foi baptizada sua filha Isabel, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Leonor Fernandes.

²¹⁴ A 27 de Novembro de 1594, foi baptizado seu filho Pedro, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Leonor Fernandes. Foram padrinhos Gaspar Fernandes, mercador, e Leonor Fernandes, tia do menino.

²¹⁵ A 26 de Setembro de 1596, foi baptizada sua filha Filipa, na freguesia de Oliveira dos Castelo. Casado com Leonor Fernandes. Foram padrinhos Bastião Fernandes, mercador e Isabel de Faria, filha de Afonso da Costa.

²¹⁶ A 22 de Junho de 1593, foi baptizada a sua filha Paula, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Margarida Vaz.

²¹⁷ A 2 de Outubro de 1595, foi baptizado seu filho João, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Margarida Vaz.

²¹⁸ A 27 de Junho foi baptizada sua filha Joana, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado. Foram padrinhos o Doutor Fernão Gonçalves, arcepreste, e a mulher de Salvador Pires, mercador.

²¹⁹ Padrinho de baptizado de Francisco, um seu escravo preto.

²²⁰ A 11 de Julho de 1594, foi baptizada Catarina, sua filha, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Isabel Jacome.

²²¹ A 28 de Julho de 1596, foi baptizada sua filha Margarida, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Isabel Jacome. Foram padrinhos Pedro Novais, mercador, e Margarida Carvalho, mulher de Gonçalo Salgado.

²²² Padrinho de baptismo de uma criança baptizada na freguesia de S. Sebastião. A sua filha Beatriz Lopes, casada, a madrinha.

²²³ Sua mulher Catarina Espinhosa, foi madrinha de João, filho de Luis Gonçalves, alfaiate, e de Jerónima Dinis.

²²⁴ A 19 de Setembro de 1596, sua filha Maria foi baptizada na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Espinhosa. Foram padrinhos António Nogueira e Cecília Nogueira, mulher do Juiz dos Órfãos.

1598.01.05	Amador Gonçalves Furtado	Guimarães, rua dos Mercadores	Mercador	A. M. A. P., N-50, livro de notas do tabelião Cristóvão de Azevedo, fls.100v-101
1598.01.05	Francisco Vaz ²²⁵	Guimarães, rua das Oliveiras	Mercador	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.94v

7.35 Mestre dos órgãos

No século XV encontramos referência a um mestre de órgãos da Colegiada.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1455.03.21	João Álvares	Guimarães /	Mestre dos Órgãos	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.31

Esta expressão talvez se possa aplicar ao organista, ou seja, aquele que toca órgão. No entanto, «mestre dos órgãos da Colegiada», pode também querer dizer aquele que faz os órgãos. De facto, em 1551, Cristóvão Rodrigues de Oliveira, refere a existência, em Lisboa, de três «carpinteiros organistas», havendo ainda quatro «carpinteiros de manicórdios» (OLIVEIRA, 1987: 95). Os documentos compulsados não nos permitem afirmar se o «mestre de órgãos da Colegiada» que encontramos era o organista ou o mestre carpinteiro que fez o órgão.

7.36 Moleiro

No século XVI encontramos referência a dois moleiros.

²²⁵ Padrinho de um baptizado efectuado na freguesia de S. Sebastião.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1585.12.18	Pedro Gonçalves ²²⁶	Guimarães, rua de Gatos	Moleiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.14v
1585.12.26	Francisco Gonçalves ²²⁷	Guimarães, rio de Selho (freguesia de Creixomil)	Moleiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.15

É interessante verificar que, nas taxas vimaranenses de 1552, não há referência aos moinhos de pão, talvez porque a taxa do pão era estipulada, todos os anos, por altura de Nossa Senhora de Setembro, devendo-se «pôr nos ditos anos conforme a novidade que nosso suor em cada um deles der» (ALMEIDA, 1930: 49).

Note-se a existência, em Guimarães, de atafoneiros e de moleiros²²⁸. No caso vimaranense, parece-nos poder afirmar-se que atafoneiros são os homens que trabalham nas atafonas*, moinhos de casca de carvalho utilizada na curtimenta dos curtumes (ver sub-capítulo sobre atafoneiros), enquanto que os moleiros são os que trabalham nos moinhos de moer o pão.

Segundo o regimento lisbonense de 1572, os atafoneiros eram os que moíam o trigo (CORREIA, 1926: 178-181). Em Guimarães estes profissionais designavam-se, e ainda hoje se designam moleiros, moendo quer trigo, quer milho, centeio ou cevada. Os moleiros no seu dia-a-dia usavam mós para moer os cereais, sendo estas referidas no foral manuelino dado à vila, em 1517. Aí se diz quanto se deve pagar de portagem por «mós de moinhos ou atafona*» (MEIRELES, 1994: 63).

J. L. de Carvalho em «Os mesteres de Guimarães», dedica um capítulo aos moleiros (CARVALHO, 1939-1951, VII: 9-43).

²²⁶ Nessa data foi baptizada sua filha Beatriz, na freguesia de Creixomil. Casado.

²²⁷ Nessa data foi baptizado seu filho Domingos na freguesia de Creixomil. Casado.

²²⁸ Sobre os moleiros do Porto quinhentista veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 141-143).

7.37 Mostardeiro

No século XV encontramos referência a três mostardeiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1412-13	Vasco Esteves	Guimarães, rua de Santa Maria ²²⁹	Mostardeiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.28
1423.06.17	Pedro Afonso ²³⁰		Mostardeiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 217, fl.30v
1453-54	Diogo Gonçalves ²³¹	Guimarães, rua das Mostardeiras	Mostardeiro	A. M. A. P., A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.20v

O mostardeiro era aquele que vendia mostarda. Trata-se de uma planta aromática, havendo duas espécies, a preta e a branca. Ao longo dos tempos a mostarda serviu quer como condimento quer como planta medicinal.

Em Guimarães cultivava-se mostarda, pois, em 1512, Mestre António refere-a entre outros produtos que considera de preço muito acessível: «e há todas estas coisas em mais pequenos preços que em nenhuma parte do mundo se possam achar que nela se acha ceitil de pão, e de candeia, e de mostarda (...)» (ANTÓNIO, 1959: 447-448). No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se a comercialização, entre a «fruta seca», de mostarda, bem como a venda de «mós de mão para pão ou mostarda» (MEIRELES, 1994: 62 e 63).

Em Guimarães, existia uma rua, paralela à rua de Santa Maria, e situada entre esta e a Praça de Santiago, designada, rua das Mostardeiras(os) ou das Mostaceiras (FERREIRA, 1989: 193, nota 277).

Segundo Salvador Dias Arnaut «a mostarda foi indubitavelmente de uso corrente, pelo menos no reinado de D. Fernando. Fernão Lopes, ao referir que a mealha era moeda ínfima, diz que se comprava ‘uma mealha de mostarda, ou de alféoa, ou de tremços, e semelhantes coisas’. Ainda em 1477, devia ser de uso corrente. Nas constituições de Braga promulgadas pelo arcebispo D. Luís Peres nesse ano, determinou-se que ‘os especieiros*, enxergueiros*, regatões, padeiras, berceiras*, taberneiras, fruteiras e mostardeiras e assim quaisquer outros vendedeiros... em todos os dias que a

²²⁹ Trazia estas casas emprazadas do Cabido da Colegiada de Guimarães.

²³⁰ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 217, fl.30v).

²³¹ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas rua das Mostardeiras.

Santa Madre Igreja manda guardar de todo o labor não vendam pão, nem carne, nem outra alguma coisa, até ser tangido o sino acostumado em fim a pregação da nossa Sé'» (ARNAUT, 2000: 24-25).

A profissão de mostardeiro(a) continua pujante no século XVI pois, em Lisboa, no ano de 1551, segundo Cristóvão Rodrigues de Oliveira, existiam 45 mostardeiras (OLIVEIRA, 1987: 100).

7.38 Oleiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a doze oleiros, sabendo-se que o fabrico de olaria está presente em terras vimaranenses desde pelo menos o século XIII até à actualidade (FERNANDES, 2002).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1498	Gonçalo Eanes	Guimarães, Rossio do Toural ²³²	Oleiro	(MARQUES, 1984: 38)
1531.06.23	Fernão Eanes		Oleiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 104)
1531.11.18	Gaspar Álvares		Oleiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 148)
1531.12.29	Gonçalo Eanes ²³³	Guimarães, Cano das Gafas	Oleiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 162)
1571.09.29	Leonardo Pires ²³⁴	Guimarães, freguesia de S. Pedro de Azurém	Oleiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.3v
1586.05.25	António Gonçalves ²³⁵	Guimarães, atrás do muro de S. Sebastião	Oleiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.130v
1588.12.21	Gonçalo Gonçalves ²³⁶	Guimarães, freguesia de S. Sebastião, Carvalho das Lages	Oleiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.132

²³² Trata-se de uma casa sobradada, com 11x4,4 m, o que perfaz uma área total de 48,4 m².

²³³ Tinha umas casas, pertencentes ao concelho, no Cano das Gafas e pretendia vendê-las por seis mil e quatrocentos réis a João Gonçalves, sapateiro, pelo que requeria autorização à Câmara.

²³⁴ A 29 de Setembro de 1571, foi baptizada sua filha Isabel, na freguesia de S. Pedro de Azurém.

²³⁵ Nessa data morreu. Era pobre.

1589.11.11	André Gonçalves ²³⁷	Guimarães, Cruz de Pedra	Oleiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.24
1591.10.06 ²³⁸ , 1593.09.26 ²³⁹ ,	Domingos Fernandes	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Oleiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.10 e fl.69v
1599.07.04	André Pires ²⁴⁰		Oleiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.36
1600.12.24	João Gonçalves ²⁴¹	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Oleiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.137
1600.09.21	Miguel Gonçalves ²⁴²	Guimarães	Oleiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.106

As oficinas situavam-se fora do perímetro das muralhas: Cruz da Pedra (e áreas adjacentes Gaia, Trás-Gaia-Fornos, Trás-de-Oleiros, Lajes do Toural), Ponte de Santa Luzia (freguesia de Azurém) e no Cano (lugar da actual freguesia de Oliveira e que confronta em parte com a freguesia de Azurém), se bem que a documentação sobre este último local seja escassa. Sabemos também que os oleiros vimaranenses apenas terão produzido loiça fosca, nunca loiça vidrada ou faiança (FERNANDES, 2002).

Pelo foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, ficamos a saber que aqui se vendia «louça de barro que não seja vidrada» e «mãlega» e de qualquer louça ou obra de barro vidrada do reino ou de fora dele» (MEIRELES, 1994: 63).

O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quiser de louça vermelha saberá mui bem lavar e temperar o

²³⁶ Nessa data faleceu. Casado.

²³⁷ Nessa data foi padrinho de um baptizado efectuado na freguesia de Creixomil.

²³⁸ Testemunha do casamento, realizado na Igreja de S. Sebastião, de Baltazar Gonçalves, sombreireiro, e de Catarina Gonçalves.

²³⁹ A 26 de Setembro de 1596, foi baptizada sua filha Ana, na freguesia de S. Sebastião. Casado com Catarina Mendes.

²⁴⁰ Nessa data foi baptizado António, filho de Ana Gonçalves, na freguesia de Creixomil. Segundo a mãe, o pai era André Pires, oleiro.

²⁴¹ Morreu nessa data. Morreu pobre.

²⁴² Sua mulher, Ana da Cunha, foi madrinha de um baptizado efectuado na freguesia de S. Sebastião.

barro e conservá-lo com sua areia segundo convém a qualquer lavor», bem como «saberá enfornar de todo e cozer a louça, como deve por desengano do povo». Entre as peças que deveria «mui bem fazer» encontram-se: talhas de água, cântaros, potes para ter água, atanores*, quartões, panelas, asados*, almotolias*, púcaros, candeeiros «e quaisquer outras coisas miúdas que lhe forem demandadas»; e que o oleiro que se «quiser examinar de louça vidrada verde saberá fazer alguidares, frigideiras*, tigelas de fogo, panelas, almotolias*, tachos, infusas*, pratos, canos para telhados, servidores*, malgas grandes que chamam vermelha, escudelas da feição de porcelana» (CORREIA, 1926: 142-143).

Em Guimarães, para além da loiça produzida pelos oleiros que aí habitavam (e que parece só produziam loiça vermelha fosca), eram também comercializadas as produções de outros centros oláricos, como por exemplo, as de Prado.

A partir da taxa de preços vimaranenses de 1552 ficamos a saber o que se vendia no burgo vimaranense (ALMEIDA, 1930: 149 e 151).

Tabela XXI

Oleiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Tipo	Designação	Material e características	Tamanho / Capacidade	Custo (reais)
Louça vidrada	talha	vidrada	almude	40
	panela	vidrada	canada	5
	açucareiro	vidrado	meia canada	3
			canada	6
	púcaro	vidrado, para beber	quartilho	2
			meio quartilho	1
	malga	vidrada de dentro		1 ½
		vidrada de dentro e de fora		2 ½
	bacio	vidrado, de comer de mesa		2
	servidor*	vidrado de dentro		20
		de dentro e de fora		30
	almotolia*	vidrada, para azeite	canada	5
meia canada			3	

	tigela de fogo*	vidrada		6
			meã	4
	alguidar		alqueire	20
			meio alqueire	10
			2 alqueires	30
			4 alqueires	50
cântaro	vidrado	9 a 12 canadas	15	
		6 a 10 canadas	10	
malgas	brancas	dúzia	36	
Louça fosca	cântaro		8 a 10 canadas	6
			5 a 7 canadas	3
	infusa*		canada	1
			2 canadas	2
			meia canada	½
	tigela	para comer	a maior	4 ceitis
		de duas asas, para fogo	grande	2 ½
			mais pequena	1 ½
	púcaro		vermelho	½
			preto, de 2 asas, para beber	1 ½
			preto, de 1 asa, para beber	1
	alguidar	de lavar carne e pescado		3
			maior	4
	panela	de cozinha	2 canadas	2 ½
			3 canadas	3
			4 canadas	5
			5 canadas	6
servidor*			6	
fogareiro	forrado do mesmo barro	grande	15	
		meão	10	
		mais somenos	7	

7.39 Olivezeiro

Só encontramos referência a um olivezeiro, João Afonso, em 1440.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empra- zamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1440.02.10	João Afonso ²⁴³		Olivezeiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 262, fl.13v

Provavelmente olivezeiro era o que tratava ou possuía terras com oliveiras. Viterbo, no «Elucidário», assinala o termo «olivas» como sinónimo de azeitonas de oliveira (VITERBO, 1966, II: 447). Já demos conta da existência, em Guimarães, de diferentes tipos de propriedade agrícola - almuinhas*, vinhas e olivais.

7.40 Ourives

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a nove ourives²⁴⁴.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empra- zamento)	Ofícios e mesteres	Fonte
1421.02.15	João Afonso ²⁴⁵		Ourives	A. M. A. P., A.2.3.39, 213, fl.30
1441.11.17	Isac Marcos ²⁴⁶	Guimarães	Ourives	(VITERBO, 1896: 182)
1508.03.06; 1532.12.03	Pedro Álvares ²⁴⁷		Ourives	A. M. A. P., Perg. col. 372; (PIMENTA, 1940: 43)
1515	Pêro Giraldes ²⁴⁸	Guimarães, rua dos Mercadores	Ourives	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido n.º 12 A, fl.32
1525.04 ²⁴⁹ ; 1525.04 ²⁵⁰ ; 1532.09	Manuel Vaz	Guimarães	Ourives	(PIMENTA, 1940: 10 e 14)

²⁴³ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 262, fl.13v).

²⁴⁴ Sobre os ourives do Porto quinhentista e suas funções veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 135-136).

²⁴⁵ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 213, fl.30).

²⁴⁶ A 17 de Novembro de 1441, o rei D. Afonso V deu-lhe carta para que pudesse andar em besta muar de sela e freio.

²⁴⁷ Juiz, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., Perg. col. 372).

²⁴⁸ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada sitas na rua dos Mercadores.

²⁴⁹ Viajava num navio que seguia de Vila de Conde para Tenerife quando junto das ilhas Bertengas foi assaltado por uma nau de Bretões.

1531.05.22	Francisco Navarro		Ourives	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 96)
1531.09.11	João Gonçalves		Ourives	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 131)
1536.06.27	Francisco Gonçalves ²⁵¹	Guimarães	Ourives	(VITERBO, 1896:179)
1598.06.20	Simão Álvares ²⁵²	Guimarães	Ourives	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.96v

Através dos regimentos lisboenses de 1572, ficamos a saber que existiam ourives de ouro e ourives de prata (CORREIA, 1926: 1 a 10, 16 a 25). Refira-se também que naquela época se grafava «ourivezes» e não ourives como hoje usamos.

Segundo o regimento dos ourives do ouro, «o que se examinar quiser fará uma cinta de ouro lavrada e aparelhada para esmaltar com seu meio relevo e coroneta e remate, e assim mesmo fará uma jóia ordenada do mesmo teor» (CORREIA, 1926: 3).

Segundo o regimento dos ourives da prata, e consoante as obras em que eram examinados, havia diversos tipos de ourives:

- ourives «de toda a obra de martelo chã», convém a saber: bacios de cozinha e de cortar e poderá usar em sua tenda de toda a dita obra» (CORREIA, 1926: 17);
- ourives «de toda a obra de martelo e de cinzel e bastiões, tirando imagens, e da dita obra poderá usar em sua tenda» (CORREIA, 1926: 17);
- ourives «de toda a obra de maçonaria, convém a saber: cruces, cálices, portapaz, bagos, turíbulos e assim todas as outras mais peças de maçonaria, e de todas elas poderá pôr tenda» (CORREIA, 1926: 17-18);
- ourives «de todas as imagens e de toda a obra de cinzel» (CORREIA, 1926: 18).

²⁵⁰ Viajava num navio que seguia de Vila de Conde para Tenerife quando junto das ilhas Berlengas foi assaltado por uma nau de Bretões. Roubaram-lhe: um barril pequeno cheio de pimenta, cravo, canela, açafraão e gengibre; 22 espadas guarnecidas; 100 beatilhas de linho e algodão; um vestido de pano fino e camisas e atavios de sua pessoa; punhal guarnecido de prata; uma cama de roupa; e 400 reais em dinheiro de contado.

²⁵¹ Foi nomeado por D. João III, em 27 de Junho de 1536, Requeredor e Recebedor das Sisas de Guimarães, tendo arrematado este cargo por 5500 reais (VITERBO, 1896: 179).

²⁵² Padrinho de um baptizado realizado na freguesia de S. Sebastião.

7.41 Padeira

Só encontramos referência a uma padeira²⁵³. Padeira, e o mesmo se aplica ao padeiro, é «a mulher que faz e vende pão» (BLUTEAU, 1789, II: 145). No entanto, no caso vimaranense somos levados a pensar que a padeira fazia e, principalmente, comercializava o pão pela vila, enquanto que o forneiro o cozia nos fornos de pão (ver sub-capítulo sobre forneiro).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1453-54	Maria Afonso ²⁵⁴	Guimarães, rua dos Fornos	Padeira	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.10

Pela carta de privilégios concedida, em 1372, pelo rei D. Fernando aos habitantes da vila e do castelo de Guimarães, ficamos a saber que carneiros, padeiras e peixeiros não deviam ser constrangidos a talhar ou vender os seus produtos fora do castelo (VMH, 1931: 416).

Pelo foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, ficamos a saber que as padeiras pagavam taxa «por cada amassadura de pão que cozerem» e que se vendiam «mós de mão para pão ou mostarda» (MEIRELES, 1994: 50-51 e 63).

Maria Afonso, a padeira que os documentos nos permitem conhecer em 1553-54, viveu na Rua dos Fornos, ou seja, na rua onde se situavam os fornos de pão.

7.42 Pasteleira / Pasteleiro

Só encontramos referência a uma pasteleira, Polónia Gonçalves, em 1595.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1595.06.01	Polónia Gonçalves ²⁵⁵		Pasteleira	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.15v

²⁵³ Sobre as padeiras do Porto quinhentista veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 144-145).

²⁵⁴ Viveu nessa rua, em casas que estavam nesse ano emprazadas pelo Cabido da Colegiada de Guimarães a Afonso Giraldes, abade.

²⁵⁵ A 1 de Junho de 1595, foi madrinha de baptismo de Francisco, filho de António Gonçalves, vinhateiro, e de Maria Jorge. Cerimónia realizada na freguesia de Oliveira do Castelo. Foi padrinho Torcato Peixoto, alcaide.

Segundo o regimento lisbonense de 1572, o pasteleiro «que se quiser examinar e pôr tenda do dito ofício há-de saber fazer a obra seguinte»: pastéis* de 5, 10, 20 e 50 reais; «empadas* para o tempo do pescado»; «pastel* real», «pastel de frangão ou pombinho». Tinha também de saber «os adubos* que hão-de levar os ditos pastéis de vaca, carneiro e porco, assim no Inverno como no Verão, porque cada tempo requer os seus adubos* diferentes, e acerca dos ditos adubos o examinarão de prática com perguntas que farão» (CORREIA, 1926: 222).

Note-se a referência a «empadas* para o tempo do pescado», ou seja, empadas* que se faziam nos períodos (por exemplo, Quaresma) em que a Igreja proibía o consumo de carne. Refira-se também que a arte de pasteleiro estava vedada aos «mouriscos forros ou cativos» e isto «porque se presume deles que não são tão fiéis e verdadeiros como cumpre a ofício desta qualidade». No entanto, pretos, índios ou mulatos forros, «que mourisco não for», podiam usar da profissão (CORREIA, 1926: 222).

Sobre o que faziam os pasteleiros vimaranenses não temos informações para os séculos XV e XVI, mas há-as logo para o início do século XVII, ano de 1607 (CARVALHO, 1939-1951, VII: 103-137). No regimento vimaranense, tal como no lisbonense, impunha-se que «neste ofício não é bem que haja oficial de nação de mourisco, mulato, nem gornadino [Granadino?], ou outra ilícita, posto que sejam cristãos e baptizados neste nosso reino, por ser ofício de muita consideração e perigo». Também os pasteleiros vimaranenses, tal como os lisboenses deveriam saber temperar com as «espécias*» mais indicadas para usar quer no Verão quer no Inverno, quer para a clientela específica que poderiam ter: «pessoas sãs e doentes; e pessoas mimosas que não querem espécies* em seu comer». O pasteleiro vimaranense tinha de saber fazer: um «rolo de massa de folhado»; um «pastel*» de meio tostão, de vintém, de dois vinténs, de cinco reis, de dez reis, de trinta reis; um «pastel de frangão» para doente e uma «empada* de peixe» (CARVALHO, 1939-1951, VII: 104).

A. L. de Carvalho considera a profissão de pasteleiro equivalente à de estalajadeiro, mas tal não corresponde à verdade. Os pasteleiros cozinhavam para fora, muitas vezes mediante encomendas. Os estalajadeiros eram donos de estalagem e davam dormidas, podendo também servir comida. Veja-se neste texto o sub-capítulo sobre os estalajadeiros.

7.43 Pedreiro

Em Guimarães, na documentação compulsada encontramos referência a dezoito pedreiros. Sobre esta profissão são-nos dadas poucas informações apenas se ficando a saber quanto estes profissionais ganhavam por dia²⁵⁶. Um oficial de pedreiro levava, por dia, sendo-lhe dado de comer, 30 reais, e, sendo «a seco», isto é, sem direito a alimentação, 30 reais. É de realçar que ao ser contratado competia ao contratador o «aguçar da ferramenta» do pedreiro. Um obreiro, ou seja, um trabalhador que ainda não tinha sido submetido ao exame do mester, ganhava respectivamente, 20 ou 30 reais.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1415.03.25	Afonso Peres	Guimarães	Pedreiro	A. M. A. P., A.2.3.39, doc.nº203, fl.6v
1440-41 ²⁵⁷ ; 1441- 1451(?) ²⁵⁸	Gonçalo Afonso	Guimarães, almuinha* que tinha nos Trigais	Pedreiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.28; 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3v
1441-1451(?) ²⁵⁹ ; 1440-41 ²⁶⁰ ; 1453-54 ²⁶¹ ; 1453-54 ²⁶² ; 1460.12.28; 1466.09.03	João Eanes	Guimarães, almuinha* em Maçoulas; e na freguesia de S. Pedro de Azurém, casal de Mata Clérigo	Pedreiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3v; C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.26; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.24 e fl.56v; C-928 (nota antiga: livro 12), fl.7v e fl.8v
1444.11.13	Pêro Afonso	Freguesia de Abação (termo	Pedreiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.15

²⁵⁶ Sobre os pedreiros do Porto quinhentista e suas funções veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 138-139).

²⁵⁷ Trazia emprazada uma almuinha do Cabido da Colegiada de Guimarães.

²⁵⁸ Pagava duas galinhas de renda de uma almuinha que trazia emprazada ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sita nos Trigais e hortas do prior.

²⁵⁹ Pagava duas galinhas de renda por uma almuinha que trazia emprazada ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sita em Maçoulas.

²⁶⁰ Trazia emprazada uma almuinha do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas em “Maçoulas”.

²⁶¹ Trazia emprazada uma almuinha do Cabido da Colegiada de Guimarães sita na vila.

²⁶² Trazia emprazado o casal de Mata Clérigo, pertencente ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sito na freguesia de S. Pedro de Azurém.

		de Guimarães)		
1453-54	João Garcia ²⁶³	Guimarães, Rua de Trespão	Mestre-de-obras	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.17v
1453-54	Afonso Estêvão ²⁶⁴	Guimarães, Rua de Trespão	Pedreiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.17v
1466.05.08	Pêro Gonçalves	Guimarães, Maçoulas	Pedreiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.8
1515	Gabriel Fernandes ²⁶⁵	Guimarães, Rua de Santa Maria	Pedreiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.13
1515 ²⁶⁶ ; 1519.01.14 ²⁶⁷	Gonçalo Pires	Guimarães, rua das Molianas	Pedreiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.50; (PEREIRA, 1981: 186)
1540	João Fernandes ²⁶⁸	Guimarães, rua de Santa Luzia	Pedreiro biscainho	A. M. A. P., C-1367, fls. 11 - 13 v
1583.03.27	Manuel Gonçalves Moreno ²⁶⁹	Guimarães, rua das Molianas	Pedreiro	(MORAIS, 1981: 436)
1588.08.12	Gonçalo Lopes ²⁷⁰	Guimarães, rua Caldeira	Pedreiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.4v
1588.08.14	Pedro Gonçalves ²⁷¹	Guimarães, rua Caldeira	Pedreiro	A. M. A. P., P. 437- Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.4v
1588.08.14 ²⁷² ; 1594.01.27 ²⁷³	António Gonçalves	Guimarães, rua Caldeira	Pedreiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.4v; P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.71
1588.08.14 ²⁷⁴ ;	Bento Fernandes	Guimarães, rua	Pedreiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.4v; P-441 -

²⁶³ Casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua de Trespão" que estiveram emprazadas a João Garcia, mestre-de-obras, e a Afonso Estêvão, pedreiro, e estavam, nesse ano, emprazadas a Gonçalo Pires de Sub as Teigas e Lopo Afonso, escrivão das Sisas.

²⁶⁴ Casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua de Trespão" que estiveram emprazadas a João Garcia, mestre-de-obras, e a Afonso Estêvão, pedreiro, e estavam nesse ano emprazadas a Gonçalo Pires de Sub as Teigas e Lopo Afonso, escrivão das Sisas.

²⁶⁵ Trazia emprazadas umas casas na rua de Santa Maria, pertencentes ao Cabido da Colegiada.

²⁶⁶ Trazia emprazada uma horta nas Molianas, pertencente ao Cabido da Colegiada. Era casado.

²⁶⁷ A Colegiada de Guimarães emprazou-lhe, e a sua mulher Maria Rodrigues, quatro leiras e casas sitas nas Molianas.

²⁶⁸ Natural do Golfo da Biscaia. Foi o responsável pelas obras de remodelação e ampliação do hospital da confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães, sito no Adro de São Paio.

²⁶⁹ Casou em 27 de Março de 1583, na igreja de S. Sebastião, com Maria Lopes, filha de Gonçalo Lopes, mestre de pedraria.

²⁷⁰ Testemunha do casamento de Pêro Gonçalves, pedreiro, e de Ana Lopes, moradores na rua da Caldeira, realizado na Igreja de S. Sebastião.

²⁷¹ A 14 de Agosto de 1588 casou com Ana Lopes na igreja de S. Sebastião.

²⁷² Testemunha do casamento de Pêro Gonçalves, pedreiro, e de Ana Lopes, moradores na rua da Caldeira realizado na Igreja de S. Sebastião.

²⁷³ A 27 de Janeiro foi baptizada sua filha Francisca na freguesia de S. Sebastião. Casado com Maria Guiães (?).

1594.08.03 ²⁷⁵		Caldeiroa		Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.76
1593.05.27 ²⁷⁶ ; 1595.09.06 ²⁷⁷	Baltasar Gonçalves	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Pedreiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v e fl.16
1598.01.05	Pêro Afonso de Amorim	Guimarães, rua Caldeiroa	Mestre de pedraria	A. M. A. P., N-50, livro de notas do tabelião Cristóvão de Azevedo, fls.100v-101
1598.01.31	Francisco Jorge ²⁷⁸	Guimarães, rua Caldeiroa	Pedreiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.16

Lembremos que em Guimarães, nos séculos XV e XVI, são levadas a cabo grandes obras de pedraria. No século XIV, D. João I manda construir uma nova igreja cujas obras no templo e no claustro ainda decorrem no primeiro quartel do século XV; também neste período, e por intercessão do mesmo rei se inicia a edificação da casa da Câmara (MIL ANOS, 2000: 93-94). No claustro da Colegiada constrói-se a capela do Confraria do Serviço; no Largo da Igreja da Oliveira, edifica-se o padrão em honra de Santa Maria. Dá-se início à construção da residência senhorial do 1º Duque de Bragança e a várias casas sobradadas no miolo do burgo. No século XVI, a Colegiada é ampliada com a construção de uma torre na sua fachada principal aí se instalando a capela tumular dos Pinheiros. Um filho destes, D. Prior da Colegiada no 1º quartel do século XVI, renova o claustro da Colegiada.

7.44 Peixeiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a seis peixeiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprego)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1531.02.23	Bastião Afonso		Peixeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 31)

²⁷⁴ Testemunha do casamento de Pêro Gonçalves, pedreiro, e de Ana Lopes, moradores na rua da Caldeiroa, realizado na Igreja de S. Sebastião.

²⁷⁵ A 3 de Agosto foi baptizada sua filha Ana na freguesia de S. Sebastião. Casado com Cecília Gonçalves.

²⁷⁶ A 27 de Maio de 1593, foi baptizada sua filha Paula, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Ana Nogueira. Foram padrinhos João Marcelo, Chantre, e Joana de Moura, mulher de Cosmo Machado.

²⁷⁷ A 6 de Setembro de 1595, foi baptizado seu filho António, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Ana Nogueira.

²⁷⁸ Nessa data casou com Catarina Fernandes, moradora na rua Caldeiroa. Casamento celebrado na igreja de S. Sebastião.

1531.02.23	Duarte Gonçalves ²⁷⁹		Peixeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 31)
1531.02.23	Genebra Álvares		Peixeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 31)
1531.02.23	Gonçalo Eanes		Peixeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 31)
1531.02.23	Pêro Gonçalves		Peixeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 31)
1531.02.23	Pêro Lourenço		Peixeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 31)

Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, é referida a venda de sardinha, congro seco, pescada fresca e seca (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 174-176; VMH, 1931: 218-219). Pela carta de privilégios concedida, em 1372, pelo rei D. Fernando aos habitantes da vila e do castelo de Guimarães, ficamos a saber que carneiros, padeiras e peixeiros não deviam ser constringidos a talhar ou vender os seus produtos fora do castelo (VMH, 1931: 416).

É interessante verificar como já nesta época recuada tinha importância a comercialização de peixe fresco numa cidade relativamente afastada do mar. Mestre António, que em 1512 escreveu «Uma descrição de Entre Douro e Minho», dá-nos a conhecer, sempre no seu tom encomiástico, a enorme variedade de peixes de rio e de mar que chegava a Guimarães: «pescados: de água doce nos quais entram solhos, jereses, salmões, relhos, trutas, bogas, barbos, sáveis, lampreias, linguados, solhas, tainhas, mugens, eirós, enguias e outros muitos géneros de peixes miúdos todos mui saborosos; e da salgada do mar muitos mui saborosos de todos os géneros que no mar se possa achar, e assim mariscos que pessoa que nunca viu o mar estará em muita dúvida de os comer» (ANTÓNIO, 1959: 447).

No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, volta a ser referida a chegada aos consumidores vimaranenses, de peixe e marisco, bem como peixe de água doce - trutas, bordalos* e bogas (MEIRELES, 1994: 61).

Nas taxas vimaranenses de 1552 diz-se «e ao pescado se não põem aqui taxas porque acerca da vinda dele se usará nesta vila e em seu termo o que se até aqui usar» (ALMEIDA, 1930: 157).

²⁷⁹ Casado.

No Livro da Vereação, de 13 de Janeiro de 1531, fixa-se o preço da sardinha, quer a proveniente da Galiza, quer a da costa, quer a de «sobremar». Obriga-se também que os peixeiros a tenham permanentemente à venda. O peixe fresco devia abastecer a cidade regularmente e, especificamente no período em que a Igreja proibia o uso de carne. Nessa época as peixeiras que não tivessem peixe à venda porque o não havia na costa, tinham de trazer uma «certidão [comprovativa de] que o não há na marinha» (FARIA, 1997: 17).

A 28 de Janeiro de 1531, proíbe-se os almocreves de ir buscar peixe e sardinha à Galiza, por aí grassar a Peste (FARIA, 1997: 24). A 11 de Agosto do mesmo ano, determina-se que «os peixeiros dêem o pescado aos arrâteis a quem o quiser» (FARIA, 1997: 122).

Nesta profissão tanto encontramos peixeiros como peixeiras e, por vezes, o termo pescadeiras, como na vereação de 25 de Agosto de 1531, no qual se determina onde e como estas deviam vender o peixe - vendiam em «bancos» e sentadas, ocupando o menor espaço possível tendo que no final de recolhê-los (FARIA, 1997: 125).

7.45 Peliteiro

Encontramos referência a um peliteiro, natural de Vila Nova (?), e que nos inícios do século XV, terá morado na rua de Santa Maria.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1412-13	Mem Martins ²⁸⁰	Guimarães, rua de Santa Maria	Peliteiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.30

Bluteau dá peliteiro como sinónimo de peliqueiro, ou seja, «o que prepara peles para forros, vestidos, etc. e as vende» (BLUTEAU, 1789, II: 180).

Os peliteiros faziam também algum vestuário, tal como o afirma Bluteau. Isso o parece confirmar o foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, no qual se

²⁸⁰ Em casas em que tinha residido Mem Martins, peliteiro, de Vila Nova. Tinham sido emprazadas pelo Cabido da Colegiada de Guimarães.

refere a venda de peles «de cordeiras, raposos, martas e de toda a pelitaria* ou forros», bem como «pelicas* e roupas feitas de peles» (MEIRELES, 1994: 60).

Através do regimento dos peliteiros lisboenses de 1572 ficamos a saber que eles deviam saber preparar (curtir, sovar, surrar, cortar, lavar, «fazer todos os seus labores») peles de raposo, de arminho, de marta, de gineta*, de carneiro, de cabrito, de lontra, de lobo, de gato, de papalvas e de fuinhas. Deviam também saber fazer luvas de pele de carneiro, de cabrito ou de lontra (CORREIA, 1926: 99-100).

7.46 Picheleiro

Nos séculos XV e XVI não encontramos referência a nenhum picheleiro²⁸¹.

O termo picheleiro, tomado à letra, quer dizer aquele que faz pichéis. E pichel é um vaso destinado a conter líquidos. Picheleiro era o oficial que trabalhava o estanho (misturado com chumbo) (CORREIA, 1926: 28-45). Havia ainda os latoeiros, que trabalhavam o latão e o chumbo (CORREIA, 1926: 45-48), os caldeiros, que trabalhavam o cobre (CORREIA, 1926: 48-50), e os ferreiros que trabalhavam o ferro (CORREIA, 1926: 51-54).

Nas taxas vimaranenses só encontramos referência a ferreiros e picheiros, ficando-se com a sensação de que estes últimos, para além do estanho, também trabalhariam outros metais, como o cobre, pois na taxa faz-se menção a alambiques, os quais sabemos serem feitos de cobre (ALMEIDA, 1930: 152).

Tabela XXII

Picheiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Tarefa	Medida	Custo (reais)
Estanho lavrado de toda essa obra	arrátel	35
Dando o estanho, de feito levará	arrátel	10
Alambique [...] de seis até sete [...] ²⁸²		200
E daí para baixo ou para cima valerá a esse respeito		

²⁸¹ Sobre os picheterios do Porto quinhentista e suas funções veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 136-137).

²⁸² Eduardo de Almeida não dá a leitura completa. Tentamos ler a partir do documento, mas também tivemos dificuldade.

7.47 Pintor

No século XV encontramos referência a três pintores.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1440.01.10	Gonçalo Eanes	Guimarães	Pintor	A. M. A. P., A.2.3.39, 261, fl.14v
1446.06.16; 1448.08.15; séc. XV, 1ª metade; 1450.07.11; 1450.01.24; 1450.09.30; 1452.06.15	João Álvares ²⁸³		Pintor	A. M. A. P., A.2.3.39,269,fl.15v; A.2.3.39, 272, fl.16v; A.2.3.39, fl.26; A.2.3.39, 277, fl.18; A.2.3.39, 276, fl.19v; A.2.3.39, 279, fl.18v; A.2.3.39, 282, fl.20v
1467.07.27	Pêro Esteves	Guimarães	Pintor	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 12), fl.21

Segundo o regimento lisbonense de 1572:

- «o que se houver de examinar de pintura de óleo trará uma tábua de 4 ou 5 palmos em quadra e em casa do juiz pintará a imagem que lhe ele disser em modo que na dita tábua haja macenaria, paisagem e algumas minudências para que em tudo se veja sua suficiência. E o que assim for examinado pela sobredita maneira ficará examinado de todas as outras coisas à pintura necessárias e ao ornamento dela»;
- «e o que de têmpera ou fresco quiser usar fará - em parede a fresco, e em pano ou tábua -, a têmpera, figura ou lavor romano ou grotesco. Querendo usar de tudo e fazendo o sobredito ficará examinado de todas as coisas à dita pintura de têmpera ou fresco inferiores»;
- «e o que de dourado ou estofado somente quiser usar, por mais não poder alcançar, fará uma peça de ouro brunido e mate em a qual haverá algum plano ou tábua per si de 2 palmos em que faça além do dito dourado dois palmos de rapado, e fará mais um pau de branco brunido, e encamará o rosto de vulto de uma virgem, de encamação polida» (CORREIA, 1926: 104-105).

Que obra fariam os pintores vimaranenses que os documentos nos permitem conhecer? Não o sabemos.

²⁸³ Confrade, Procurador e Mordomo, da Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39,269,fl.15v; A.2.3.39, 272, fl.16v; A.2.3.39, fl.26; A.2.3.39, 277, fl.18; A.2.3.39, 276, fl.19v; A.2.3.39, 279, fl.18v; A.2.3.39, 282, fl.20v).

A. L. de Carvalho em «Os mesteres de Guimarães», tem um capítulo sobre pintores e douradores (CARVALHO, 1939-1951, V: 61-65).

7.48 Saboeiro

Encontramos referência, em 1553-54, a um saboeiro, Vasco Domingues²⁸⁴, que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães umas casas sitas na “rua das Mostardeiras”.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1453-54	Vasco Domingues ²⁸⁵	Guimarães, rua das Mostardeiras	Saboeiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.21

Saboeiro é o homem que faz e vende sabão²⁸⁶. Em Março de 1531, vendeu-se, na vila de Guimarães, sabão falso, como ficou declarado na acta de uma das reuniões da vereação (FARIA, 1997: 52).

João Brandão, refere a existência, em Lisboa, em 1552, de dois fornos de sabão (BRANDÃO, 1990: 87).

7.49 Sapateiro

A classe profissional dos sapateiros é aquela que os documentos mais nos permitem encontrar²⁸⁷. A esta profissão podemos ainda associar quer a de borzegueiro, ou seja um sapateiro que apenas sabia fazer borzeguins*, quer a de todos aqueles que trabalhavam o couro, como os curtidores e os surradores.

Na documentação compulsada, referente ao período entre 1400 e 1600, em Guimarães, encontramos a referência a noventa e quatro sapateiros e dois borzegueiros (veja-se o sub-capítulo sobre borzegueiros).

²⁸⁴ Maria da Conceição Falcão Ferreira também refere Vasco Domingues, informando que este «como se apurou, fora 'criado do almoxarife', como homem de negócios vira os seus lucros engrossarem, por certo, pois além de mercador, foi saboeiro, em certa fase da sua existência» (FERREIRA, 1989: 194).

²⁸⁵ Trazia emprazadas da do Cabido da Colegiada de Guimarães umas casas sitas “rua das Mostardeiras”.

²⁸⁶ Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III, refere a comercialização do sabão no Porto, no século XVI (MACHADO, 2003: 125).

²⁸⁷ Sobre os sapateiros do Porto quinhentista veja-se Maria Fátima Machado no seu estudo sobre a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III (MACHADO, 2003: 140-141).

De facto, no regimento lisbonense dos sapateiros diz-se que curtidores e surradores estão na dependência dos sapateiros. Assim reza o documento: «e porque os oficiais dos curtidores e surradores são anexos ao officio dos sapateiros, elegerão outrossim os ditos vinte e quatro eleitores: do corpo dos curtidores, dois homens para juizes do seu officio e um escrivão para o mesmo officio dos curtidores, e dois homens do corpo dos surradores para juizes do officio de surradores» (CORREIA, 1926: 76)

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Offícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1412-1413	Afonso Lourenço ²⁸⁸		Sapateiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.8
1412-1413	João Afonso ²⁸⁹		Sapateiro	A. M. A. P., C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.19
1412.11.25; 1412-13 ²⁹⁰ ;	Afonso Eanes	Guimarães, casas da Costa	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.24; C-606, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 3, fl.16
1412.11.25	Fernão Gonçalves	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.24
1413.03.10	Luis Martins	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.33v
1414.12.19; 1417.11.29;	Gonçalo Pires	Guimarães, rua Sapateira	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.36-36v; A.2.3.39, 209, fl.6
1423.08.05;	João Gonçalves	Guimarães, rua de Gatos	Sapateiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 218, fl.30
1430.07.29 ²⁹¹ ; 1453-54 ²⁹²	Álvaro Gonçalves	Guimarães, rua Sapateira	Sapateiro	A.2.3.39, 244, fls.32-32v; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.11
1440.01.10	Domingos Gonçalves ²⁹³		Sapateiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 261, fl.14v
1440-41	João Lourenço ²⁹⁴		Sapateiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.16v

²⁸⁸ Trazia emprazada uma vinha do Cabido da Colegiada de Guimarães.

²⁸⁹ Trazia emprazada uma vinha na freguesia de Polvoreira do Cabido da Colegiada de Guimarães.

²⁹⁰ Trazia emprazadas estas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães em rua que desconhecemos na vila de Guimarães.

²⁹¹ Casado com Leonor Gil.

²⁹² Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "Rua Sapateira até à porta de S. Domingos".

²⁹³ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 261, fl.14v).

²⁹⁴ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "rua Nova do Muro até à Porta do Postigo".

1440-41	Afonso Fernandes ²⁹⁵	Guimarães, Rua Forja, desde a Porta da Judiaria até à Porta da rua Sapateira	Sapateiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.12v
1440-41	Álvaro Eanes ²⁹⁶		Sapateiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.41v
1440-41	Fernão Vicente ²⁹⁷	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.32v
1440-41 ²⁹⁸ ; 1440-41 ²⁹⁹ ; 1453-54 ³⁰⁰	Afonso Vicente	Guimarães, rua Caldeiroa	Sapateiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido n.º 1, fl.24v e fl.33; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl. 11
1440-41 ³⁰¹ ; 1441-1451(?) ³⁰² ; 1453-54 ³⁰³	Afonso Eanes	Guimarães, Rua Sapateira até à Porta de S. Domingos	Sapateiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.13; 9-1-70, Tombo do Capões e das Galinhas, fl.2v; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl. 12
1441-1451(?)	Afonso Gonçalves ³⁰⁴	Guimarães, rua dos Mercadores	Sapateiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.4v
1441-1451(?)	Jerónimo Afonso ³⁰⁵		Sapateiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3v
1441-1451(?)	Lourenço Pires ³⁰⁶	Guimarães	Sapateiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3
1446.02.19	Gil Eanes	Guimarães, rua do Castelo	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.18
1453.01.10	Álvaro Pires	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11),

²⁹⁵ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “Rua Forja, da Porta da Judiaria até à Porta da rua Sapateira”.

²⁹⁶ Trazia emprazada uma vinha da freguesia de Polvoreira, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

²⁹⁷ Trazia emprazada uma almuinha do Cabido da Colegiada de Guimarães sita na “Carrapatosa e rua Caldeiroa”.

²⁹⁸ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “rua Caldeiroa”.

²⁹⁹ Trazia emprazada uma almuinha do Cabido da Colegiada de Guimarães sita na “Carrapatosa e rua Caldeiroa”.

³⁰⁰ Trazia emprazadas umas casas e exido do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “Rua Sapateira até à porta de S. Domingos”.

³⁰¹ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “Rua Sapateira até à Porta de São Domingos”.

³⁰² Pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁰³ Trazia emprazadas estas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁰⁴ Pagava duas galinhas de renda por uma vinha e devesa que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na freguesia de S. Miguel de Creixomil.

³⁰⁵ Pagava duas galinhas de renda por uma almuinha que trazia emprazada ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sita nos Trigães e hortas do prior.

³⁰⁶ Pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua do Postigo.

				fl.28v
1453.01.10	Estevão Gil	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.28v
1453-54	Afonso Martins ³⁰⁷	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.10v
1453-54	Afonso Pires ³⁰⁸	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.21v
1453-54 ³⁰⁹ ; 1453-54 ³¹⁰	João Afonso	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.25; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.29v
1453-54	João Domingues ³¹¹	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.11
1457.01.22	Álvaro Gomes	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.32
1462.09.09 ³¹²	Gomes Afonso	Guimarães	Sapateiro	(MARQUES, 1981: 307)
1494	Diogo Afonso ³¹³	Guimarães	Sapateiro	(FERREIRA, 1999: 316)
1498 ³¹⁴ ; 1498	Afonso Eanes	Guimarães, rua Vale de Donas	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 154v; fl. 156
1498	Domingues Eanes	Guimarães, rua dos Mercadores ³¹⁵	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 154
1498	Gonçalo Pires	Guimarães	Sapateiro	(MARQUES, 1984: 37)
1498	João Gonçalves, o moço ³¹⁶	Guimarães, rua Sapateira	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 157
1498	Luis Eanes	Guimarães, rua de Couros ³¹⁷	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 154v

³⁰⁷ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “rua de [...] a Porta da Judiaría até rua Sapateira”.

³⁰⁸ Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na “rua de Couros fora da vila”.

³⁰⁹ Trazia emprazada uma almuinha do Cabido da Colegiada de Guimarães sita na rua Caldeiroa.

³¹⁰ Trazia emprazado um moinho do Cabido da Colegiada de Guimarães.

³¹¹ Pagava ao Cabido da Colegiada de Guimarães um maravedi de censo por umas casas sitas na “rua Sapateira até à porta de S. Domingos”.

³¹² Trata-se de uma pública forma de um documento datado de 22 de Fevereiro de 1459; Oficial, Confraria dos Sapateiros (MARQUES, 1981: 307).

³¹³ Casado com a sobrinha do cônego da Colegiada Pedro Afonso (FERREIRA, 1999: 316).

³¹⁴ Casas que confrontam com casas de Nicolau Álvares, soqueiro.

³¹⁵ Vivia nestas casas que tinham dois sobrados.

³¹⁶ Trazia emprazado o lugar de Mascotelos (freguesia de S. Vicente de Mascotelos), pertencente à Confraria do Serviço de Santa Maria por 38 reais e 6 pretos.

1498	Pêro Eanes ³¹⁸		Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 158-158v
1498	Rodrigo Eanes	Guimarães, rua de Santa Luzia	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 156-156v
1498	Vasco Afonso Lagarto	Guimarães, rua das Flores	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 154
1498	Vasco Pires	Guimarães, Rua Nova do Muro ³¹⁹	Sapateiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 152
1515	Afonso Esteves ³²⁰	Guimarães, rua das Ferrarias	Sapateiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.29
1515	Gonçalo Gonçalves ³²¹	Guimarães, à Porta de S. Domingos	Sapateiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.24
1515	Pêro Álvares ³²²	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.28v
1515 ³²³ ; 1531.02.06; 1531.03.20; 1531.07.21	Fernão Eanes	Guimarães, rua Sapateira	Sapateiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.23v; Vereações 1531 (FARIA, 1997: 29, 48, 116)
1520	Gonçalo Álvares ³²⁴	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., C-618, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 13, fl.19v
1525.04	Bastião Pires ³²⁵	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 41)
1525.04	Francisco Rodrigues ³²⁶	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 37)
1525.04 ³²⁷ ; 1525.04 ³²⁸ ;	Álvaro Gonçalves	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 10, 34-35)

³¹⁷ Confrontam as suas casas com casas de Nicolau Álvares, soqueiro.

³¹⁸ Trazia emprazada a vinha de Gulpilhares, juntamente com João Luis, carneiro. Pagavam de censo à Confraria do Serviço de Santa Maria, 20 reais.

³¹⁹ Tratam-se de casas de um sobrado.

³²⁰ Trazia emprazadas umas casas, nas quais residia, sitas na rua das Ferrarias e pertencentes ao Cabido da Colegiada. Anteriormente tinha lá residido João Vaz, o Gago.

³²¹ Trazia emprazadas umas casas na rua da Arrocheta do Cabido da Colegiada. Morador à Porta de S. Domingos.

³²² Tinha trazido emprazado do cabido da Colegiada umas casas na rua das Ferrarias. Nessa data morava nelas seu genro João Rodrigues, correiro.

³²³ Genro do "Galego".

³²⁴ Trazia emprazadas umas casas na rua de Vale de Donas do Cabido da Colegiada.

³²⁵ Casado com Madalena. Falecido em 1532. Na viagem de Vila de Conde para Tenerife o navio em que viajava foi assaltado por uma nau de Bretões. Roubaram-lhe: muito pano de linho e estopa; beatilhas; couros; calçado; vestidos; camisas e cama de roupa.

³²⁶ Casado com Madalena Mendes. Na viagem entre Vila de Conde e Tenerife o navio em que viajava foi assaltado por uma nau de Bretões. Levaram-lhe: muito calçado, muitas beatilhas; fronhas para travesseiros; camisas e outras miudezas; vestidos; calçado; camisas e cama.

1532.11.16				
1526.09	Diogo Eanes ³²⁹	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 40)
1526.10 ³³⁰ ; 1532.11.26	Pero Lourenço	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 38-39)
1528.07 ³³¹ ; 1532.11.09	Brás Martins	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 13-14)
1528.07 ³³² ; 1532.12.07 ³³³	Francisco Eanes Gião	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 46)
1531.01.23; 1531.06.23	Pêro Dinis	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 22 e 105)
1531.03.10; 1531.06.23	Vasco Rodrigues ³³⁴	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 39 e 105)
1531.05.12	Bartolomeu Álvares	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12	Francisco Pires	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12; 1531.06.23; 1532.11.08; 1532.11.13	Gonçalo Eanes	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78 e 104); (PIMENTA, 1940: 3-27)
1531.05.12	Gonçalo Pires	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12; 1532.12.10; 1513 ³³⁵	João Fernandes	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78); (PIMENTA, 1940: 53)

³²⁷ Viajava num navio que seguia de Vila de Conde para Tenerife quando junto das ilhas Berlengas foi assaltado por uma nau de Bretões.

³²⁸ Viajava num navio que seguia de Vila de Conde para Tenerife quando junto das ilhas Berlengas foi assaltado por uma nau de Bretões. Roubaram-lhe uma arca com vestidos, camisas, mantimentos e outras coisas e cama.

³²⁹ Casado com Inês Mendes. Na viagem de S. Miguel para Viana da Foz de Lima o navio em que viajava foi assaltado por uma nau francesa junto à costa de Baiona. Perdera 21 mil reais em dinheiro de contado; um manto "berneo" preto; um tabardo; e roupa de cama.

³³⁰ Na viagem de S. Miguel para Viana da Foz de Lima, junto à costa de Baiona, o navio foi tomado por uma nau francesa que lhe roubara: 13800 reais em dinheiro de contado; uma capa de Londres; um pelote; quatro peles em branco; um manto; uma espada e um barrete.

³³¹ Viajava numa embarcação de Vila de Conde para a Ilha de S. Miguel, quando junto do porto de Vila Franca de S. Miguel foram tomados por um navio Bretão. Roubaram-lhe 35 dúzias de cordovão curtido; muito pano de linho; duas dúzias de espadas; dois carros de cortiça; vestidos e camisas.

³³² Na viagem de Vila de Conde para S. Miguel o navio foi assaltado junto ao porto de Vila Franca por um navio francês. Roubaram-lhe: pano de linho; pano de estopa; muitas beatilhas de linho e 10 mil reais. Todos estes bens foram transportados pelo seu cunhado Brás Martins já que o próprio se encontrava nos Açores.

³³³ Nessa data encontrava-se em Guimarães.

³³⁴ Cunhado de Pêro Dinis.

1531.05.12	Nicolau Álvares	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12; 1532.12.03	Rui Gonçalves	Guimarães	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78); (PIMENTA, 1940: 43)
1531.05.19	António Afonso	Guimarães, vila	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 94)
1531.05.19; 1531.09.26	Lançarote Álvares	Guimarães, vila de	Sapateiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 94 e 136)
1531.06.23	Francisco Lourenço		Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)
1531.06.23	Gonçalo Afonso		Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)
1531.06.23	João Pires		Sapateiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 105)
1531.06.23	Vicente Afonso		Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)
1531.09.26	Bastião Gonçalves	Guimarães, vila de	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 136)
1531.09.26	Francisco Gonçalves	Guimarães, Vila de	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 136)
1531.12.29 ³³⁶	João Gonçalves	Guimarães, Cano das Gafas	Sapateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 162)
1532.11.13	António Vaz	Guimarães	Sapateiro	(PIMENTA, 1940: 27)
1564	Gaspar Lopes ³³⁷	Guimarães, rua Nova do Muro	Sapateiro	A. M. A. P., C-1370, fl.8
1568.06.15	Melchior Pires ³³⁸	Guimarães, rua do Cano	Sapateiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.1v
1575.01	Jerónimo Pires ³³⁹	Guimarães, rua Sapateira	Sapateiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.7
1582.03.15	Domingos Gonçalves ³⁴⁰	Guimarães, Cano	Sapateiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº 1 de S. Pedro de Azurém, fl.10
1582	Domingos	Guimarães,	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)

³³⁵ Na viagem de Vila de Conde para a Madeira, junto das Bertengas foi assaltado o navio por três barcos franceses. Tomaram-lhe: vestidos novos de pano fino; camisas; calçado; uma touca; uma espada; pano de linho e estopa; cama de roupa.

³³⁶ Pretendia comprar umas casas, pertencentes ao concelho, e situadas no Cano das Gafas. Trazia-as Gonçalo Eanes, oleiro, pela quantia de seis mil e quatrocentos réis, a João Gonçalves.

³³⁷ Casado; Confrade, Confraria do Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., C-1370, fl.8).

³³⁸ Sua filha, Filipa Pires, foi madrinha de baptismo de uma criança baptizada na freguesia de Azurém.

³³⁹ Padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁴⁰ Foi padrinho de baptismo de uma criança baptizada na freguesia de S. Pedro de Azurém.

	Antunes	Cano		
1582	Gaspar Álvares	Guimarães, Porta do mosteiro de S. Domingos	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Domingos Vaz	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Bartolomeu Pires, Visarro	Guimarães, Rua de Gatos	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Pero Rodrigues	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Francisco Gonçalves	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Mateus Fernandes	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Salvador Lopes	Guimarães, Rua Nova das Oliveiras	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Francisco Gonçalves	Guimarães, Rua Vale de Donas	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	João Ferreira	Guimarães, Rua Sapateira	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1582	Baltazar Fernandes	Guimarães, Rua Sapateira	Sapateiro	(CARVALHO, 1939-1951, III: 51)
1589.03.02	André Gonçalves ³⁴¹	Guimarães, rua das Oliveiras	Sapateiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.23
1591.06.09	Bastião Gonçalves	Guimarães ³⁴²	Sapateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.4
1591.11.03 ³⁴³ , 1593.02.06 ³⁴⁴	Francisco Pires	Guimarães, Cano	Sapateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.2 e fl.5v

³⁴¹ A sua mulher Catarina de Abreu, nessa data foi madrinha de um baptizado realizado na freguesia de Creixomil.

³⁴² A 9 de Junho de 1592, foi padrinho de Ana, filha de Miguel Domingos, do Cano, e de Filipa Francisca. O baptizado foi realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

³⁴³ A 3 de Novembro de 1591, foi baptizado seu filho Simão, na freguesia de Oliveira do Castelo.

³⁴⁴ Francisco Pires, a 6 de Fevereiro de 1593, foi padrinho de baptismo de Maria, filha de Pedro Gonçalves, ferreiro, seu vizinho, morador no Cano e era também vizinho de Pedro Fernandes, ferreiro, morador no Cano.

1593.02.18	Belchior Pires ³⁴⁵	Guimarães, Cano das Gafas	Sapateiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.130v
1593.09.03 ³⁴⁶ , 1593. 10.03 ³⁴⁷	Francisco Ribeiro	Guimarães, Oliveira do Castelo, Eirado	Sapateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.7 e fl.7v
1594.12.04	Francisco Fernandes ³⁴⁸	Guimarães, Cano	Sapateiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.78
1594.05.31	Manuel Fernandes ³⁴⁹	Guimarães, Cano	Sapateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.10
1594.11.27	Gonçalo Pires ³⁵⁰	Guimarães, rua Travessa	Sapateiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.78
1595.03.18	António Miguel ³⁵¹	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Sapateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.14v
1595.06.21	Domingos Rodrigues ³⁵²	Guimarães	Sapateiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.82
1598.02.04	Pêro Afonso ³⁵³	Guimarães, rua do Gado	Sapateiro	A. M. A. P., N-50, livro de notas do tabelião Cristóvão de Azevedo, fls.129-130

Segundo o regimento dos sapateiros lisboenses datado de 1572, um sapateiro para ser examinado «de obra-prima» tinha de saber «mui bem fazer uns borzequins*, e uns sapatos* de quartel, e uns pantufos de homem de cortiça, e umas cervilhas*, e umas sapatas de mulher*, e uns pantufos outrossim de mulher de dois dedos de altura, e uns alcorques* e umas pan-

³⁴⁵ A 18 de Fevereiro faleceu na freguesia de S. Pedro de Azurém. Não fez testamento por ser pobre.

³⁴⁶ A 3 de Setembro de 1593, foi padrinho de Miguel, filho de Ambrósio Gonçalves, almocreve. Baptizado realizado na freguesia de Oliveira do Castelo.

³⁴⁷ A 3 de Outubro de 1593, foi baptizada sua filha Catarina, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Fernandes. Foram padrinhos Francisco de Araújo, sapateiro, e Cecília Gomes, mulher de Baltasar Fernandes da rua Sapateira.

³⁴⁸ Foi padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Sebastião.

³⁴⁹ A 31 de Maio de 1594, foi baptizada sua filha Marta, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Filipa Pires.

³⁵⁰ Sua mulher foi madrinha de um baptizado realizado na igreja de S. Sebastião. O padrinho foi António Fernandes, cutileiro.

³⁵¹ A 18 de Março de 1595, seu filho Francisco foi baptizado na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Isabel Lopes.

³⁵² Foi padrinho de baptizado de uma filha de Belchior Lopes, surrador, morador na rua de Couros. Baptizado realizado na freguesia de S. Sebastião.

³⁵³ Casado com Beatriz Fernandes.

tufadas*. E se houver de usar de pantufos de toda a sorte fará outro de quatro dedos» (CORREIA, 1926: 76-77).

Ficamos também a saber que, no caso dos sapateiros, era possível obter-se o título de oficial especializado apenas num tipo específico de fabrico. Ou seja, alguém podia ser examinado apenas pela produção de um único tipo de calçado, por exemplo, borzeguins*. O regimento refere que «e sendo caso que o oficial se não queira examinar de toda esta obra, ao menos saberá fazer uns borzeguins* e sapatos* de quartel e o outro par de obra qual ele quiser e melhor souber fazer, e na carta de examinação que lhe for passada se declarará as peças de que foi examinado e fazendo obra de que examinado não for cairá na pena abaixo declarada dos que põem tenda sem serem examinados» (CORREIA, 1926: 77). Em Guimarães temos conhecimento da existência de dois borzegueiros, ou seja, sapateiros que apenas sabiam fazer borzeguins* (veja-se o sub-capítulo sobre os borzegueiros).

Ainda segundo o regimento dos sapateiros lisbonense (1572) um oficial deste mester devia saber fazer:

Tabela XXIII

Regimento dos sapateiros lisbonenses (1572)

Designação	Material e características	Tamanhos
borzeguins*		
alcorques*	de cortiça	
cabeças de homem	de correia, sola à mourisca	
	de correia, de sola e vira	
cabeças de mulher	de correia, sola à mourisca	
	de correia, de sola e vira	
cervilhas*		
chapins*	de cortiça, de feitio portugueses	Altura de 7 dedos
		Altura de 5 dedos
		Altura de 3 dedos
pantufadas*		
pantufos de homem	de cortiça	[altura] de 4 dedos
	de cortiça	[altura] de 3 dedos
pantufos de mulher	de cortiça	[altura] de 2 dedos

sapatas	de mulher	
sapatos*	de quartel	
	de vaca, abrochados, solados de correia	
	de vaca, chãos, solados à mourisca	
solas	de correia	
couras	[vestimenta em couro] de homem	

No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «sapatos borzeguins* e de toda a outra calçadura de couro» (MEIRELES, 1994: 59).

As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem-nos ficar a conhecer quais as peças executadas pelos sapateiros vimaranenses e quais os seus preços. Executavam estes, para homens - sapatos*, cabeças de sapatos, botas*, cabeças de botas, borzeguins*, cervilhas* e pantufos; e para mulheres - sapatas, cabeças para as ditas sapatas, sapatas para meninas pequenas, botinas*, cabeças das ditas botinas*, botinas empantufadas*, chapins* e pantufos. Os materiais utilizados na confecção eram - couro, cordovão*, vaca, carneira, cortiça (ALMEIDA, 1930: 57-59).

Tabela XXIV

Sapateiros: taxa de preços (1552)

Sexo	Designação	Material e características	Tamanhos	Custo (reais)
Homem	sapatos*	cordovão*	9 pontos para cima	50
			6 pontos até 8	40
			4 até 5 pontos	30
			4 pontos para baixo	20
		vaca	9 para 10 pontos	45
			6 pontos até 8	40
			4 até 5 pontos	30
			4 pontos para baixo	20
	cabeças de botas*	cordovão* e vaca, valerão pelo preço dos sapatos segundo os pontos forem		

	borzequins*	Cordovão*, que cheguem um conto acima do joelho	9 pontos para cima	150
			6 pontos até 8	120
			4 até 5 pontos	80
		carneira		100
			sendo mais pequenos	80
		E os outros mais pequenos valerão à razão dos preços e medidas atrás		
	cervilhas*	cordovão*		20
		carneira, de cores		16
	pantufos	de solas boas	9 pontos para cima	90
			6 pontos até 8	80
		de cortiça	9 pontos para cima	80
			6 pontos até 8	70
	botas*	cordovão*, de uma sola, que dêem por meia coxa	9 pontos para cima	180
			6 pontos até 8	140
			4 pontos até 5	90
			2 para trás	60
			daqui para baixo	30
		vaca, de ilhargas da terra, de duas solas, que dêem por meia coxa	9 pontos para cima	220
		6 pontos até 8	200	
	cabeças	com duas solas	9 pontos para cima	65
solas lançadas		9 pontos para cima	25	
		9 pontos para baixo	20	
solas na mão		9 pontos para cima	20	
		9 pontos para baixo	16	
Mulher	sapatas	Couro, sendo para chapins*	6 pontos para cima	60
			3 pontos até 6	50
			1 ponto até 3	30
	cabeças para as ditas sapatas	cordovão*		50
		vaca		30
				25
	de lançar umas sobressolas			16
	Sapatas para meninas pequenas			20

botinas*	de sola e vira pretas	5 pontos para cima	60
	de cores		70
cabeças das ditas botinas	de sola e vira		35
	de vaca		30
De lançar umas sobressolas			20
chapins*	de cores	altura de 1 conto para riba	120
		de 4 dedos até 1 conto	100
		4 dedos para baixo	80
pantufos	sarrados, pretos	até 4 dedos	70
botinas empantufadas*			80

A classe dos sapateiros era mais importante do que a dos curtidores e surradores, sendo muitas vezes responsável pela tarefa de curtir e de surrar. A. L. de Carvalho afirma: «são inúmeras as indicações que nos dizem ser os sapateiros quem tinha o encargo de mandar curtir os couros, parecendo que muitos de entre eles os curtiam, sendo tantas vezes, como eram os proprietários dos pelames» (CARVALHO, 1939-1951, III: 51). Isto o parece confirmar um texto de uma sessão camarária realizada em 1606, onde fica acordado: «todos os curtidores que não forem sapateiros tenham um couro dependurado à sua porta para que vendam as solas que lhe pedirem pela tabuada da Câmara que lhe será dada» (CARVALHO, 1939-1951, III: 52). Fica claro que havia sapateiros que também se dedicavam a curtir. Outro documento que o confirma é uma carta de examinação passada em 1723, a António Matos, da freguesia de S. Torcato «do seu ofício de sapateiro e curtidor» (CARVALHO, 1939-1951, III: 147-148).

Não nos deve admirar que os sapateiros fossem responsáveis pela preparação da «matéria-prima» - o couro - executando todas as tarefas da curti-menta e do surrar, obtendo deste modo o couro de que necessitavam para fazer os sapatos. Lembremos que os oleiros eram também responsáveis pela extracção e transporte do barro que utilizavam para fazer as peças de olaria. Em tempos idos, era frequente que os mesterais fossem responsáveis por todas as fases do processo de fabrico. A especialização de tarefas surge bastante mais tarde. Lembremos também que ainda hoje, em casas aban-

donadas na «zona de couros», na cidade de Guimarães, é possível ver, no rés-do-chão da habitação os aloques onde se curtiavam os couros. Ou seja, a habitação era simultaneamente o lar da família e a oficina.

7.50 Seleiro

Nos séculos XV e XVI, encontramos referência a cinco seleiros, ou seja, aquele que faz selas. Através do regimento lisbonense dos seleiros de 1572 ficamos a saber que «o oficial que se quiser examinar e pôr tenda do dito ofício saberá mui bem fazer» uma «sela gineta* inteira», uma «sela bastarda» e uma «sela de mula» (CORREIA, 1926: 92-93).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1410.07.18	Estevão Eanes	Guimarães	Seleiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.10v
1424.11.04	Mateus Gonçalves	Guimarães	seleiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 220, fl.24v
1440-41	Esteves Eanes ³⁵⁴		Seleiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.79
1453-54	Gil Afonso ³⁵⁵	Guimarães, Rua Nova do Muro	Seleiro	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.14v
1498356; 1515 357	Gonçalo Gonçalves	Guimarães	Seleiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 159v-160; C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.22v

³⁵⁴ Sua mulher trazia emprazada uma propriedade na freguesia de São Pedro de Azurém, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁵⁵ Casas onde viveu Gil Afonso. Casas pertencentes ao Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁵⁶ Possuía uma devesa na freguesia de Urgeses.

³⁵⁷ Tinha emprazado umas casas do Cabido da Colegiada sitas na rua Sapateira, que nessa data estavam emprazadas a seu genro João Gonçalves, barbeiro.

7.51 Serrador

Nos séculos XV e XVI não encontramos referência a serradores no burgo vimaranense.

Não se deve estranhar o facto, pois a área analisada é apenas a da vila vimaranense, situando-se as manchas arborizadas, e passíveis de serem bons locais para a extração de madeira, afastadas desta.

Sabemos que, em 1552, um serrador levava, de jornal, a seco, por um dia de trabalho 50 reais, e, se lhe dessem de comer ganhava apenas 25 reais. O serrador tinha de levar para o trabalho a sua serra (ALMEIDA, 1930: 154).

7.52 Serralheiro

No século XVI encontramos referência a oito serralheiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprego)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1513 ³⁵⁸ ; 1532.12.10	Tomé Afonso	Guimarães	Serralheiro	(PIMENTA, 1940: 51)
1514.10.09	Álvaro Pires	Guimarães	Serralheiro	(PEREIRA, 1981: 183)
1515 ³⁵⁹ ; 1540.10.15	Pêro Afonso	Guimarães	Serralheiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.23; C-1367, fls. 11 - 13v
1531.05.12	Gonçalo Martins	Guimarães	Serralheiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 78)
1531.05.12	João Pires	Guimarães	Serralheiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1531.06.23	Gonçalo Pires		Serralheiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 104)

³⁵⁸ Na viagem de Vila de Conde para a Madeira, junto às Berlengas foi assaltado o navio por três navios franceses. Levaram-lhe: 300 reais em dinheiro de contado; muitas linhas, atacas e bolsas; camisas; um pelote; e a um seu criado outro pelote.

³⁵⁹ Tinha trazido emprazadas umas casas na rua Sapateira do Cabido da Colegiada, que nessa data estavam emprazadas a Mateus Afonso.

1597.07.02	Francisco Gonçalves ³⁶⁰	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Serralheiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.91
1532.11.13	Gonçalo Eanes	Guimarães, Molianas	Serralheiro	(PIMENTA, 1940: 27)

Através do regimento lisboenses de 1572 ficamos a conhecer o que competia a um serralheiro fazer: «todo o oficial que se examinar quiser saberá fazer um torno e uma bigorna de banco com toda a outra ferramenta que pertence ao banco», bem como - fechadura que feche de dentro e de fora; fechadura para arca; guarnição de arca encoirada; ferrolho para portas; aldrabão* que feche de dentro e de fora; bisagras* de mesa; macho-fêmea de janela e uma aldraba* e um compasso de dois palmos (CORREIA, 1926: 54-55).

Os serralheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: fechaduras e guarnições para arcas encoiradas, fechos mouriscos, ferrolhos, fechaduras de cerro com sua chave, misagras* e cadeias para mesas, dobradiça para janela, aldrabas*, gonzos*, almofaças*, torqueses e martelos para ferradores, verrumas caibrais e tanoares, cabos de espada, trados, serras de mão e martelos de orelhas de carpinteiro, pregos, chaves e conteiras* (ALMEIDA, 1930: 153).

Tal como temos vindo a referir noutras profissões, também os serralheiros faziam peças destinadas a servir outros mesteres. Os serralheiros faziam, por exemplo, várias peças para os carpinteiros, quer utensílios de trabalho - serra de mão, martelo de orelhas, trado capal - quer peças para eles aplicarem no que produziam - fechaduras para arcas, misagras* para mesas, dobradiças para janelas, fechos, ferrolhos para portas, aldrabas*, gonzos*, guarnições, chaves, pregos, verrumas. Os serralheiros faziam também ferramentas de trabalho para os ferradores - torquês, martelo e almofaça* e para os banheiros - cabos de espada envernizados.

Tabela XXV

Serralheiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Tamanhos	Custo (reais)
fechadura			18
	estanhada	pequena	30

³⁶⁰ A 2 de Julho de 1597, foi baptizado seu filho Paulo na freguesia de S. Sebastião. Casado com Ana Fernandes.

	de arca encoirada, estanhada com sua chave		50
	estanhada	de 10 palmos	90
		de 2 palmos	40
	de cerro com sua chave		20
fecho	mourisco		80
ferrolho	com sua fechadura e armelas, estanhado	2 palmos	160
	para porta de câmara	mais pequeno	60
	envernizado		30
	para armário, com sua fechadura e chave, estanhado		40
misagra*	de mesa		30
dobradiça	para janela, estanhada		12
aldraba* estanhada		1 palmo	20
		mais pequena	12
	para porta	grande	30
gonzo*	de mesa ou arca, estanhado		5
cadeias	para mesa com seus tomés		35
guarnição	para arca encourada, de uma encarga	comprida	400
	para arca, de duas emcarga		350
almofaça*	de quatro ordens		60
torquês	para ferrador		90
martelo	para ferrador		20
trado	capal		80
		mais pequeno	40
verruma	caibral		10
	tanoar		6
cabos	de espada, hãos, envernizados		40
	de outras obras		50
serra de mão			40
		mais pequena	30
martelo	de orelhas de carpinteiro		50
prego	para arca ou cadeira		1 ½
chave	estanhada	grande	15
		mais pequena	10
		Mais somenos	5
conreira*	boa, envernizada		10
	chã*		5

7.53 Sirgueiro

Encontramos referência a um único sirgueiro, Jorge Álvares, morador, em 1574, à Porta de S. Domingos.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1574.11.01	Jorge Álvares ³⁶¹	Guimarães, Porta de S. Domingos	Sirgueiro	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.6

Sirgueiro é «o que faz obra de fio e cordões de seda ou lã», sendo sirgo «fio de seda ou seda bruta. (...) Na Beira é bicho de seda» (BLUTEAU, 1789, II: 404).

A referência a este sirgueiro quinhentista é a mais antiga referência à profissão até agora encontrada em terras vimaranenses. A. L de Carvalho refere esta profissão mas aduz elementos referentes ao século XVII e seguintes (CARVALHO, 1939-1951, V: 93-107).

O regimento lisbonense dos sirgueiros de 1572 explicita o que estes deviam saber fazer:

- obra mourisca - «nominas de triângulo, madre e filha, matizadas de lavores de ouro e de sedas ricas e bem acabadas; item outrossim saberá fazer uns cordões de sela mourisca lavrados do mesmo teor das nominas de ouro e seda muito bem acabados»;
- obras miúdas e de menos substância que as acima - «um pontifical de igreja com suas nápolas e franjas de frontal, e capa*, e dalmáticas muito bem acabadas como pertence a tal obra; item saberá guarnecer um sombreiro de caireis e assim saberá forrar outro de dentro e de fora de qualquer seda que lhe mandarem; item fará um cordão azevado de cingir e um punho de espada e uma guarnição de escrivaninha* de cordão de dez ramos e de azelhas bem acabado tudo; item saberá guarnecer uma bolsa de veludo com sua trança ogeteada; item saberá fazer um franjão de ouro largo e outro estreito» (CORREIA, 1926: 157-160).

O último sirgueiro existente em Guimarães, o Sr. Manuel Castro, fechou a sua loja na Rua de Camões, Nº 30-32, no ano de 2003. Assim se extingue uma profissão detectada em Guimarães desde pelo menos finais do século XVI.

³⁶¹ Padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

7.54 Sombreireiro

Na documentação compulsada encontramos referência, no século XVI, a três sombreireiros, todos de apelido Gonçalves.

Data	Nome do Interveniante	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1584.10.30	André Gonçalves ³⁶²	Guimarães, rua Sapateira	Sombreireiro	A. M. A. P., P-231 - Livro paroquial Misto de S. Miguel de Creixomil, fl.10v
1586.08.18	Jerónimo Gonçalves	Guimarães, freguesia de S. Sebastião ³⁶³	Sombreireiro	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.27
1591.10.06	Baltasar Gonçalves ³⁶⁴	Guimarães	Sombreireiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl. 10

Sombreireiro é o que faz sombreiros ou chapéus. Segundo o regimento lisbonense de 1572, «todo o oficial que tenda houver de ter do dito ofício há-de saber mui bem fazer um sombreiro de qualquer lâ que seja, assim do reino como de fora dele, e assim fino como grosseiro, e saberá mui bem fazer um sombreiro preto, e outro pardo, e outro branco» (CORREIA, 1926: 168).

Em 1551, em Lisboa, laboravam 206 sombreireiros (OLIVEIRA, 1987: 95).

Sobre a profissão de sombreireiro nos fala A. L. de Carvalho, no seu livro «Os Mesteres de Guimarães» (CARVALHO, 1939-1951, IV: 153-164).

7.55 Soqueiro

Encontramos referência a dois soqueiros, um João Afonso, no ano de 1414, o outro, Nicolau Álvares, em 1498. Este último residia na Rua de Couros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1414.12.19	João Afonso	Guimarães	Soqueiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.36-36v
1498	Nicolau Álvares	Guimarães, rua de Couros	Soqueiro	A.N.T.T., N-A-272, fl. 154

³⁶² Testemunha de um casamento realizado nessa data na freguesia de Creixomil.

³⁶³ A18 de Agosto de 1586, foi baptizado seu filho Manuel, na freguesia de S. Sebastião. Casado com Catarina Gonçalves.

³⁶⁴ Nessa data casou com Catarina Gonçalves, filha de André Mendes, tecelão.

Soqueiro é o que faz socos ou socas. Os socos tinham uma «sola» de madeira a que se prendia couro com taxas, e sempre foram muito usados nesta região, pois, como têm «sola» de madeira, são os indicados para usar nos trabalhos da lavoura, permitindo que os pés não fiquem molhados.

Os soqueiros podem ser associados aos que preparam o couro ou o utilizam - correiros, curtidores, peliteiros, surradores e sapateiros.

Podemos considerar o termo tamanco como sinónimo de soco. Em 1825, vemos os soqueiros serem designados tamanqueiros e pertencerem à Confraria de Santa Maria dos Sapateiros ou Confraria de S. Crispim. Nos estatutos desta confraria diz-se: «determinamos que haja um Juiz de Ofício, do ofício de tamanqueiros, que fazem paus de socos» (CARVALHO, 1939-1951, III: 163). Numa carta de examinação passada em 1786, a António Francisco, explicita-se que este «disse se queria examinar do ofício de pregar socos» (CARVALHO, 1939-1951, III: 164).

7.56 Surrador

No século XVI, encontramos referência a três surradores. Parece-nos um número exíguo se tivermos em conta que a arte dos curtumes se encontra enraizada em Guimarães, desde o século XII.

Data	Nome do interventente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1573.11.12	Jorge Pires ³⁶⁵	Guimarães, Cano das Gafas	Surrador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.129
1574.11.11	Salvador Gonçalves ³⁶⁶	Guimarães, freguesia de S. Pedro de Azurém	Surrador	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.6v
1595.06.21	Belchior Pires ³⁶⁷	Guimarães, rua de Couros	Surrador	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.82

Os surradores deviam ser os trabalhadores de menor valia na arte de curtir, sendo menos importantes que os curtidores. Talvez por isso os documentos sejam poucos em deixar rasto do seu trabalho. Surrador é aquele que surra

³⁶⁵ Faleceu a 12 de Novembro na freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁶⁶ Padrinho de baptismo de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁶⁷ A 21 de Junho de 1595, foi baptizada sua filha Antónia na freguesia de S. Sebastião. Casado com Maria Fernandes. Foi padrinho Domingos Rodrigues, sapateiro.

o couro. Surrar peles significa «tirar-lhe o pelo e limpar-lhe o carnaz» (BLU-TEAU, 1789,II: 434). O surrador também sabia tingir peles.

Curtidores e surradores eram profissionais de menor importância do que os sapateiros. De facto, estes últimos eram muitas vezes responsáveis por curtir e surrar as peles de que necessitavam (ver sub-capítulo sobre os sapateiros).

Segundo o regimento lisbonense de 1572, os surradores deviam saber «mui bem fazer peles em preto de vaca e de cordovão*», «fazer peles vermelhas moradas, douradas, amarelas, baías e brancas», «fazer peles de carneira vermelhas e brancas do carnaz», bem como «escodado de cordovão*» (CORREIA, 1926: 86-87).

Os surradores vimaranenses faziam (ALMEIDA, 1930: 56-57):

Tabela XXVI

Surradores: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Quantidade	Custo (reais)
Surrar peles de cordovão*	para botas* e borzequins* de preto	Dúzia	100
	uma só pele	1	10
Surrar peles	para botinas* e cervilhas* de preto	dúzia	60
	de roxo e amorado	dúzia	180
	de amarelo e dourado	dúzia	240
D'efestado (?)	que entram cervilhas* e forros	dúzia	90
Cano em branco	para borzequins* ou botas*	dúzia	100
Surrar	ilhargas de vaca de preto	par	15
	cabeças de sapato ou sapatos de preto	par	10
	ilhargas de molho (?) e de outras cores		30
	ilhargas de baio		20
	Pele escudada		15
Tingir uns borzequins*	Do avesso		10

7.57 Taberneiro

Encontramos referência a um único taberneiro, em 1595, de seu nome Pedro Brás. Seguramente que em Guimarães haveria mais tabernas, mas a documentação apenas deixa conhecer esta.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1595.11.03	Pedro Brás ³⁶⁸	Guimarães, Praça	Taberneiro	A. M. A. P., P-359 · Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.16

Taberneiro é o dono de uma taberna ou o que nela vende vinho. A taberna é uma loja onde se vende vinho ao copo, mas também comida. Em 1552, em Lisboa, havia «300 tabernas em que vendem vinho» (BRANDÃO, 1990: 206).

No regimento lisbonense dos taberneiros de 1572 define-se que os taberneiros que tivessem pão para servir na taberna, deveriam dispor de balança, pois o pão tinha de ser vendido a peso. O mesmo se obriga quanto ao vinho, devendo o taberneiro possuir medidas «afiladas pelo afilador*» (CORREIA, 1926: 186).

É interessante atentar no que diz o regimento sobre as falcatruas que se faziam no vinho: «e qualquer taberneiro que lançar gesso, ou qualquer confeição no vinho, ou sal ou água salgada ou doce, ou qualquer outra coisa ainda que boa e cheirosa seja» paga multa (CORREIA, 1926: 186).

O regimento permite a venda de vinho gessado de fora do reino, mas, para isso este tinha de «primeiro ser visto pelo físico da cidade». E, se o taberneiro obtinha a licença respectiva, era ainda obrigado a ter «à porta da taberna uma bandeira amarela do tamanho de meia folha de papel para ser notório como é vinho gessado» (CORREIA, 1926: 187).

Os taberneiros vimaranenses, tal como aqueles que vendiam azeite, eram obrigados, em 1531, a medi-lo «sobre o funil na vasilha dos que comprarem sob pena de que cada vez que o medirem fora do funil e que não estiverem sobre as vasilhas das partes que paguem» multa (FARIA, 1997: 54).

³⁶⁸ A 3 de Novembro de 1595, foi baptizada sua filha Maria, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Esperança Miranda. Foram padrinhos André Afonso Peixoto e Maria Pacheca, filha do boticário.

7.58 Tanoeiro

No século XVI, encontramos referência a dois tanoeiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1515	Afonso Pires ³⁶⁹	Guimarães	Tanoeiro	A. M. A. P., C-617, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 12 A, fl.25
1583.05.27 ³⁷⁰ ; 1585.12.01 ³⁷¹	Pedro Gonçalves	Guimarães, freguesia de S. Sebastião	Tanoeiro	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.2; P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.24v

Não nos parece que a arte da tanoaria tivesse tido grande importância em Guimarães, pelo menos não se encontraram muitas referências a tanoeiros. Sobre este ofício vale a pena consultar a obra de Silvestre Lacerda - *A arte da tanoaria* (LACERDA, 1997).

No regimento dos tanoeiros lisboenses de 1572, refere-se que estes mestrais tinham de saber fazer quatro peças: «um tonel, uma pipa, um quarto, tudo de meação, e um barril de quatro almudes» (CORREIA, 1926: 126).

Através das taxas vimaranenses de 1552 ficamos a saber o que faziam os tanoeiros da vila e seu termo (ALMEIDA, 1930: 154).

Tabela XXVII

Tanoeiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Tamanhos	Custo (reais)
Pipa	de meação	21 almudes	250
Tonel		40 a 50 almudes	500
Quarto		10 almudes	140
Barril		6 almudes	100
		3 a 4 almudes	70
		1 a 2 almudes	50
Barça*	com sua cobertoura*, que leve	1 arroba de carne	30
		2 arrobas de carne	50

³⁶⁹ Tinha trazido emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada sitas na rua da Arrochela. À data estavam emprazadas a um cônego.

³⁷⁰ A 27 de Maio de 1583 foi testemunha de um casamento realizado na freguesia de S. Sebastião.

³⁷¹ Testemunha do baptizado de uma criança na freguesia de S. Sebastião.

Selha ou balde			30
Lançar um arco	numa pipa		2
	em tonel		4

7.59 Tecedeira

Apenas encontramos referência a uma tecedeira, Joana Martins, em 1440-1441. Segundo Bluteau, tecedeira é «a mulher que tece o pano» (BLUTEAU, II: 447).

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1440-41	Joana Martins ³⁷²		Tecedeira	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido n.º 1, fl.14

Que diferença existiria entre uma tecedeira e um tecelão ou tecelã? Talvez tecedeira seja a que tece o linho singelo, e tecelão(ã) seja o que tece o linho ou outras fibras com ornamento ou para executar peças específicas - toalhas, guardanapos, etc. (Veja-se o sub-capítulo referente a tecelão).

Em 1308, já havia em Guimarães mulheres que teciam e fiavam. Pois, através de uma carta de D. Dinis ficamos a conhecer os abusos perpetrados pelo pretor do rei contra os habitantes de Guimarães, no período em que decorria a feira. Este obrigava a que os «[alfagemes?] não sangrem nem cerceiem, nem os ferreiros não ferrem as bestas*, nem os alfaiates, nem os sapateiros não cosam, nem as mulheres não fiem, nem teçam» (ALMEIDA, 1923: 31).

Através do foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, ficamos a saber que em Guimarães se vendia «linho* em cabelo, fiado ou por fiar, que não seja tecido, e assim de lã e de feltros*, burel*, mantas da terra» (MEIRELES, 1994: 58).

Em Lisboa, em 1551, existiam 123 tecedeiras (OLIVEIRA, 1987: 99).

³⁷² Trazia emprazadas umas casas do Cabido da Colegiada de Guimarães sitas na "Rua Sapateira até à rua de S. Domingos".

7.60 Tecelã e tecelão

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a duas tecelãs e catorze tecelões³⁷³.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1410.06.18	João Martins	Guimarães	Tecelão	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.9v
1424.11.06	Fernanda Afonso		Tecelã	A. M. A. P., A.2.3.39, 221, fl.25
1440-41 ³⁷⁴ ; 1450.01.20; 1453-54 ³⁷⁵	João Afonso		Tecelão	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.32v; C-928 (nota antiga: livro 11), fl.25v; C-607, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 4, fl.27v
1441-1451(?)	João Eanes ³⁷⁶	Guimarães	Tecelão	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.1
1441-1451(?)	Álvaro Eanes ³⁷⁷		Tecelão	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3v
1453-54	Gil Afonso ³⁷⁸		Tecelão	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.54v
1456.11.05; 1456.09.11	Álvaro Pires	Guimarães, rua de Santa Luzia	Tecelão	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.34v e fl.35
1457.01.22	Afonso Esteves ³⁷⁹	Guimarães, rua Caldeira	Tecelão	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.32v
1577.01.01 ³⁸⁰ ; 1588.06.15 ³⁸¹ ; 1589.01.10 ³⁸²	António Álvares	Guimarães, rua de Santa Luzia	Tecelão	A. M. A. P., P-54 - Livro paroquial Misto nº1 de S. Pedro de Azurém, fl.8v, fl.14v e fl.16
1585.04.15	Catarina Eanes ³⁸³	Guimarães, rua Caldeira	Tecelã	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.130

³⁷³ Também encontramos referência a um tecelão, Afonso Eanes, morador na freguesia de Polvoreira, concelho de Guimarães, em dois documentos, um datado de 1411 (1411.01.07); e outro de 1413 (1413.03.10). A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 10), fl.14v e fl.33v.

³⁷⁴ Trazia emprazada uma almuinha com sua casa, do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na "Carrapatosa e rua Caldeira".

³⁷⁵ Trazia emprazada uma almuinha, do Cabido da Colegiada de Guimarães, sita na rua Caldeira.

³⁷⁶ Pagava dois capões de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁷⁷ Pagava duas galinhas de renda por uma almuinha que trazia emprazada ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sita nos Trigães e hortas do prior.

³⁷⁸ Trazia emprazado um casal, do Cabido da Colegiada de Guimarães, sito na freguesia de Santa Comba de Montelongo, que agora estava emprazado a seu filho.

³⁷⁹ Tinha um filho chamado Martim Afonso.

³⁸⁰ A 1 de Janeiro de 1577 foi baptizado seu filho Salvador, na freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁸¹ Padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁸² Padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Pedro de Azurém.

³⁸³ Faleceu nessa data. Morreu pobre. Tinha uma filha.

1591.10.06	André Mendes ³⁸⁴	Guimarães	Tecelão	A. M. A. P., P-437 - Livro paroquial Misto de S. Sebastião, fl.10
1591.12.01	Mateus Nogueira ³⁸⁵	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Tecelão	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.2v
1594.08.29	Jorge Vaz ³⁸⁶	Guimarães	Tecelão	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.76
1595.08.15	António Gonçalves ³⁸⁷	Guimarães, rua das Oliveiras	Tecelão	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.82v
1595.08.23	Gonçalo Gonçalves ³⁸⁸	Guimarães, Campo da Feira	Tecelão	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.82v
1595.12.30	João Pires ³⁸⁹	Guimarães, Cano	Tecelão	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.16v

Segundo o regimento dos tecelões lisboenses de 1572, um tecelão «que quiser usar e por tenda do dito ofício saberá urdir uma teia e deitá-la em sua conta» e «saberá apontar qualquer pente de qualquer conta e saberá apontar mui bem e enliçar uma emprechadura e repassará como cumpre a bom oficial». Sendo homem «saberá assentar um tear que fique certo nas medidas que são necessárias como cumpre a bom oficial, e as mulheres, ainda que o não saibam assentar, não deixarão por isso de ser examinadas porque lhes bastará buscarem quem o assente». E o que se quisesse «examinar de toalhas de Flandres saberá apontar um pente de Veneza dobrada e repassar, e começará a teia e fará meia vara de obra, e dos outros labores dará razão de prática como se fazem, e dando-a como deve, será havido por suficiente, e lhe passarão a sua carta de examinação assinada pelos juizes do ofício e pelo tecelão de toalhas que se tomar por terceiro, a que darão juramento dos Santos Evangelhos para o dito exame» (CORREIA, 1926: 164-165).

Tal como sucedia com o ofício de sapateiro, também neste era possível obter-se a carta de examinação para um tipo específico de produção, havendo os que produziam obra delgada e grossa e os que só produziam obra grossa, não deixando por isso de ser examinados «para que possam ganhar sua vida, e assim irá

³⁸⁴ Nessa data, sua filha Catarina Gonçalves casou com Baltasar Gonçalves, sombreireiro. Casamento realizado na Igreja de S. Sebastião.

³⁸⁵ A 1 de Dezembro de 1591, foi baptizado seu filho Manuel na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Rodrigues. Foi madrinha Marinha da Costa, mulher de Salvador Pires, mercador.

³⁸⁶ A 29 de Outubro de 1594, foi baptizado seu filho Bartolomeu, na freguesia de S. Sebastião. Casado com Filipa Fernandes.

³⁸⁷ A 15 de Agosto de 1585, foi baptizado seu filho Lourenço na freguesia de S. Sebastião. Casado com Vitória Rebelo.

³⁸⁸ A 23 de Agosto de 1595, foi baptizado seu filho Salvador na freguesia de S. Sebastião. Foi padrinho Jerónimo Eanes, carpinteiro, da Praça.

declarado na carta de examinação o de que cada um for examinado para se saber de que pode usar» (CORREIA, 1926: 165). Através do foral vimaranense dado à vila por D. Manuel, em 1552, ficamos a saber distinguir o que se entende por panos finos, os «de seda ou de lã, ou de algodão, ou de linho» e panos grossos, «panos baixos e grossos» (MEIRELES, 1994: 57 e 58).

Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, refere-se a venda de panos de cor, picotes*, burel*, «segovianis» (panos de Segóvia?), manta galega, feltro*, panos de linho e bragal* (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 174-176; VMH, 1931: 218-219).

Os tecelões vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: toalhas de linho ou estopa*, com «lavors de Veneza ou de Damasco*»; guardanapos de «lavor de Damasco*», e panos de várias qualidades. A matéria-prima que lhes era entregue para que a tecessem a «tomavam» a peso e a peso a entregavam, não tendo direito a merendas (ALMEIDA, 1930: 156).

Note-se o fabrico de guardanapo, cuja largura variava entre 30 e 60 cm (2 ou 3 palmos), já usado nesta época, a par das toalhas. Também no Inventário da Infanta D. Beatriz (1507), mãe de D. Manuel, constam «dois guardanapinhos d'Holanda, que têm lavors nos cabos» (FREIRE, 1914: 90).

Tabela XXVIII

Tecelões de toalhas: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Medida de comprimento	Custo (reais)
linho avincado ou estopa*	de lavor de Veneza ou de lavor de damasco*, de vara e meia de largo	vara	50
	de lavor de Veneza ou de lavor de damasco*, de vara e terça		40
linho ou estopa* delgada	de vara de largo		30
estopa* grossa			25
guardanapos	de lavor de Veneza, de 3 palmos de largo		15
	de lavor de Veneza, de 2 palmos de largo		8
Ligonjas (?)			5
pano	de 4 palmos para riba de largo		15
	delgado, de 3 até 4 palmos		7 ^{1/2}

³⁸⁹ A 30 de Dezembro de 1595, foi baptizado seu filho João, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Leonor Fernandes.

	avincado		3
estopa*	de sedero		2
	de restelo		1 1/2

7.61 Tendeira e Tendeiro

Encontramos referência a seis tendeiros e duas tendeiras. Tendeiro é «o que tem tenda e vende nela» (BLUTEAU, II: 451). Apenas pela designação de tendeiro não se consegue perceber o que este venderia, pois existiam tendas de diversos produtos.

Data	Nome do Interventente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1400.10.02	Constança Eanes ³⁹⁰	Guimarães	Tendeira	A. M. A. P., A.2.3.39, 187, fl.10
1440.02.10	Gabriel Afonso ³⁹¹		Tendeiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 262, fl.13v-14
1440-41	Álvaro Vasques ³⁹²		Tendeiro	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido n.º 1, fl.69
1441-1451(?)	Diogo Gonçalves ³⁹³		Tendeiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.3
1441-1451(?)	Diogo Lourenço ³⁹⁴		Tendeiro	A.M.A.P., 9-1-70, Tombo dos Capões e das Galinhas, fl.1
1476.04.01	Violante Afonso	Guimarães	Tendeira	A. M. A. P., C-729, doc. avulso
1531.05.12	Manuel Fernandes	Guimarães	Tendeiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)
1453-54	Diogo Lourenço ³⁹⁵	Guimarães, Rua das Mostardeiras	Tendeiro ("que era")	A. M. A. P., C-607, Livro da Fazenda do Cabido n.º 4, fl.21

Na reunião da vereação vimaranense, realizada em 23 de Fevereiro de 1531, determina-se que «porquanto os tendeiros da Praça não querem levantar as cordas dos alpendres da Praça que foi feito para serventia da vila e se acolherem os que andam na Praça, e têm a dita serventia ocupada

³⁹⁰ Mãe de João Vasques; Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 187, fl.10).

³⁹¹ Mordomo e Procurador, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 262, fl.13v-14).

³⁹² Trazia emprazado o Casal da Quinta, da freguesia de Santa Cristina de Caide, do Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁹³ Pagava duas galinhas de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas na rua das Mostardeiras.

³⁹⁴ Pagava dois capões de renda por umas casas que trazia emprazadas ao Cabido da Colegiada de Guimarães.

³⁹⁵ Trazia emprazadas umas casas, do Cabido da Colegiada de Guimarães, sitas rua das Mostardeiras, que estavam agora emprazadas a Vasco Eanes, alfaiate.

com cordas sobre estas e soltas e outras coisas de tenda, que logo recolham tudo às boticas, e às suas custas, e dentro vendam, e não tenham nenhuma coisa de fora da porta e fora das boticas, nos alpendres» (FARIA, 1997: 30).

Em 1551, em Lisboa, havia 150 tendeiros e tendeiras (OLIVEIRA, 1990: 97).

7.62 Telheiro

Nos séculos XV e XVI, não encontramos referência a telheiros no burgo vimaranense.

Não sabemos se, entre o século X e o século XII, se produziu telha e olaria, no aro de Guimarães. Temos de esperar pelo século XIII para detectar produção de telha em freguesias do actual concelho vimaranense, Candoso, Silvares e Creixomil (BARROCA, 1993: 159-170).

Pela documentação que temos compulsado em busca dos oleiros vimaranenses quer-nos parecer que pouca ou nenhuma telha se produziria, em Guimarães, desde a baixa Idade Média. Talvez as referências à telha no século XVI sejam respeitantes apenas à sua venda. No foral manuelino dado à vila, em 1517, assinala-se a venda de telha e tijolo (MEIRELES, 1994: 63) e, nas Taxas para a Vila de Guimarães, de 1552, referem-se os preços de venda do tijolo e da telha (ALMEIDA, 1930: 155):

Tabela XXIX

Tijolo e telha: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Medida	Custo (reais)
tijolo	quadrado para chaminés e assim forrado para repartimentos, de marca maior	milheiro	800
	sendo mais pequeno, posto na vila		600
telha	Um carro de telha, de trezentas telhas	300 telhas (=carro)	150

7.63 Tintureiro

Nos séculos XV e XVI, não encontramos referência a tintureiros no burgo vimaranense.

Segundo o regimento lisbonense de 1572, os tintureiros ao serem examinados tinham de saber tingir «nas cores seguintes: primeiramente tingirá um pano fino vermelho e outro amarelo; item tingirá um pano baixo leonado; item uma palmilha verde; item tingirá um pano preto; item tingirá em laranjado, atanado roxo e pardo quaisquer peças que lhe derem a fazer. E querendo-se também examinar de seda fará as cores que à dita seda pertencem» (CORREIA, 1926: 170-171). Mais obriga o regimento a que «nenhum oficial do dito ofício terá mais que uma tenda, a esta terá na sua própria casa em que morar com suas mulher e filhos» (CORREIA, 1926: 173).

A taxa de preços de 1552 informa-nos sobre os preços do tingimento de vestes, em Guimarães (ALMEIDA, 1930: 155):

Tabela XXX

Tingir roupa: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Quantidade	Custo (reais)
Tingir de preto	fraldilha* de mulher	1	40
	capa* de homem		40
	Pelote* de homem		30
	Mantilhinha* de mulher		8
	Sainho* de mulher		10
	pano de linho ou de estopa*		vara
Tingir de tinta de cores	capa* de homem ou fraldilha* de mulher	Por cada cor	60
	mantilhinhas* e sainhos* ³⁹⁶	Por cada cor	15

Será que já existiam tintureiros, em Guimarães, nos séculos XV e XVI? No foral manuelino dado à vila, em 1517, refere-se que se não pague portagem «do pano e fiado que se mandar fora a tecer e pisar, curar ou tingir» (MEI-

³⁹⁶ Nota: Eduardo Almeida leu no manuscrito «sainhas», mas cotejando o documento verificou-se que se deve ler «sainhos».

RELES, 1994: 56), o que pode querer dizer que não existiam tintureiros na vila. Por outro lado, lendo-se uma «petição» entregue à Câmara, em 1669, pelos representantes dos Mesteres, pelos religiosos dos conventos da urbe e pelo Povo, fica-se com a ideia de que o tingimento dos panos se teria iniciado na vila pouco antes dessa data. Assim diz a petição: «poucos anos há que se introduziram nesta Vila uns homens tintureiros de panos de lã, e logo foi mostrando a experiência ser ofício prejudicial ao bem comum dela e sua comarca» (CARVALHO, 1939-1951, VII: 173).

7.64 Torneiro

No século XVI encontramos referência a dois torneiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1531.04.28	Francisco Gonçalves	Guimarães	Torneiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 63)
1531.05.12	Gonçalo Afonso	Guimarães	Torneiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 78)

Segundo o regimento lisbonense de 1572, havia torneiros de obra grossa e delgada. Os torneiros de obra grossa tinham de saber fazer: uma polé de uma e de duas rodas, uma polé de bolinas, um colhão, um cadernal* e um cadernal de três rodas. E os de obra delgada: meio jogo de xadrez, uma pereira grande de mesa fechada com seu dente, um carro de menino acabado, um cristel (não será canistrel?)³⁹⁷ de pão todo acabado, um pião de pavilhão, um tear de franja acabado, um bocal de borracha cerrado, dois tornos de pipa, um grande e um pequeno. Neste regimento também se inclui no mester de torneiro «o que se quiser examinar de obra de corno a que também os juízes examinarão por pertencer a sue ofício, fará uma poeira* e um tinteiro*» (CORREIA, 1926: 122).

Os torneiros vimaranenses faziam obra de osso e de madeira: poeira* preta de osso, tinteiros* grandes e pequenos, cabos de sovelas, bocais de borracha, trinchos*, torno de pipa, cabos de podão e de almofaça* (ALMEIDA, 1930: 155).

³⁹⁷ Talvez seja uma má leitura do documento. Poderá tratar-se de um canistrel - «cabaz ou cesta para pão, fruta, etc.» (BLUTEAU, 1789, I: 226).

Tabela XXXI

Torneiros: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Características	Quantidade	Custo (reais)
Poeira*	de osso preta		30
Tinteiro*	grande		20
	pequeno		10
Cabo de sovela		dúzia	20
Bocal de borracha			30
Trinchos* ou (?)			50
Torno de pipa ou tonel			3
Cabo de podão			4
Cabo de almofaça*	de espinheiro		4

7.65 Tosador

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a cinco tosadores.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, emprazamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1440-41	Pêro Domingues ³⁹⁸	Guimarães	Tosador	A. M. A. P., C-604, Livro da Fazenda do Cabido, n.º 1, fl.20
1453.08.06; 1459.12.14	Afonso Álvares	Guimarães	Tosador	(MARQUES, 1981: 298-299); A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 12), fl.7
1465.05.21 ³⁹⁹ ; 1467.07.27	Vasco Afonso	Guimarães, Praça	Tosador	(MARQUES, 1981: 315); A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 12), fl.21
1595.03.14	Bastião Vaz ⁴⁰⁰	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Tosador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.14v
1595.10.08	Jerónimo Brás ⁴⁰¹	Guimarães	Tosador	A. M. A. P., P-441 - Livro paroquial de nascimentos de S. Sebastião, fl.83v

Segundo o regimento lisbonense de 1572 os tosadores tinham de saber «tosar e frisar um vintaquatreno de Córdoba» e um «arbim*». Tinham tam-

³⁹⁸ Pai de Gonçalo Pires que trazia emprazadas umas casas do Cabido da Guimarães na “rua do Postigo até Santa Maria”.

³⁹⁹ “Sob o alpendre da praça da dita vila, cerca do tabuleiro onde tosa Vasco Afonso, tosador” (MARQUES, 1981: 315).

⁴⁰⁰ A 14 de Março de 1595, foi baptizado seu filho Jerónimo, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Gonçalves.

bém de saber preparar «todo o género de panos» e de saber quais os panos que deviam ou não ser molhados antes de ser frisados (CORREIA, 1926: 173).

Os tosadores vimaranenses, segundo as taxas de 1552, tosavam: panos de grã escarlate*, de Castela ou da Serra, de Contrain ou arbim* frisado, de Refino (?), de Perpignan, de Londres, de Lille, de Menim (?), de Paris, de Ruão e de Nior (ALMEIDA, 1930: 154).

Como se pode verificar chegavam a Guimarães panos provenientes de várias cidades da Europa o que comprova a importância do tráfico de longo curso e o gosto da época por tecidos importados.

Tabela XXXII

Tosadores: taxa de preços (Guimarães, 1552)

Designação	Medida	Características	Custo (reais)
Tosar	covado	grã escarlate*	15
		pano de Castela ou da Serra	4
		Contrain ou arbim* frisado	7
		Contrain, Refino(?), Perpignan, Londres da cidade, Lille, Menim, Paris, Ruão ⁴⁰²	6
		Ypres ⁴⁰³ e quapas*	4
		fuus e trofis (?)	5
		pano de Londres vilagem	5
		pano de gordalate azuis e niortes (de Nior)	4
cardar		Pano para dó	2

Aos tosadores vimaranenses dedica A. L. de Carvalho, no seu estudo sobre «Os mesteres de Guimarães», um capítulo (CARVALHO, 1939-1951, VII: 183-189).

⁴⁰¹ Padrinho de baptizado de uma criança da freguesia de S. Sebastião.

⁴⁰² «de tosar hum covado de comtrain refino e perpinhão e londres de cidade e lilla menin, paris e ruão». Para mais fácil leitura actualizamos a grafia das localidades que conseguimos identificar: comtrain, refino (=Rufina?, Itália) e perpinhão (=Perpignan, França) e londres (=Londres, Inglaterra) de cidade e lilla (=Lille, França) menin (=Menim, Bélgica), paris (=Paris, França) e ruão (=Rouen, França).

⁴⁰³ Nota: Eduardo Almeida leu no manuscrito «pre», mas cotejando com o original lê-se «Item de hum covado dipre e quapas». Ou seja refere a cidade de Ypres, na Bélgica, tal como anteriormente referiu outras cidades. Quanto a quapas não sabemos qual o seu significado.

7.66 Trabalhador

No século XVI encontramos referência a 1 trabalhador.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1593.06.19	António Gonçalves ⁴⁰⁴	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Trabalhador	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.6v

Por trabalhador deve entender-se aquele que exerce trabalho não especializado. As taxas vimaranenses de 1552 informam que um trabalhador «a trabalhar com pedreiros e com outros oficiais em qualquer outro serviço» recebia, com direito a alimentação, por dia, 15 reais (ALMEIDA, 1930: 156).

Não conseguimos perceber exactamente qual a distinção feita entre trabalhador e jornaleiro. Talvez que o termo trabalhador seja utilizado para quem não fazendo trabalho especializado colabora com mesterais, e, jornaleiro seja utilizado para aqueles que colaboram em actividades ligadas à agricultura. Não esquecer que, para além do trabalhador e jornaleiro nos aparece também o termo braceiro.

7.67 Vinhateiro

Nos séculos XV e XVI encontramos referência a nove vinhateiros.

Data	Nome do interveniente	Localização (residência, oficina, empraçamento)	Ofícios e mesteres	Fonte (A.M.A.P)
1421.02.15	Afonso Lourenço ⁴⁰⁵		Vinhateiro	A. M. A. P., A.2.3.39, 213,fl.30
1457.01.22	Álvaro Gomes	Guimarães	Vinhateiro	A. M. A. P., C-928 (nota antiga: livro 11), fl.32
1531.01.23	Martim Eanes		Vinhateiro	Vereações 1531, (FARIA, 1997: 21)

⁴⁰⁴ Trabalhador nas casas de Manuel Antunes. A 19 de Junho de 1593, foi baptizada sua filha Catarina, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Catarina Gonçalves. Foram padrinhos Belchior Gonçalves, alfaiate do Cano, e Barbara, solteira.

⁴⁰⁵ Confrade, Confraria Serviço de Santa Maria (A. M. A. P., A.2.3.39, 213,fl.30).

1531.01.23	Pêro Afonso		Vinhateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 21)
1531.01.23; 1531.02.06 ⁴⁰⁶ ; 1531.03.23;	João Dinis		Vinhateiro	Vereações 1531 (FARIA, 1997: 21, 28 e 48)
1593.12. __	Pedro Brás ⁴⁰⁷	Guimarães, Praça	Vinhateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.8v
1594.07.20	Salvador Vieira ⁴⁰⁸	Guimarães, Oliveira do Castelo	Vinhateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.10v
1594.11.18	Domingos Fernandes ⁴⁰⁹	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Vinhateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.13
1595.06.01	António Gonçalves ⁴¹⁰	Guimarães, freguesia de Oliveira do Castelo	Vinhateiro	A. M. A. P., P-359 - Livro paroquial Misto de Oliveira do Castelo, fl.15v

Segundo Bluteau, vinhateiro é «agricultor de vinhas e fabricante de vinho» (BLUTEAU, 1789, II: 527).

Mestre António, em 1512, diz que no Entre-Douro-e-Minho existiam muitas vinhas: «porque nesta comarca há aí pão e vinho em partes delas muito especiais, e em outras partes não tão boas como todo para os naturais dela em muita abastança. Que há pé de vide na dita comarca que dá uma pipa de vinho de vinte almudes e mais, e destas há muitas sem cavar, e sem redrar*, e sem tapar, senão de três em três anos, e estas pegadas em árvores ou em latadas» (ANTÓNIO, 1959: 446).

Em Lisboa, em 1551, existiam 38 vinhateiros (OLIVEIRA, 1987: 98).

⁴⁰⁶ Arrematou, juntamente com Tristão Ribeiro, a sisa do vinho pelo lanço de 101 mil réis.

⁴⁰⁷ Em Dezembro de 1593, foi baptizada sua filha Maria, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Esperança Miranda.

⁴⁰⁸ A 20 de Julho de 1594, foi baptizado seu filho António, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Antónia Gonçalves.

⁴⁰⁹ A 18 de Novembro de 1594, foi seu filho Domingos, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Leonor Fernandes.

⁴¹⁰ A 19 de Junho de 1595, foi baptizado seu filho Francisco, na freguesia de Oliveira do Castelo. Casado com Maria Jorge. Foram padrinhos Torcato Peixoto, alcaide e Polónia Gonçalves, pasteleira.

Glossário

Este glossário inclui alguns termos referidos no texto e que nos pareceram de mais difícil compreensão.

Açacalar - O mesmo que polir, brunir. Viterbo define do seguinte modo o termo açagador «o que açacalava, polia, dava corte e afiava todo o género de ferramentas e armas (...). Açagador é uma forma divergente de açacalador (...), por sua vez, derivado de açacalar, proveniente de um substantivo masculino açacal que nos proveio do árabe aç-çaqâl, alfageme, brunidor de armas, de çaqala: pulir. Variantes açagador, açagador» (VITERBO, 1966, I: 161. Ver tb. 163). O termo açacalar aparece referido no regimento dos barbeiros lisboenses (1572): «Item há-de saber amolar e *açacalar* ferros de lanças e quaisquer armas e assim mesmo todas as ferramentas de cortar que lhe demandarem e lhe derem que amole» (CORREIA, 1926: 61-63).

Adaga - Arma semelhante a um punhal. «Arma curta, pontiaguda, como punhal, que se trazia à cinta, da parte oposta aonde vinha a espada, dela se serviam também os que jogavam à espada; hoje é desusada, daqui dizemos 'ser do tempo das adagas', qualquer coisa antiquada» (BLUTEAU, 1789, I: 25). Os banheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam «uma banha de *adaga* com sua faca» (ALMEIDA, 1930: 54).

Adem - Pato selvagem que se encontra na Europa, na Ásia e na América. O mesmo que pato-real. Plural: adens (Veja-se HOUAISS, 2002, I: 104). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se, entre a caça, «coelhos, lebres, perdizes, patos, *adens*, pombos, galinhas e de todas outras aves e caça» (MEIRELES, 1994: 59).

Adubar - Temperar, condimentar os alimentos com temperos, condimentos, adubos ou especiarias. Viterbo, no «Elucidário», aduz elementos interessantes (VITERBO, 1966, I: 234).

Adubos - Condimentos, temperos, com que se aduba, condimentam, temperam os alimentos. Segundo o regimento lisboense de 1572, o pasteleiro «que se quiser examinar e pôr tenda do dito ofício há-de saber fazer a obra seguinte»: pastéis de 5, 10, 20 e 50 reais; «*empadas** para o tempo do pescado»; «*pastel real*», «*pastel de frangão ou pombinho*». Tinha também de saber «os *adubos* que hão-úe levar os ditos pastéis de vaca, carneiro e porco, assim no Inverno como no Verão, porque cada tempo requer os seus *adubos* diferentes,

e acerca dos ditos adubos o examinarão de prática com perguntas que farão» (CORREIA, 1926: 222). // O mesmo que espécies.

Aferidor - Pessoa responsável por aferir ou afilar os pesos e medidas usados para medir e pesar os produtos. // O mesmo que afilador. Veja-se aferir.

Aferir - Bluteau define aferir como «cotejar os pesos e medidas usuais com os padrões das Câmaras, para se não fraudar o público, e declarar com certas marcas como estão conformes. Examinar a exactidão das balanças e declarar do mesmo modo a sua justeza» (Bluteau, 1789, I: 33). // O mesmo que afilar.

Afilador - Ver aferidor. No regimento lisbonense dos taberneiros, de 1572, define-se que se os taberneiros tiverem pão para servir na taberna, devem dispor de balança, pois o pão tem de ser vendido a peso. O mesmo se obriga quanto ao vinho, devendo o taberneiro possuir medidas «*afiladas pelo afilador*» (CORREIA, 1926: 186).

Afilar - Ver aferir.

Água destilada - Água obtida por destilação e usada sobretudo com fins farmacêuticos e cosméticos. Viterbo explicita: «água de cheiro, perfume: 'água rosada e outras *destiladas águas* de que os viçosos homens usam no tempo da paz, todo se ali achava por dinheiro segundo cada um queria' (Cf. João I, cap. 114, p. 220)» (VITERBO, 1966, I: 266-267).

Águas estiladas - Ver água destilada. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, entre os produtos de «marçaria e semelhantes», refere-se «todos os perfumes ou cheiros, ou *águas estiladas*» (MEIRELES, 1994: 60).

Albarda - «sela grosseira, cheia de palha, usada principalmente no lombo dos animais de carga» (DICIONÁRIO, 2001, I: 149). Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os albardeiros faziam «*albarda* de burel ou liteiro, para azémola» e, «*albardilha* de andilhas» (ALMEIDA, 1930: 52).

Albardilha - Albarda de menores dimensões usada com as andilhas e vulgarmente utilizada pelas mulheres que montavam a cavalo. Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os albardeiros

faziam «albarda de burel ou liteiro, para azémola» e, «*albardilha* de andilhas» (ALMEIDA, 1930: 52). // Ver albarda e andilhas.

Albarrada - Recipiente para líquidos, dispoñdo de bico e asa. Os aprendizes de oleiro lisboenses, em 1572, para obterem o grau de mestre de «louça branca de Talaveira» tinham de bem saber fazer, entre outras peças, uma «*albarrada* de canada de água» (CORREIA, 1926: 143). Os banheiros vimaranenses faziam, entre outras peças, «caixa para *albarrada* maior» (ALMEIDA, 1930: 54). Refira-se que hoje em dia, se define albarrada como vaso com duas asas, para flores, o que não corresponde ao conceito arcaico de albarrada.

Alcorque - Bluteau grafa alcorques e define-os como «chapins antigos de meia capelada» (BLUTEAU, 1789, I: 66). Houaiss diz ser «espécie de sandália com sola de cortiça» (HOUAISS, 2002, I: 187). Segundo o regimento dos sapateiros lisboenses datado de 1572, um sapateiro, para ser examinado com a finalidade de obter o grau de oficial do seu ofício, tinha de saber «mui bem fazer uns borzequins, e uns sapatos de quartel, e uns pantufos de homem de cortiça, e umas cervilhas, e umas sapatas de mulher, e uns pantufos outrossim de mulher de dois dedos de altura, e uns *alcorques*, e umas pantufadas. E se houver de usar de pantufos de toda a sorte fará outro de quatro dedos» (CORREIA, 1926: 76). // Ver capeladas e chapim.

Aldraba - «Tranqueta de ferro. Peça de bater às portas, pendente delas» (BLUTEAU, 1789, I: 54); «pequena tranca metálica para fechar a porta, com dispositivo por fora para abrir e fechar; ferrolho; (...) peça móvel de metal, em forma de argola, mão, etc, que se prende às portas e que serve para bater, chamando a atenção de quem se encontra do lado de dentro; batedor, batente» (HOUAISS, 2002, I: 188). Os serralheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: *aldrabas* estanhadas, sendo as maiores «para porta» (ALMEIDA, 1930: 153). Através do regimento lisboense de 1572, ficamos a conhecer o que competia a um serralheiro fazer: «todo o oficial que se examinar quiser saberá fazer (...) uma *aldraba*» (CORREIA, 1926: 55).

Aldrabão - Aldraba grande. Através do regimento lisboenses de 1572, ficamos a conhecer o que competia a um serralheiro fazer: «todo o oficial que se examinar quiser saberá fazer (...) um *aldrabão* que feche de dentro e de fora com duas cobertas» (CORREIA, 1926: 55).

Aldrava - Ver aldraba.

Aljaba - Ver *aljava*.

Aljava - Bolsa usada a tiracolo, normalmente feita em couro e na qual se guardavam as setas usadas para atirar com o arco. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correiros de obra delgada deviam saber fazer, entre outras peças, «uma *aljava* chã, bem acabada» (CORREIA, 1926: 88). Os correiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, também faziam «*aljava* lavrada e guarnecida de seda de cores para vinte tiras» (ALMEIDA, 1930: 60-61). // O mesmo que *aljaba*.

Almadraque - Espécie de colchão grosseiro sobre o qual se coloca o colchão propriamente dito. Para Bluteau é «colchão grosseiro, enxergão, cochim, almofada» (BLUTEAU, 1789, I: 62). Viterbo, no seu «Elucidário», aduz vários elementos interessantes sobre o *almadraque* (VITERBO, 1966, I: 386-388). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os estalajadeiros eram obrigados a ter camas disponíveis, obedecendo a certas regras: por exemplo, a cama de um escudeiro deveria ser composta por «um *almadraque* e um colchão e dois lençóis e um cobertor de papa e um travesseiro enfrornado», e, a cama de um «homem de pé» deveria ter «um *almadraque* e dois lençóis e uma manta do Alentejo e cabeça» (CORREIA, 1926: 189-192).

Almafreixe - Ver *almofreixe*.

Almofaça - Utensílio; espécie de escova com dentes de ferro com que se limpam as cavalgadas. Os serralheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam «*almofaças* de quatro ordens» (ALMEIDA, 1930: 153).

Almofrexe - Ver *almofreixe*.

Almofreixe - Bluteau diz ser «cousa sobre que se estende ou em que se guarda a cama. É *almofrexe* uma espécie de mala ou saco de pano ou de couros, da largura de colchão, em que se leva a cama que serve no caminho» (BLUTEAU, 1712, I: 274); «mala grande para colchões e camas de jornada» (BLUTEAU, 1789, I: 64). Segundo Viterbo «hoje dizemos *almofrexe*, que é uma mala grande, saco ou malotão em que se leva ou estende a cama nas jornadas. Entre as insignificantes peças e trastes de que constava o religiosíssimo espólio do venerável D. Fr. Salvado, Bispo de Lamego, inventariado no ano de 1350, e vendido a leilão, se acha esta verba: It. Hum *almofreixe* velho: rematado em seis soidos» (VITERBO, 1966, I: 413. Ver tb. *Almafreixe*, p. 389-390). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correiros de obra grossa tinham

de saber fazer, entre outras peças, um *almofreixe* (CORREIA, 1926: 87). Os correieiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam guarnições de *almofreixe* de um encarga e de dois encarga (ALMEIDA, 1930: 60). // O mesmo que *almofreixe*, *almofrexe*.

Almotolia - Vasilha bojuda, de gargalo estreito, com ou sem bico, sempre com asa no sentido oposto ao bico e que se destina a conter líquidos, normalmente azeite. Tem uma forma semelhante à bilha, só que é de pequenas dimensões, tendo uma capacidade nunca superior a cerca de meio litro. Pode ser produzida em barro fosco sem vidro ou com vidro plumbífero ou estanífero. O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quiser de louça vermelha saberá» fazer, entre outras peças «*almotolias*»; e o «que se examinar quiser de louça vidrada verde saberá fazer», entre outras, peças «*almotolias* grandes e pequenas» (CORREIA, 1926: 143). // O mesmo que *almonteria*, *almonteriga*, *almonteria*, *almontriga*, *amontaria*, *amotolia*, *montaria*, *azeiteira* e *gorguleta*.

Almuinha - Campo agrícola que se cultiva. Segundo Viterbo, «não se deve tomar esta palavra tão estreitamente por horta ou pomar que se não estendesse, algumas vezes, a significar também um prédio urbano ou campo tapado sobre si, e não longe do povoado, que natural ou artificialmente se rega, e que não só é apto para dar frutas e hortaliças mas também linho, milho e toda a casta de frutos» (VITERBO, 1966, I: 423).

Alquorques - Ver *alcorques*.

Alveitar - Aquele que cuida e trata de modo empírico os animais. Antigamente era arte exercida pelos ferradores // Ver *alveitaria*.

Alveitaria - Arte de cuidar e tratar de modo empírico os animais, antigamente exercida pelos ferradores. Através do regimento lisbonense de 1572 ficamos a saber que os ferradores eram examinados sobre a «arte do ferrar e qualidade dos cascos das bestas, e pelos remédios para curar as encravaduras, como pelo que toca à arte da *alveitaria*». De facto, os ferradores, para além de ferrarem os animais, tinham de «saber conhecer as dores que vêm às bestas pelos sinais que em elas vêm, se lhes procedem de sangue, se de frio, se de inchamento, se de muito trabalho, e saber-lhe dar as mezinhas segundo o caso for» e saberão «sangrar uma besta aguada ou resfriada e dar-lhe os remédios convenientes ao caso» (CORREIA, 1926: 65-66).

Andilhas - Segundo Bluteau, é «armação sobre albarda, onde se sentam mulheres que vão a cavalo» (BLUTEAU, 1789, I: 82). Para Houaiss, trata-se de «sela de madeira com pequeno encosto, que se coloca sobre a cavalgadura para amparar quem monta sentado; cadeirinha» (HOUAISS, 2002, I: 272). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correeiros de obra grossa tinham de saber fazer, entre outras peças, umas *andilhas* guarnecidas (CORREIA, 1926: 88). Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os albardeiros faziam «albarda de burel ou liteiro, para azémola» e «albardilha de *andilhas*» (ALMEIDA, 1930: 52). // Ver albardilha.

Anil - Planta da qual se extrai uma massa empregue para tingir os tecidos a azul (anil). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «merçaria e semelhantes», sendo aí arrolado «*grão anil brasil* e de todas coisas para tingir» (MEIRELES, 1994: 60).

Arbim - Para Bluteau, é «tecido grosseiro que se trazia por luto» (BLUTEAU, 1789, I: 107). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os tosadores tinham de «mui bem frisar um arbim» (CORREIA, 1926: 173), e os vimaranenses, segundo as taxas de 1552, tosavam, entre outros, panos de «Contraí ou *arbim* frisado» (ALMEIDA, 1930: 154). Viterbo, no «Elucidário», aduz elementos interessantes (VITERBO, 1966, I: 551).

Asado - Recipiente cerâmico, com a forma de uma panela de barro, possuindo sempre asas (ou uma ou duas asas). O regimento dos oleiros lisbonenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quiser de louça vermelha» devia saber «mui bem fazer», «quaisquer panelas e *asados* que lhe forem demandados» (CORREIA, 1926: 143). // O mesmo que azado.

Atafona - Normalmente, considera-se o termo sinónimo de moinho, ou seja, de engenho de moer o grão, os cereais. No entanto, há também atafonas de moer a azeitona, a casca de carvalho (utilizada na curtimenta dos curtumes), o vidro (para o vidrado cerâmico), o barro (para fazer as peças cerâmicas). Por isso, tem de se entender em que acepção o termo é aplicado no documento que se está a analisar. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, diz-se quanto se deve pagar de portagem pelas mós: «e de mós de barbeiro, 2 reais, e das de moinhos ou *atafona*, 4 reais. E de casca ou azeite, 6 reais. E por mós de mão para pão ou mostarda, 1 real. E quem trazer ou levar as ditas coisas para seu uso, não pagará nenhuma coisa de portagem» (MEIRELES, 1994: 63).

Atanor - Ver tenor.

Azado - Ver asado.

Azemala - Ver azémola.

Azémola - Besta de carga. Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os albardeiros faziam «albarda de burel ou liteiro, para *azémola*» e que os ferradores faziam ferraduras de «*azémola grande*» (ALMEIDA, 1930: 52 e 63). // O mesmo que azemala.

Balsa - Ver barça.

Barça - Espécie de dorna usada quer para colocar as uvas a fermentar, depois de terem sido pisadas (VITERBO, 1966, II: 15), quer para salgar carne. Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os tanoeiros faziam *barças* com suas coberturas, que levassem uma 1 ou 2 arrobas de carne (ALMEIDA, 1930: 154). // O mesmo que balsa.

Barjoleta de cavalgar - «bolsa grande, ou mochila de coiro ou lençaria grossa, que se leva às costas com coisa usual, tem coberta» (BLUTEAU, 1789, I: 168). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correeiros de obra delgada deviam saber fazer, entre outras peças, «uma *barjoleta* de cavalgar bem acabada» (CORREIA, 1926: 88).

Berça - Couve galega. Na descrição que mestre António faz, em 1512, do Entre-Douro-e-Minho, refere que, aí, se podem adquirir, facilmente e a bom preço, «ceítal de pão, e de candeia, e de mostarda, e de berças, e de nabos, e de alfaces, e de cebolas, alhos e rabãos e de todas frutas e outras muitas coisas» (ANTÓNIO, 1959: 448).

Berceira - Mulher que vende berça, ou seja, couve galega. Nas constituições de Braga promulgadas pelo arcebispo D. Luís Peres, nesse ano [1477], determinou-se que ‘os especieiros, enxergueiros, regatões, padeiras, *berceiras*, taberneiras, fruteiras e mostardeiras e assim quaisquer outros vendedeiros... em todos os dias que a Santa Madre Igreja manda guardar de todo o labor não vendam pão, nem carne, nem outra alguma coisa, até ser tangido o sino acostumado em fim a pregação da nossa Sé’» (ARNAUT, 2000: 25).

Besta - 1. Cavalgadura; 2. Arma. «Arma de atirar setas, pelouros. Consta de arco, corda, a qual se traz ao disparador que está no meio do pau em cuja

extremidade está o arco, e solta ela dispara o tiro com violência» (BLUTEAU, 1789, I: 180). Segundo o regimento lisbonense de 1572, o besteiro tinha de saber «mui bem conhecer o aço que pertence para fazer uma *besta*, e caldeá-lo, e reparti-lo. E saberá fazer um arco de qualquer feição que lhe for requerido e assim as guarnições para as coronhas - chaves, arricaves, fusis, chapas e calços» (CORREIA, 1926: 68). Os besteiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, levavam, por cada arrátel de aço lavrado para *arco de besta*, 80 reais, e, sendo-lhes dado o aço para fazer a vara do arco, levavam, de feitio, 50 reais (ALMEIDA, 1930: 54).

Bisagra - Dobradiça de mesa. Através do regimento lisbonenses de 1572, ficamos a conhecer o que competia a um serralheiro fazer: «todo o oficial que se examinar quiser saberá fazer (...) *bisagras* de mesa» (CORREIA, 1926: 55). Os serralheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam, entre outras peças, «uma *misagra* de mesa» (ALMEIDA, 1930: 153). // O mesmo que *misagra*, *bisagra*. Bluteau diz ser «dobradiça de porta», o que não nos parece ser a aceção correcta (BLUTEAU, 1789, I: 183).

Bordalo - Peixe. O mesmo que robalo (?). No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se, entre o «pescado de água doce», as «trutas, *bordalos* ou bogas» (MEIRELES, 1994: 61).

Borzeguim - Calçado. Bota de cano alto, que pode chegar até meio da perna, usualmente em couro, que se ata com cordões. Assim o define Bluteau, «bota justa atacada, que chega à metade da perna; hoje dizemos botins» (BLUTEAU, 1789, I: 192). No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se o que se paga de portagem por «*sapatos borzequins* e de toda outra calçadura de couro» (MEIRELES, 1994: 59). Segundo o regimento dos sapateiros lisbonenses datado de 1572, um sapateiro para ser examinado com a finalidade de obter o grau de oficial do seu ofício tinha de saber «mui bem fazer uns *borzequins*, e uns sapatos de quartel, e uns pantufos de homem de cortiça, e umas cervilhas, e umas sapatas de mulher, e uns pantufos outrossim de mulher de dois dedos de altura, e uns alcorques, e umas pantufadas. E se houver de usar de pantufos de toda a sorte fará outro de quatro dedos» (CORREIA, 1926: 76). Os sapateiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, executavam, entre outras peças, «*borzequins* de bom cordovão de nove pontos para cima, que cheguem um conto acima do joelho» e, «*borzequins* de homem, de carneira» (ALMEIDA, 1930: 58 e 59).

Bota - Calçado que cobre o pé e a perna, por vezes, indo até à coxa. Os sapateiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, executavam, entre outras peças, «cabeças de *botas* de cordovão e vaca», «boas *botas* de cordovão de uma sola de 9 pontos para cima que dêem por meia coxa», «*botas* de vaca de nove pontos para cima de ilhargas da terra de duas solas que dêem por meia coxa» (ALMEIDA, 1930: 58 e 59).

Botina - Calçado. Bota de mulher ou criança. Os sapateiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, executavam, entre outro calçado para mulher, «*botinas* de sola e vira, pretas, de 5 pontos para cima», botinas «de cores», «cabeças das ditas *botinas* sendo de sola e vira» e «*botinas* empantufadas» (ALMEIDA, 1930: 58-59). // Ver também botina empantufada.

Botina empantufada - Botina cuja sola é de cortiça. // Ver botina

Bragal - Tecido grosseiro. Segundo Bluteau é «pano grosso atravessado de muitos cordões, que se tece na Beira e em Trás-os-Montes. *Chrn. Cisterc.* Dele se fazem toalhas e com ele se cobre a amassadura da farinha para levar» (BLUTEAU, 1789, I: 195). Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, refere-se a venda de «panos de linho ou de *bragal*» (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 175). No primeiro foral vimaranense, outorgado pelo Conde D. Henrique, algures entre os anos de 1095 e 1096, faz-se referência à venda de *bragal* (FORAL, 1996).

Brandão - Vela grossa, de cera. Os cerieiros, segundo o regimento lisbonense de 1572, ao serem examinados tinham de saber fazer tochas, círios e *brandões* brancos de Confraria (CORREIA, 1926: 218).

Brida - Segundo Bluteau, são «as rédeas do cavalo pegadas ao freio: o freio todo. *Cavalgar à brida*, opõem-se à gineta; o que cavalga à brida leva estribos longos em que se apoia quase com as pontas dos pés e a perna estirada» (BLUTEAU, 1789, II: 199). Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os correeiros faziam uma guarnição de cavalo de *brida* perfeita - rédeas, refrancas, cilhas, loros, correias para esporas e cabeçadas, bem como loros de *brida* dobrados e singelos (ALMEIDA, 1930: 60).

Burel - Tecido grosseiro de lã tingida de cor parda, castanha ou preta. Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, refere-se a venda de «burel» (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 175). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, assinala-se o pagamento de portagem,

dos seguintes produtos: «de linho em cabelo, fiado ou por fiar que não seja tecido, e assim de lã e de feltros, *burel*, mantas da terra, e dos outros semelhantes panos baixos e grossos» (MEIRELES, 1994: 58). Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os albardeiros faziam «albarda de *burel* ou liteiro, para azémola» (ALMEIDA, 1930: 52). // Ver também picote.

Burzeguim - Ver borzeguim.

Cabeçal - Um tipo específico de travesseiro. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os estalajadeiros eram obrigados a ter camas disponíveis, obedecendo a certas regras: por exemplo, a cama de um escudeiro deveria ser composta por «um almadrague e um colchão e dois lençóis e um cobertor de papa e um travesseiro enfronhado», e a cama de um «homem de pé» deveria ter «um almadrague e dois lençóis e uma manta do Alentejo e *cabeçal*» (CORREIA, 1926: 189-192).

Cabresto - Arreio de corda com que se prende a cavalgadura na estrebaria e que também serve para a conduzir, enquanto se cavalga. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correeiros de obra grossa tinham de saber fazer, entre outros utensílios, «um *cabresto* de destro com seu cabo outrossim pespontado de linha» (CORREIA, 1926: 87).

Cadeira de espaldas - Cadeira de encosto, ou seja, com costas. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correeiros de obra grossa tinham de saber fazer, entre outras peças, uma *cadeira de espaldas* (CORREIA, 1926: 87). Os correeiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, também faziam guarnições para *cadeiras de espaldas* e rasas (ALMEIDA, 1930: 60-61). // Oposto de cadeira rasa

Cadeira rasa - Cadeira sem encosto, sem costas. Os correeiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam guarnições para *cadeiras de espaldas* e *rasas* (ALMEIDA, 1930: 60-61). // Oposto de cadeira de espaldas.

Cadernal - Segundo Bluteau, «moldura ou encaixe onde estão e jogam roldanas» (BLUTEAU, 1789, I: 211). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os correeiros de obra grossa tinham de saber fazer, entre outros utensílios, «um *cadernal* e um *cadernal de três rodas*» (CORREIA, 1926: 122).

Caixa de cor - Recipiente destinado a conter as cores ou arrebuques [cosmético para o rosto], usados para ornamentação da face. Os banheiros vimaranenses faziam, em 1552, «*caixa de color* de 1 e 2 ordens» (ALMEIDA, 1930: 54). A comprovar esse uso, podemos citar um texto de Frei Lucas de Santa Catarina (1660-1740), no qual este indica o que uma verdadeira Senhora deveria ter no seu toucador: «Terá esta Senhora o seu toucador o melhor que houver, e quando o não possa ter, terá uma banquinha, com seu espelhinho de espeque, e assim na mesma banquinha tudo quanto pertencer à crena da cara, que será um vidro de água do rosto, uma *tigelinha de cor*, uma boceta de pós, com sua borla, alfinetes de toda a casta, para pregar o que suceder, ou os tristes, ou os laços, ou algum cabelo que estiver desinquietao, *tigelinha* com branduras, um vidro de óleos de jasmims (...)» (RODRIGUES, 1983: 160-161).

Calças - Peça de vestuário inteiriça, que se veste por baixo, que se usa na parte inferior do corpo, e que cobre cada uma das pernas, em separado. As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem ficar a conhecer quais as peças de roupa talhadas pelos alfaiates vimaranenses e quais os seus preços, aí se referindo, entre o vestuário para homem, vários tipos de calças: «*calças* chãs com suas barras direitas», *calças* «de pear e cortadas e forradas do mesmo pano», *calças* «apestanadas e cortadas» (ALMEIDA, 1930: 51). // Ver também calças de pear.

Calças de pear - Peça de vestuário, um tipo de calças. Bluteau diz que devem ser «calças de traje antigo, talvez justas» (BLUTEAU, 1789, I: 175). // Ver também calças. As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem ficar a conhecer quais as peças de roupa talhadas pelos alfaiates vimaranenses e quais os seus preços, aí se referindo, entre o vestuário para homem, *calças* «de pear e cortadas e forradas do mesmo pano» (ALMEIDA, 1930: 51). // Ver também calças.

Capa - Peça de vestuário que se coloca sobre os ombros cobrindo parte ou a totalidade do corpo, e que pode ou não ter mangas. Existiam diferentes modelos de capa. No primeiro foral vimaranense, outorgado pelo Conde D. Henrique, algures entre os anos de 1095 e 1096, faz-se referência, à venda de manto, *capa* e saia (FORAL, 1996). Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, refere-se a venda de diversas peças de vestuário, entre as quais, *capa de homem*, «tanto de cor como de outro pano» (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 175). Através das taxas para a vila de Guimarães

e seu termo, datadas de 1552, ficamos a saber que os alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, «*capa aberta* de capelo chã», com ou sem bainha, com ou sem debrum, «*capuz comprido*», «*capa de raia* com capelo e mangas», podendo ser chã ou debruada, «*capa lombarda* ou mantéu», com ou sem debrum (ALMEIDA, 1930: 50-51).

Capa lombarda - Ver mantéu.

Capeladas - «Correias do chapim» (BLUTEAU, 1789, I: 229) // Ver alcorque.

Capelo - Peça de vestuário. Capuz com que se cobre a cabeça. Através das taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, ficamos a saber que os alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, «*capa aberta de capelo chã*», com ou sem bainha, com ou sem debrum, «*capuz comprido*», «*capa de raia* com capelo e mangas», podendo ser chã ou debruada, «*capa lombarda* ou mantéu», com ou sem debrum (ALMEIDA, 1930: 50-51). // Ver também capuz.

Capuz - Peça de vestuário que cobre e protege a cabeça. Através das taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, ficamos a saber que alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, «*capa aberta de capelo chã*», com ou sem bainha, com ou sem debrum, «*capuz comprido*», (ALMEIDA, 1930: 50). // Ver também capelo.

Casca de curtir - Casca retirada do carvalho e utilizada na curtimenta dos curtumes. Através do regimento lisbonense dos curtidores (1572) ficamos a saber que a estes competia «grosar couros brancos de peça e cochar, lavar, curtir e empalamar cordovão e atestados», bem como saber «remeter cordovão marroquil», e que se lhes proibia vender solaria «molhada nem coberta com casca, senão enxuta e fora da dita casca» (CORREIA, 1926: 81-87). Os curtidores vimaranenses, na curtimenta do couro, para além da casca de carvalho que compravam aos atafoneiros de casca usavam também sumagre (ALMEIDA, 1930: 61). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1552, vem referida a comercialização de «sumagre e *casca de curtir*» (MEIRELES, 1994: 62).

Cervilha - Calçado. Bluteau considera cervilhas «sapatinhos de coiro fino para dançar» (BLUTEAU, 1789, I: 259). Mas, ao compulsar-se as taxas de Guimarães, de 1552, fica-se com a ideia que cervilhas são sapatos para homem (?). Segundo o regimento dos sapateiros lisbonenses, datado de 1572, um sapatei-

ro, para ser examinado com a finalidade de obter o grau de oficial do seu ofício, tinha de saber «mui bem fazer uns borzequins, e uns sapatos de quartel, e uns pantufos de homem de cortiça, e umas *cervilhas*, e umas sapatas de mulher, e uns pantufos outrossim de mulher de dois dedos de altura, e uns alcorques, e umas pantufadas» (CORREIA, 1926: 76). Os sapateiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *cervilhas* de cordovão e também de carneira, em várias cores (ALMEIDA, 1930: 58). // Ver também chapim.

Chã - Simples, singela.

Chamalote - Tecido de pelo de camelo, e por analogia, em Portugal, tecido de pelo de cabra. As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem saber quais as matérias-primas utilizadas na confecção das peças de vestuário - solia, chamalote, seda, fustão e pano. Nestas se faz referência a: vestuário de homem - um «pelote de solia ou de *chamalote*», «uma jórnea de *chamalote* ou solia», «gibão de solia ou *chamalote*», «roupão de pano debruado, de seda, solia ou *chamalote*»; e de mulher, «saio alto para mulher, sendo de *chamalote* ou solia», «mantilha de fustão, de *chamalote* ou de solia», «cós de seda, *chamalote* ou solia», «sainho de *chamalote* ou solia», «cota de *chamalote*» (ALMEIDA, 1930: 51-52).

Chapim - Calçado. Sapato de couro, alto e com sola de cortiça. Segundo Bluteau é «calçado de 4 ou 5 solas de sobreiro, para realçar a estatura de mulheres» (BLUTEAU, 1789, I: 263). No século XVI, os estatutos do convento de Santa Clara, de Guimarães, proibem o uso de chapins: «além de estameinha ou «sellicio» [sic] se podem trazer duas túnicas, entendei que debaixo do hábito de cima se pode trazer fraldilhas, ou mantéus, e gibões de pano honesto segundo costume, e que não podeis trazer *chapins* abertos por diante, e outro calçado que se dispensa que tragais se entende ser baixo e não em altura em que se enxergue vaidade ou opinião» (MARTINS, 1952: 109). No «Elucidário», refere-se que chapins são «uma espécie de calçado, que se equivocava com as chinelas e pantufos. Constava de quatro ou cinco solas de cortiça, formosamente cobertas e pespontadas. Disto usavam as senhoras e outras que o não eram, querendo, por este modo, acrescentar um côvado mais à sua estatura. Vem este termo de *sapino*, que é o pinheiro alvar, de que em Itália se fazia este calçado» (VITERBO, 1966, II: 94). A proibição de usar sapatos altos, por tal ser sinónimo de vaidade, volta a ser defendida na Crónica Seráfica. Quando o cronista se refere a Madre Soror Paula dos Santos, do convento de Santa Clara, de Guimarães, informa que esta «largou logo os

chapins, por se apeiar desta vaidade (que o tempo antigo introduziu nos mosteiros e, hoje, continua em alguns com título de observância)» (SOLEDADE, 1709: 713). No regimento lisbonense dos sapateiros, de 1572, afirma-se que «o que se quiser examinar de obra de *chapins* saberá fazer três pares de chapins, a saber uns de altura de sete dedos e outro de cinco e outros de três e serão de feitio portugueses» (CORREIA, 1926: 77). Os sapateiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *chapins* de mulheres, de cores (ALMEIDA, 1930: 59). // Ver também cervilha.

Chapins - ver chapim.

Chuça - Arma. Pau com ferro pontiagudo, agulhão, numa das pontas e que era usado como lança. Os barbeiros vimaranenses, em 1552, faziam *hastes de chuça* (ALMEIDA, 1930: 53).

Círio - Tocha grande, de cera. Os cerieiros, segundo o regimento lisbonense de 1572, ao ser examinados, tinham de saber fazer quer tochas, *círios* e brândões brancos de Confraria, quer arcadas de *círios verdes torcidos* ou de *círios amarelos*. Tinham também de saber «embicar» um «círio de três arrobas para cima e acrescentar-lhe-ão um palmo de boca» (CORREIA, 1926: 218-222).

Cobertor - Pedaco de tecido encorpado, de lã, algodão, liteiro, e outros materiais, colocado por cima dos lençóis e com que se cobre o corpo e a cama. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os estalajadeiros eram obrigados a ter camas disponíveis, obedecendo a certas regras: por exemplo, a cama de um escudeiro deveria ser composta por «um almadrague e um colchão e dois lençóis e um *cobertor de papa* e um travesseiro enfrornado», e a cama de um «homem de pé» deveria ter «um almadrague e dois lençóis e uma manta do Alentejo e cabeçal». Na cama, era permitido dormir «nela três pessoas ou mais» (CORREIA, 1926: 189-190). Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *cobertores*, chãos ou debruados, grandes ou pequenos (ALMEIDA, 1930: 52). // Ver também cobertor de papa.

Cobertor de papa - Cobertor espesso feito de lã. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os estalajadeiros eram obrigados a ter camas disponíveis, obedecendo a certas regras: por exemplo a cama de um escudeiro deveria ser composta por «um almadrague e um colchão e dois lençóis e um cobertor de papa e um travesseiro enfrornado» (CORREIA, 1926: 189-190). // Ver também cobertor.

Cobertoura - Testo, tampa de um recipiente. Em Guimarães, em 1552, os taneiros faziam barças com suas *cobertouras*, que levassem uma 1 ou 2 arrobas de carne (ALMEIDA, 1930: 154).

Colchão - Espécie de saco, recheado de palha, lã, penas e outros materiais, colocado na horizontal sobre um estrado ou cama, sobre o qual se dispõe os lençóis e no qual o homem descansa ou dorme. João Brandão refere a existência, em Lisboa, em 1552, de «12 tendas de colchoeiros», que fazem «esparavéis», e de «20 homens e mulheres que andam pela cidade fazendo e consertando colchões» (BRANDÃO, 1990: 188, 196 e 197). Segundo o regimento lisbonense de 1572, os estalajadeiros eram obrigados a ter camas disponíveis, obedecendo a certas regras: por exemplo, a cama de um escudeiro deveria ser composta por «um almadrague e um *colchão* e dois lençóis e um cobertor de papa e um travesseiro enfronhado», e a cama de um «homem de pé» deveria ter «um almadrague e dois lençóis e uma manta do Alentejo e cabeçal». Na cama, era permitido dormir «nela três pessoas ou mais» (CORREIA, 1926: 189-192). // Ver também almofreixe.

Conteira - Segundo Bluteau é «peça de metal com que se reforça a ponta da bainha da espada» (BLUTEAU, 1789, I: 318). Os serralheiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam, entre outras peças, *conteiros* envernizadas (ALMEIDA, 1930: 153).

Cordovão - Couro de cabra curtido. Segundo o regimento lisbonense de 1572, os surradores deviam saber «mui bem fazer peles em preto de vaca e de *cordovão*», «fazer peles vermelhas moradas, douradas, amarelas, baias e brancas», «fazer peles de carneira vermelhas e brancas do carnaz», bem como «*escodado de cordovão*» (CORREIA, 1926: 86-87). Em 1552, Os surradores vimaranenses, entre outras tarefas, deviam «*surrar uma dúzia de peles de cordovão* que dêem botas e borzeguins de preto», os curtidores, deviam «*curtir uma dúzia de peles de cordovão*», e os sapateiros faziam calçado diverso em *cordovão*: sapatos, cabeças de botas, borzeguins, cervilhas e sapatas de mulher.

(ALMEIDA, 1930: 55 e 56, 57-59).

Cós - Peça de vestuário feminino, com ou sem mangas e cuja forma exacta desconhecemos. Em 1552, os alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, *cós* para mulheres, com ou sem mangas, em seda, chamalote, solia ou pano (ALMEIDA, 1930: 51).

Cota - Peça de vestuário feminino. Espécie de vestido cintado, de um modo geral, comprido e que podia ou não ter cauda (rabo), na parte posterior, que se arrastava pelo chão. Em 1552, os alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, cotas de rabo forradas e debruadas e, cotas para mulheres ou moças de servir (ALMEIDA, 1930: 51-52).

Cota de rabo - Ver cota.

Damasco - Tecido «composto por um efeito de fundo e de um efeito de desenho constituídos pela face teia e pela face trama de um mesmo ponto; apresenta uma decoração reversível, tendo numa das faces o fundo opaco e os motivos brilhantes e, na outra face, o fundo brilhante e os motivos opacos» (ALARCÃO; CARVALHO, 1999: 375) Os tecelões vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: toalhas de linho ou estopa, com «*lavoros de Veneza ou de Damasco*»; guardanapos de «*lavor de Damasco*» e panos de várias qualidades (ALMEIDA, 1930: 156).

Empada - Pastel de massa coberto e recheado de carne, peixe ou marisco e que é cozido em forno de ar quente. Para Bluteau, trata-se de «espécie de pastel de massa, que contém dentro carne ou peixe, a massa é sovada, e mais grossa do que a dos pastéis» (BLUTEAU, 1789, I: 475). Segundo o regimento lisbonense de 1572, o pasteleiro «que se quiser examinar e pôr tenda do dito ofício há-de saber fazer a obra seguinte»: pastéis de 5, 10, 20 e 50 reais; «*empadas para o tempo do pescado*»; «pastel real», «pastel de frangão ou pombinho». Tinha também de saber «os adubos que hão-de levar os ditos pastéis de vaca, carneiro e porco, assim no Inverno como no Verão, porque cada tempo requer os seus adubos diferentes, e acerca dos ditos adubos o examinarão de prática com perguntas que farão» (CORREIA, 1926: 222). // Veja-se também pastel.

Enfusa - Ver infusa.

Enxerca - Pedacos de carne em salmoura ou defumada (?). Diz Viterbo: «Enxerqua - Enxerca. Carne de enxerqua a que se vende fora do açougue, e a olho, ou talvez de chacina e salmoura. No foral, que el-Rei D. Manuel deu a Penadono, no de 1512, se diz: 'E da carne, que se comprar de talho, ou enxerqua, não se pagará nenhum direito' No foral de Numão, se diz enxerca. No de 1537, se mandou por el-rei D. João III que os quatro mosteiros da cidade do Porto, 'S. Domingos, S. Francisco, Santa Clara e Santo Elói não façam cortar mais que dois bois cada semana, para evitar a enxerqua, e vender-se a

carne a mais da taxa'. Documento da Câmara do Porto» (VITERBO, 1966, II: 222). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, diz-se que a carne era «vendida a peso ou a olho», e da que se comprar «de talho ou enxerca não se pagará nenhum direito. E de toucinho ou marrã inteiros por cada um ceitil» (MEIRELES, 1994: 59).

Enxergueiro - Ver enxerqueiro

Enxerqua - Ver enxerca.

Enxerqueiro - O que vende carne de enxerca. Nas constituições de Braga, promulgadas pelo arcebispo D. Luís Peres, nesse ano [1477], determinou-se que 'os especieiros, enxergueiros, regatões, padeiras, berceiras, taberneiras, fruteiras e mostardeiras e assim quaisquer outros vendedeiros... em todos os dias que a Santa Madre Igreja manda guardar de todo o labor não vendam pão, nem carne, nem outra alguma coisa, até ser tangido o sino acostumado em fim a pregação da nossa Sé'» (ARNAUT, 2000: 25).

Escrivaninha - Utensílio de escritório, ordinariamente dispendo de recipiente ou recipientes para tinta de escrever, ou seja tinteiros, descanso para as canetas e depósito de areia (poeira). Era feita em diversos materiais, como metal, cerâmica, vidro. Os banheiros vimaranenses faziam, entre outras peças, «cano grande de escrivantina», e os cutileiros, «tesouras de escrivantina, boas» (ALMEIDA, 1930: 54 e 55). Através do regimento lisbonense dos oficiais mecânicos, datado de 1572, ficamos a saber que banheiros faziam «caixa de barbeiro e um estojo de cirurgião e uma escrivantina tudo com suas formas»; os cutileiros faziam «ferramenta para uma escrivantina»; e os sirgueiros faziam «uma guarnição de escrivantina de cordão de dez ramos e de azelhas, bem acabado tudo» (CORREIA, 1926: 74, 73 e 158). // Ver também poeira, tinteiro.

Espalda - Encosto // Ver cadeira de espaldas

Esparavel - A palavra tem várias acepções: chapéu-de-sol; guarnição de chapéu-de-sol, espécie de folho que contorna o chapéu-de-sol; sobrecéu ou toldo que se coloca sobre o leito. Consulte-se BLUTEAU, 1789, I: 546; VITERBO, 1966, II: 230-231; HOUAISS, 2002, III: 1585. João Brandão, refere a existência, em Lisboa, em 1552, de «12 tendas de colchoeiros e fazem esparavéis» (BRANDÃO, 1990: 196).

Esparavéis - Ver esparavel.

Espécias - O mesmo que adubos, condimentos. Em 1607, os pasteleiros vimaranenses tinham de saber temperar os alimentos que preparavam com as «espécias» mais indicadas para usar, quer no Verão quer no Inverno (CARVALHO, 1939-1951, VII: 104). // O mesmo que adubos.

Especieiro - O que vende especiarias. «Nas constituições de Braga promulgadas pelo arcebispo D. Luís Peres nesse ano [1477], determinou-se que 'os *especieiros*, enxergueiros, regatões, padeiras, berceiras, taberneiras, fruteiras e mostardeiras e assim quaisquer outros vendedores... em todos os dias que a Santa Madre Igreja manda guardar de todo o labor não vendam pão, nem carne, nem outra alguma coisa, até ser tangido o sino acostumado em fim a pregação da nossa Sé'» (ARNAUT, 2000: 25).

Estopa - 1. A parte mais grossa do linho que fica no sedeiro quando o asseadam e utilizada para fiar e tecer, originando a estopa. 2. Tecido feito de estopa. Os tecelões vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: toalhas de linho ôu *estopa*, com «lavors de Veneza ou de Damasco»; guardanapos de «lavor de Damasco», e panos de várias qualidades (ALMEIDA, 1930: 156).

Estoraque - Resina aromática que se extrai da árvore com o mesmo nome e que se utiliza em farmácia e perfumaria. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «merçaria e semelhantes», sendo aí arrolados, entre outros, os seguintes produtos: «e por estoraque e por todos os perfumes ou cheiros, ou águas estiladas» (MEIRELES, 1994: 60).

Feltro - Tecido. «Tecido fabricado com filamentos de lã ou de pêlos prensados e fortemente aglutinados (TRAJE, 1992: 256). Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, refere-se a venda de feltro (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 175). Através do foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, ficamos a saber que, aí, se vendia «linho em cabelo, fiado ou por fiar que não seja tecido, e assim de lã e de *feltros*, burel, mantas da terra» (MEIRELES, 1994: 58).

Figo passado - Figo seco ao sol ou à sombra e destinado a ser comido. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «fruta seca, casca», sendo aí arrolados, entre outros, «figos passados e uvas» (MEIRELES, 1994: 62).

Fraldilha - Peça de vestuário feminino. Túnica larga e comprida que se usa por debaixo da cota e do sainho. Os alfaiates vimaranenses, em 1552, faziam, entre outras peças, fraldilha, sainho e cota para mulheres e moças de servir (ALMEIDA, 1930: 52). No século XVI, os estatutos do convento de Santa Clara, de Guimarães, determinam que: «além de estamemha ou «sellicio» [sic] se podem trazer duas túnicas, entendei que debaixo do hábito de cima se pode trazer *fraldilhas*, ou mantéus, e gibões de pano honesto segundo costume, e que não podeis trazer chapins abertos por diante, e outro calçado que se dispensa que tragais se entende ser baixo e não em altura em que se enxergue vaidade ou opinião» (MARTINS, 1952: 109).

Frigideira - Tacho largo e baixo, quase sempre com uma pega, no qual se frigem ou fritam os alimentos. Pode ser feito em cerâmica, em ferro, em cobre... O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quizer de louça vidrada verde saberá fazer (...) frigideiras» (CORREIA, 1926: 143).

Fustão - Tecido de algodão. As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem saber quais as matérias-primas utilizadas na confecção das peças de vestuário - solia, chamalote, seda, fustão e pano. Nestas se faz referência a: vestuário de homem - gibão de solia, chamalote, seda, fustão ou pano; e de mulher - mantilha de fustão, chamalote ou solia; sainho de chamalote, solia, pano ou fustão (ALMEIDA, 1930: 51-52).

Gabão atabardado - Peça de vestuário. Capote de mangas e capuz que se devia assemelhar ao tabardo. Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, tabardos com mangas e gabões atabardados e debruados (ALMEIDA, 1930: 51e 50). // Ver também tabardo.

Garnacha - Peça de vestuário feminino. Desconhecemos de que tipo. Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, ficámos a conhecer algumas das peças de vestuário, que então se usavam - zorame de homem, capa de homem de cor ou de outro pano, saia de homem, garnacha *de mulher*, zorame de mulher, saia de mulher. (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 174-176).

Gibão - Peça de vestuário. Espécie de casaco curto que se veste sobre a camisa. Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, gibões de solia, chamalote, seda, fustão ou pano (ALMEIDA, 1930: 51e 50). No século XVI, os estatutos do convento de Santa Clara, de Guimarães, determi-

nam que: «além de estamemha ou «sellicio» [sic] se podem trazer duas túnicas, entendei que debaixo do hábito de cima se pode trazer fraldilhas, ou mantéus, e *gibões* de pano honesto segundo costume, e que não podeis trazer chapins abertos por diante, e outro calçado que se dispensa que tragais se entende ser baixo e não em altura em que se enxergue vaidade ou opinião» (MARTINS, 1952: 109).

Gineta - Fêmea de ginete (cavalo); Segundo Bluteau, «montar à gineta, isto é, com os estribos curtos e com o freio apropriado» (BLUTEAU, 1789, I: 659). Os correeiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, «*rédeas e rédeas de gineta, cabeçadas e peitoral de gineta*» (ALMEIDA, 1930: 60-61). // Oposto a cavalgar à brida. // Ver brida.

Gonço - Dobradiça de porta. Os serralheiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, gonços estanhados para mesas ou arcas (ALMEIDA, 1930: 153). // O mesmo que gonzo.

Gonzo - Ver gonço.

Grã escarlate - Corante obtido através da cochinha-do-carmim e utilizado para tingir tecidos.

Grão anil brasil - Ver anil.

Infusa - Vasilha de forma bojuda, colo alto mas pouco estreito, abrindo, por vezes, junto ao bordo, dispondo ou não de bico e com asa diametralmente oposta a este. Raramente dispõe de tampa. As infusas, tal como as canecas, são peças destinadas ao serviço de líquidos, principalmente vinho, mas também água ou leite. A diferença entre a infusa e a caneca é que a primeira tem forma bojuda, colo alto e pouco estreito, e a segunda a forma de uma secção tronco-cónica invertida. O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quiser de louça vermelha saberá (...) enfornar de todo e cozer a louça, como deve por desengano do povo». Entre as peças que deveria «mui bem fazer», encontram-se as «*infusas de toda a sorte*» (CORREIA, 1926: 143).

Jaqueta - Peça de vestuário masculino. Espécie de colete com ou sem mangas.

Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, jaquetas de pano com ou sem mangas (ALMEIDA, 1930: 51).

Jórnea - Segundo Bluteau, era «vestido do feitio de meias canas ou com a feição das telhas» (BLUTEAU, 1789, I: 745). Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *jórneas* de chamalote e de solia, que podiam ser debruadas e forradas (ALMEIDA, 1930: 51).

Linho - Designação comum às plantas do gen. *Linum*, da família das lináceas. O linho é usado para produzir tecidos, cordas e papel; designa também o tecido feito com essas plantas. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, entre os «panos finos», referem-se «todos os panos de seda ou de lã, ou de algodão, ou de *linho*», e, entre o «*linho*, lã, panos grossos», refere-se «*linho em cabelo, fiado ou por fiar* que não seja tecido, e assim de lã e de feltros, burel, mantas da terra. E dos outros semelhantes panos baixos e grossos» (MEIRELES, 1994: 58-59). Nas taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, refere-se o preço de «uma cilha de *linho* de gineta com seus ferros feita em Coimbra», cabos de *cabresto de linho* e o custo do *linho em fêvera da espadela* sendo da terra, de Trás-os-Montes ou de Coimbra. Ficamos também a saber quanto ganhava um jornaleiro por *maçar linho*, e a «mulher que andar a sachar e maçar ou espadelar linho» (ALMEIDA, 1930).

Liteiro - Tecido feito de tomentos ou de retalhos de tecidos. Tecido grosseiro, tosco. Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os albardeiros faziam «albarda de burel ou *liteiro*, para azémola» (ALMEIDA, 1930: 52).

Loba - Peça de vestuário masculino. Espécie de capa aberta e sem mangas (?) (Veja-se BLUTEAU, 1789, II: 30). Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *lobas* (ALMEIDA, 1930: 50).

Loro - Segundo Bluteau é «correia dobrada que sustém o estribo e o prende à sela da besta» (BLUTEAU, 1789, II: 33). Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que os correieiros faziam uma guarnição de cavalo de brida perfeita - rédeas, refrancas, cilhas, *loros*, correias para esporas e cabeçadas, bem como *loros* de brida dobrados e singelos (ALMEIDA, 1930: 60).

Málega - Termo, por vezes, usado como sinónimo de faiança. Pelo foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, ficamos a saber que aqui se

vendia «louça de barro que não seja vidrada» e «*málega* e de qualquer louça ou obra de barro vidrada do reino ou de fora dele» (MEIRELES, 1994: 63).

Manteo - Ver mantéu.

Mantéu - Peça de vestuário. Espécie de capa curta. Através das taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, ficamos a saber que os alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, «capa lombarda ou mantéu», com ou sem debrum (ALMEIDA, 1930: 51). No século XVI, os estatutos do convento de Santa Clara, de Guimarães, determinam que: «além de estamemha ou «sellicio» [sic] se podem trazer duas túnicas, entendei que debaixo do hábito de cima se pode trazer fraldilhas, ou *mantéus*, e gibões de pano honesto segundo costume, e que não podeis trazer chapins abertos por diante, e outro calçado que se dispensa que tragais se entende ser baixo e não em altura em que se enxergue vaidade ou opinião» (MARTINS, 1952: 109).

Mantilha - Peça de vestuário feminino. Espécie de véu fino e comprido com que as mulheres cobriam a cabeça e a parte superior do corpo. Segundo Bluteau, «mantilha» é «uma espécie de manto de que usam no Porto, Coimbra e outras terras, cobrindo-se as mulheres da cabeça até pouco abaixo da cintura; mantilhas, os panos de vestir a criança» (BLUTEAU, 1789, II: 55). // Ver também mantilhinha.

Mantilhinha - Peça de vestuário feminino. Deve tratar-se de um mantilha pequena. Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *mantilhinhas* chãs e debruadas, em fustão, chamalote ou solia (ALMEIDA, 1930: 50), e os tintureiros vimaranenses tingiam, *mantilhinhas* de mulher, de preto, e *mantilhinhas* e sainhas, de tinta de cores (ALMEIDA, 1930: 155). // Ver mantilha.

Manto - Peça de vestuário feminino. Espécie de véu que assenta na cabeça e vai quase até aos pés, cobrindo a parte posterior das mulheres. Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, mantos de solia ou pano, chãos ou debruados (ALMEIDA, 1930: 51).

Marrã - O termo tem várias acepções. 1. Presunto (Veja-se MARQUES, 1996); 2. Leitão recentemente desmamado; 3. Martelo para quebrar pedra. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, diz-se que a carne era «vendida a peso ou a olho», e da que se comprar «de talho ou enxerca não se pagará nenhum direito. E de toucinho ou *marrã* inteiros por cada um ceitil»

(MEIRELES, 1994: 59). Os ferreiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, «*marrã* de quebrar pedra e cunhas» (ALMEIDA, 1930: 51).

Medidas afiladas - Medidas aferidas. // Ver aferir, aferidor.

Misagra - Ver bisagra.

Noz - 1. Fruto da noqueira. 2. «noz da besta do bodoque - peça de marfim, em que assentam a corda do arco depois de puxarem por ele e despedir a seta» (BLUTEAU, 1789, II: 121). Os coronheiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, *noz de veado e de baleia* (ALMEIDA, 1930: 51).

Pano - Tecido de linho, algodão ou lã. Somos levados a pensar que, no caso de alguns dos documentos compulsados neste artigo, o vocábulo pano, era utilizado com a acepção de tecido de linho. As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem saber quais as matérias-primas utilizadas na confecção das peças de vestuário - solia, chamalote, seda, fustão e pano. Nestas, se faz referência a vestuário de homem - gibão de solia, chamalote, seda, fustão ou *pano*; uma jaqueta de *pano*; roupão de *pano*, de seda, solia ou chamalote; e de mulher, manto de solia ou de *pano*; cós de seda, chamalote, solia ou *pano*, e sainho de chamalote, solia, *pano* ou fustão (ALMEIDA, 1930: 51-52).

Pantufa - Ver pantufo.

Pantufada - Calçado. Uma variedade de pantufo. // Ver pantufo.

Pantufo - Calçado para homem e mulher, normalmente com sola de cortiça, mas também podia ser em couro. Segundo Bluteau, é «calçado antigo que por solas tinha assento de cortiça» (BLUTEAU, 1789, II: 154). Segundo o regimento dos sapateiros lisboenses datado de 1572, um sapateiro para ser examinado com a finalidade de obter o grau de oficial do seu ofício tinha de saber «mui bem fazer», «uns *pantufos de homem de cortiça*», e «uns *pantufos outrossim de mulher de dois dedos de altura*», e «umas *pantufadas*» (CORREIA, 1926: 76-77). Os sapateiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, executavam, entre outras peças, «*pantufos de homem, de solas boas*», «*pantufos de cortiça muito bom*», «*pantufos sarrados de mulher, pretos*» (ALMEIDA, 1930: 58 e 59).

Pastel - Alimento feito de massa, recheado de carne, peixe ou doce, coberto ou não, e que é cozido em forno de ar quente. Para Bluteau é «vasosinho de massa cheio de nata, fruta, doce ou picado de carne, coberto ou descoberto, feito ao forno» (BLUTEAU, 1789, II: 168). Segundo o regimento lisbonense de 1572, o pasteleiro «que se quiser examinar e pôr tenda do dito ofício há-de saber fazer a obra seguinte»: pastéis de 5, 10, 20 e 50 reais; «empadas para o tempo do pescado»; «pastel real», «pastel de frangão ou pombinho». Tinha também de saber «os adubos que hão-de levar os ditos pastéis de vaca, carneiro e porco, assim no Inverno como no Verão, porque cada tempo requer os seus adubos diferentes, e acerca dos ditos adubos o examinarão de prática com perguntas que farão» (CORREIA, 1926: 222). // Veja-se também empada.

Pelica - Pele de carneiro curtida, que apresenta uma textura macia e uma cor branca. No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se a venda de peles «de cordeiras, raposas, martas e de toda a pelitaria ou forros», bem como «*pelicas* e roupas feitas de peles» (MEIRELES, 1994: 59-60).

Peliça - Peça de vestuário feminina confeccionada em pele ou desta forrada. No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se a venda de peles «de cordeiras, raposas, martas e de toda a pelitaria ou forros», bem como «*pelicas* e roupas feitas de peles» (MEIRELES, 1994: 59-60).

Pelitaria - Conjunto de peles. No foral manuelino dado a Guimarães, em 1517, refere-se a venda de peles «de cordeiras, raposas, martas e de toda a *pelitaria* ou forros», bem como «*pelicas* e roupas feitas de peles» (MEIRELES, 1994: 59-60).

Pelote - Peça de vestuário. Segundo Bluteau, trata-se de «vestidura portuguesa antiga como veste de abas grandes, que se trazia por baixo de capa, opa ou roupa» (BLUTEAU, 1789, II: 168). Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, pelote de homem e de moço, de solia ou chamalote, chão ou forrado dos quartos ou todo, debruado ou não (ALMEIDA, 1930: 51).

Picote - Segundo Bluteau, é «pano grosseiro, basto e áspero de que se vestem os rústicos; burel». Não nos parece que seja sinónimo de burel, pois, na carta de feira concedida a Guimarães, em 1258, por D. Afonso III, refere-se picotes e burel: «e de uma carga de cavalo de picotes ou de burel ou de «*segovanis*»» (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 175). // Ver também burel.

Poeira - Areia utilizada para polvilhar a tinta com que se acabou de escrever. Designa também o recipiente onde se guarda essa areia. Segundo o regimento lisbonense de 1572, havia torneiros «de obra de corno», que tinham de saber fazer «uma *poeira* e um tinteiro» (CORREIA, 1926: 122). Os torneiros vimaranenses faziam obra de osso e de madeira, entre a qual: *poeira preta de osso* e tinteiros grandes e pequenos (ALMEIDA, 1930: 155). // Ver também escritaninha, tinteiro.

Quadernal - Ver cadernal.

Rédeas - Correias presas ao freio da cavalgadura e de que o cavaleiro se serve para a conduzir. Os correeiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, «rédeas e rédeas de gineta, cabeçadas e peitoral de gineta» (ALMEIDA, 1930: 60). // Ver também gineta.

Redrar - Cavar de novo a vinha, para retirar as ervas.

Rheubarbo - Ver ruibarbo.

Roupão - Peça de vestuário. Casaco largo e comprido que se traz sobre outras vestes. Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, roupão debruado, de pano, seda, solia ou chamalote (ALMEIDA, 1930: 50).

Ruibarbo - Segundo Houaiss, «designação comum às plantas do género *Rheum*, da família das poliganáceas, várias com rizomas e raízes de usos medicinais» (Veja-se HOUAISS, 2002, VI: 104). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «merçaria e semelhantes», sendo, aí, arrolados os seguintes produtos: «e por ruibarbo e todas as coisas de botica» (MEIRELES, 1994: 60).

Saia - Peça de vestuário, hoje apenas feminina, mas, antigamente usada por homens e mulheres, e que cobre a parte inferior do corpo e que se segura na cintura. Pode ser também «armadura de anéis de ferro que rebate as estocadas» (BLUTEAU, 1789, II: 367). No primeiro foral vimaranense, outorgado pelo Conde D. Henrique, algures entre os anos de 1095 e 1096, faz-se referência - «manto», «capa», «saia» (FORAL, 1996). Na carta de feira concedida a Guimarães por D. Afonso III, em 1258, refere-se a venda de diversas peças de vestuário, «e o homem que comprar na feira panos para o seu corpo, dê de zorame ou de capa, tanto de cor como de outro pano dois dinheiros e de saia um dinheiro: E de garnacha ou de zorame de mulher, dois dinheiros, e de

saia, um dinheiro» (ALMEIDA, 1923: 24-28; RAU, 1982: 175). Os regimentos lisboenses de 1572 referem o «regimento dos armeiros de armas brancas e couraceiros», explicitando que «nenhum armeiro usará malha de ferrete para a deitar em saia, nem em jaco, nem em faldra, salvo em mangas, luvas e em calças. E o mesmo se fará na prata malha» (CORREIA, 1926: 59).

Sainho - Peça de vestuário feminino, que talvez se assemelhasse ao saio alto.

Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, sainho para mulher, de chamalote, solia, pano ou fustão, debruado ou não, e sainho para mulher ou moça de servir (ALMEIDA, 1930: 51).

// Ver também saio alto.

Saio alto - Peça de vestuário feminino. Segundo Bluteau, «o saio das mulheres - era como a roupa aberta de hoje, mas com a diferença de ter mangas perdidas até ao colo do braço, abertas no sangradouro, e por esta abertura se enfiava o braço não o querendo cobrir com toda a manga; e a cauda do vestido era de quatro quartos, ou para mais enfeite de 2 somente; tinham no cotovelo um bolso grande» (BLUTEAU, 1789, II: 367). Os alfaiates vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, saio alto para mulher, chamalote ou solia, sendo chão ou debruado (ALMEIDA, 1930: 51). // Ver também sainho.

Sapatas de mulher - Calçado. Segundo Bluteau é «sapatos de mulher. Espécie de bota sem canhão» (BLUTEAU, 1789, II: 375-376). Segundo o regimento dos sapateiros lisboenses datado de 1572, um sapateiro para ser examinado com a finalidade de obter o grau de oficial do seu ofício tinha de saber fazer, entre outras peças, «umas sapatas de mulher» (CORREIA, 1926: 76). Os sapateiros vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, sapatas para mulher, de couro ou cordovão; cabeças para as ditas sapatas (ALMEIDA, 1930: 58-59).

Sapato - Calçado. Segundo Bluteau é «calçado ordinário que consta de rosto, pala, salto, talão, orelhas, aperta-se com fivelas» (BLUTEAU, 1789, II: 375-376). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, entre os produtos de «calçadura», referem-se «sapatos borzequins e de toda outra calçadura de couro» (MEIRELES, 1994: 59).

Segundo o regimento dos sapateiros lisboenses datado de 1572, um sapateiro para ser examinado com a finalidade de obter o grau de oficial do seu

ofício tinha de saber «mui bem fazer», entre outras peças, «uns sapatos de quartel» (CORREIA, 1926: 76). Os sapateiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, executavam, entre outras peças, sapatos de cordovão ou vaca (ALMEIDA, 1930: 57 e 58).

Seda - Tecido de seda. Matéria produzida pelo bicho-da-seda, que se fia e tece. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, entre os produtos de «marçaria e semelhantes» refere-se «toucados de seda ou algodão» e, entre os «panos finos», «todos os panos de seda ou de lã, ou de algodão, ou de linho» (MEIRELES, 1994: 60). As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem saber quais as matérias-primas utilizadas na confecção das peças de vestuário - solia, chamalote, seda, fustão e pano. Nestas, se faz referência a vestuário de homem - gibão de solia ou chamalote, roupão de pano debruado, de seda, solia ou chamalote; e de mulher - cós de seda, chamalote ou solia. Permitem também saber que os correeiros faziam aljabas* lavradas e guarnecidas «de seda de cores» (ALMEIDA, 1930: 57, 60 e 61).

Servidor - Recipiente utilizado para urinar ou defecar. Pertence por isso ao grupo de peças destinadas aos cuidados de higiene corporal. O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que o oficial «que se examinar quiser de louça vidrada verde saberá fazer», entre outras, peças «um servidor» (CORREIA, 1926: 143). Segundo as taxas de 1552, da vila de Guimarães, vendiam-se, entre outras peças, servidores de barro fresco e servidores vidrados, por dentro, ou por dentro e por fora (ALMEIDA, 1930: 151 e 149).

Solia - Tecido de lã. As taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, permitem saber quais as matérias-primas utilizadas na confecção das peças de vestuário - solia, chamalote, seda, fustão e pano. Nestas, se faz referência a vestuário de homem - um pelote de solia ou de chamalote, uma jórnea de chamalote ou solia, gibão de solia ou chamalote, roupão de pano debruado, de seda, solia ou chamalote; e de mulher - saio alto para mulher, sendo de chamalote ou solia, manto de solia ou de pano, mantilha de fustão, de chamalote ou de solia, cós de seda, chamalote ou solia, sainho de chamalote ou solia, cota de chamalote (ALMEIDA, 1930: 57 e 60).

Sumagre - Produto usado na curtimenta dos couros. «Nome vulgar da planta arbustiva da família das anacardiáceas (*Rhus coriaria*, Ling.), espontânea em terrenos áridos, sendo também cultivada, de cuja casca e folhas se extrai

tanino; pó grosseiro que resulta da trituração das folhas e flores dessa planta, utilizado em medicina, tinturaria e curtumes.» (DICIONÁRIO, 1975-1979, II: 3480). No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se «sumagre e casca para curtir» (MEIRELES, 1994: 62). Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que aí se vendia sumagre (ALMEIDA, 1930: 61).

Tabardo - Peça de vestuário. Capa ou capote com capuz e mangas. Os alfaia-tes vimaranenses faziam, em 1552, entre outras peças, tabardos com mangas e gabões atabardados e debruados (ALMEIDA, 1930: 51e 50).

Talabarte - Cinto com suporte para a espada; cinturão. Os correeiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam: «talabartes de cordovão dobrado e pespontado com sua guarnição de ferro e tachões», «dos outros largos comuns», e «talabartes de veludo forrados e pespontados, dando-lhe o veludo» (ALMEIDA, 1930: 60).

Tenor - Recipiente de barro, vidrado ou não, usado para recolher a aguardente durante a destilação (PESSANHA, 1965). // O mesmo que atamor, tinor. O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quiser de louça vermelha saberá mui bem lavar e temperar o barro e conservá-lo com sua areia segundo convém a qualquer lavor», bem como «saberá enfornar de todo e cozer a louça, como deve por desengano do povo». Entre as peças que deveria «mui bem fazer» enumera-se: «saberá fazer cântaros e potes para ter água de meio almude, e atanores e quartões que será tudo muito bem feito e acabado e como cumpre saber qualquer bom oficial» (CORREIA, 1926: 142-143).

Tigela de fogo - Vasilha de forma esférica, utilizada para cozinhar os alimentos sobre chama directa. Através das taxas dadas à vila de Guimarães, em 1552, ficamos a saber que aí se vendia, entre a loiça vidrada, tigelas de fogo vidradas, havendo dois tamanhos (ALMEIDA, 1930: 52). O regimento dos oleiros lisboenses de 1572 determina que «o oficial que se examinar quiser de louça vidrada verde saberá fazer (...) tigelas de fogo» (CORREIA, 1926: 143).

Tinteiro - Pequeno recipiente, ordinariamente de forma cilíndrica, destinado a conter tinta para escrever. Segundo o regimento lisboense de 1572, havia torneiros de obra grossa e delgada e torneiros «de obra de corno», tendo estes últimos de saber fazer, «uma poeira e um tinteiro» (CORREIA, 1926: 122). Os torneiros vimaranenses faziam obra de osso e de madeira, entre a

qual: poeira preta de osso e tinteiros grandes e pequenos (ALMEIDA, 1930: 155). // Ver também *escrivanhinha*, *poeira*

Tocha - Vela grande, de cera. Os cerieiros, segundo o regimento lisbonense de 1572, ao ser examinados tinham de saber fazer quer *tochas*, círios e brândões brancos de Confraria, quer arcadas de círios verdes torcidos ou de círios amarelos. Tinham também de saber «embicar» um «círio de três arrobas para cima e acrescentar-lhe-ão um palmo de boca» (CORREIA, 1926: 218-222).

Trincho - Prato ou base de madeira, sobre a qual se colocam os alimentos que se vão trinchar ou comer: E, por analogia, pão sobre o qual eram pousados os alimentos que se comiam.

Os torneiros vimaranenses, segundo as taxas de 1552, faziam trinchos

(ALMEIDA, 1930: 155).

Uva passada - Uva seca ao sol ou à sombra e destinada a ser comida. No foral manuelino dado à vila de Guimarães, em 1517, refere-se a venda de «fruta seca, casca», sendo, aí, arrolado, entre outros, «figos passados e uvas» (MEIRELES, 1994: 62).

Vasquinha - Saia muito pregueada em volta da cintura. Através das taxas para a vila de Guimarães e seu termo, datadas de 1552, ficamos a saber que os alfaiates vimaranenses faziam, entre outras peças, «vasquinhas chãs e debruadas» (ALMEIDA, 1930: 50-51).

Verça - Ver *berça*.

Versa - Ver *berça*.

Visagra - Ver *bisagra*

Bibliografia

ALMEIDA, 1923

Eduardo d'Almeida - Romagem dos Séculos: o pão-nosso de cada dia: subsídios para a história económica de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1923.

ALMEIDA, 1930

Eduardo d'Almeida - Regimento de salários e preços de 1522, para Guimarães. Revista de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 40: 1-2 (1930). P. 41-63; 40: 2-3 (1930). P. 149-170.

AMORIM, 1987

Maria Norberta Simas Bettencourt Amorim - Guimarães 1580-1819: Estudo Demográfico. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

ANTÓNIO, 1959

Mestre António - Uma descrição de Entre-Douro-e-Minho. Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto. Porto: Câmara Municipal. 32: 3-4 (Set.-Dez. 1959). P. 441-460.

ARNAUT, 2000

Salvador Dias Arnaut - A arte de comer em Portugal na Idade Média. Sintra: Colares Editora, 2000.

BLUTEAU, 1712

Rafael Bluteau - Vocabulário Português e Latino. Coimbra: Colégio das Artes, 1712. vol. 1.

BLUTEAU, 1789

Rafael Bluteau - Dicionário da língua portuguesa. Lisboa: Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1789. 2 vol.

BRANDÃO, 1990

João Brandão - Grandeza e abastança de Lisboa em 1552. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

CARVALHO, 1939-1951

A. L. de Carvalho - Os mesteres de Guimarães. Guimarães: ed. do autor, 1951. 7 vol.

1º vol., ed. em 1939; 2º vol, 1941; 3º vol., 1942; 4º vol., 1943; 5º vol., 1944; 6º vol., 1946; 7º vol., 1951.

CORREIA, 1926

Vergílio Correia - Livro dos regimentos dos oficiais mecânicos da mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa: 1572. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1926.

DICIONÁRIO, 1975-1979

Dicionário de História de Portugal. Joel Serrão (coord.). Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975-1979. 6 vol.

DICIONÁRIO, 2001

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa. Lisboa: Verbo, 2001. 2 vol.

FARIA, 1997

João Lopes de Faria - Vereações: Livro dos Acordos da nobre e sempre leal Vila de Guimarães, no ano de mil quinhentos e trinta e um. Revista de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. 107 (1997) 13-166.

FERNANDES, 2002

Isabel Maria Fernandes - A olaria vimaranense: uma visão global. In Património e Indústria no Vale do Ave: um passado com futuro. Famalicão: ADRAVE, 2002. Vol. 1. P. 300-319.

FERREIRA, 1989

Maria da Conceição Falcão Ferreira - Uma rua de elite na Guimarães medieval: 1376-1520. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 1989.

FERREIRA, 1990

Maria da Conceição Falcão Ferreira - Guimarães. In Atlas de Cidades Medievais Portuguesas. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990. vol. 1. P. 15-18.

FERREIRA, 1993

Maria da Conceição Falcão Ferreira - Sinais de crise nas finanças concelhias, na Guimarães Fernandina: as Quitações de 1371. Revista de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento. 103 (1993). P 297-323.

FERREIRA, 1999

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão - Os testamentos de Pedro Afonso, Cónego de Guimarães: um querer de vontades diversas: 1494-1498. In Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in Memoriam. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Vol.1. 1999. P. 315-324.

FORAL, 1996

Foral de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, 1996.

FREIRE, 1914

A. Braancamp Freire - Inventário da Infanta D. Beatriz: 1507. «Arquivo Histórico Português». Lisboa. 9: 97-108 (1914). P. 64-110.

HOUAISS, 2002-2003

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Lisboa: Círculo dos Leitores, 2002-2003. 6 vol.

LACERDA, 1997

Silvestre Lacerda - A arte da tanoaria. Porto: CRAT, 1997.

LANGHANS, 1975

Franz Paul de Almeida Langhans - Mesteres. In Dicionário de História de Portugal. Coord. de Joel Serrão. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1975. Vol. 4. P. 282-283.

MACHADO, 2003

Maria de Fátima Machado - O Central e o local: a vereação do Porto de D. Manuel a D. João III. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

MARQUES, 1981

José Marques - A Colegiada no priorado de D. Afonso Gomes de Lemos: 1449-1487. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada: actas. Guimarães. 1981. Vol.2. P. 239-323.

MARQUES, 1984

José Marques - A confraria de S. Domingos de Guimarães: 1498. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2ª série. 1 (1984). P. 57-95.

MARQUES, 1996

José Marques - Em torno do termo Marrã. Revista da Faculdade de Letras: História. Porto: Faculdade de Letras. 2ª série. 13 (1996) 249-258.

MARTINS, 1952

Mário Martins - Os estatutos de Santa Clara de Guimarães. Revista de Guimarães. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. 62 (1952). P: 83-118.

MEIRELES, 1994

Maria José Marinho de Queirós Meireles - Carta de Foral de Guimarães: estudo codicológico. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento, 1994.

MIL ANOS, 2000

Mil anos a construir Portugal. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães; Instituto Português de Museus. Museu de Alberto Sampaio, 2000.

Catálogo de exposição.

MORAIS, 1981

Maria Adelaide Pereira de Morais - Gonçalo Lopez: mestre de pedraria. 1º Colóquio Galaico-Minhoto: actas. Ponte de Lima: Associação Galaico-Minhota, 1981. Vol.1. P. 419-450.

MORENO, 1982

Humberto Baquero Moreno - Rui da Cunha D. Prior da Colegiada de Guimarães e a política do seu tempo. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada: actas. Guimarães. 1982. Vol.5. P. 171-182.

OLIVEIRA, 1987

Cristóvão Rodrigues de Oliveira - Lisboa em 1551: sumário. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.

OLIVEIRA, 1996

António José de Oliveira - A Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães: séculos XIV-XV: seus estatutos e organização interna. 2º Congresso

Histórico de Guimarães: actas. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães; Universidade do Minho, 1996. Vol. 6. P. 57-72.

OLIVEIRA, 1999

António José de Oliveira - A Confraria do Serviço de Santa Maria de Guimarães: séculos XIV-XVI. [Texto policopiado]. Braga: Universidade do Minho, 1999.

Dissertação de mestrado.

OLIVEIRA, 2003

Oliveira, António José de - O tombo dos capões e das galinhas da Colegiada de Guimarães: séc. XV. In Os reinos ibéricos na Idade Média: Livro de Homenagem ao Prof. Doutor Humberto Carlos Baquero Moreno (Coord. de Luís Adão da Fonseca, Luís Carlos Amaral e Maria Fernanda Ferreira Santos). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Livraria Civilização, 2003. Vol.1. P. 225-243.

PEREIRA, 1981

Isaías da Rosa Pereira - Alguns documentos da Colegiada de Santa Maria de Guimarães existentes no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada: actas. Guimarães. 1981. Vol.2. P. 171-192.

PESSANHA, 1965

Sebastião Pessanha - O tenor: vasilha de adega utilizada na destilação. Lisboa: ed. do autor, 1965.

PIMENTA, 1940

Alfredo Pimenta - Livro dos roubos que os franceses e vassallos de El'Rei de França fizeram aos moradores desta vila de Guimarães e seus termo. Guimarães: Arquivo Municipal, 1940.

PINTO, 2002

Maria Elisabete de Sousa Pinto - Os curtumes em Guimarães. In Património e Indústria no Vale do Ave: um passado com futuro. Famalicão: ADRAVE, 2002. Vol. 1. P. 328-341.

PINTO, 2002a

Maria Elisabete de Sousa Pinto - O moinho de casca de Gontim, Fafe. In Património e Indústria no Vale do Ave: um passado com futuro. Famalicão: ADRAVE, 2002. Vol. 1. P. 322-326.

PROVIDÊNCIA, 2002

Paulo Providência - Levantamentos do Património Industrial do Vale do Ave. In Património e Indústria no Vale do Ave: um passado com futuro. Famliação: ADRAVE, 2002. Vol. 2.

RAU, 1982

Virgínia Rau - Feiras Medievais portuguesas: subsídios para o seu estudo. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

RODRIGUES, 1983

Graça Almeida Rodrigues - Literatura e Sociedade na obra de Frei Lucas de Santa Catarina, 1660-1740. Lisboa: Imprensa Nacional, 1983.

ROSÁRIO, 1981

António do Rosário, Frei - Convento de S. Domingos e a Colegiada de Guimarães. Congresso Histórico de Guimarães e sua Colegiada: actas. Guimarães. 1981. Vol.2. P. 57-98.

TRAJE, 1992

O Traje Império e a sua época: 1792-1826. Lisboa: Museu Nacional do Traje, 1992.

VITERBO, 1896

Sousa Viterbo - Artistas e artífices de Guimarães: notícia documental. Guimarães: Sociedade Martins Sarmiento. 33 (1896). P. 169-189.

VITERBO, 1966

Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, frei - Elucidário das palavras, termos e frases... Porto: Livraria Civilização, 1966. 2 vol.

1º ed. 1798-1799; 2ª ed. 1865.

VMH, 1931

Vimaranis Monumenta Historica: a saeculo nono post christum usque ad vicesimum. Organização de João Gomes de Oliveira Guimarães. Guimarães: Antonii Ludovici da Silva Dantas, 1931.